

A TRANSIÇÃO DA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR PARA O 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO

Conhecimentos e conceções dos Educadores de Infância,
dos Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico e as
perceções dos alunos no 1.º ano de escolaridade

Carolina Maria Belo Gomes

Provas destinadas à obtenção do grau de Mestre para a
Qualificação para a Docência em Educação Pré-Escolar e Ensino
do 1.º Ciclo do Ensino Básico

maio de 2024

VERSÃO DEFINITIVA

ISEC LISBOA / INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS
Escola de Educação e Desenvolvimento Humano

Provas destinadas à obtenção do grau de Mestre em Educação
Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

A TRANSIÇÃO DO PRÉ-ESCOLAR PARA O 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO
Conhecimentos e conceções dos Educadores de Infância, dos Professores do
1.º Ciclo do Ensino Básico e as perceções dos alunos no 1.º ano de escolaridade

Autora: Carolina Belo Gomes

Orientador: Professor Doutor José Ricardo de Oliveira C. Santos

maio de 2024

AGRADECIMENTOS

Todo este percurso não teria sido possível sem o apoio de várias pessoas muito especiais na minha vida, que contribuíram de forma direta e indireta para a concretização do Mestrado que tanto sonho desde pequena, para a construção do presente Trabalho Final de Mestrado e para a minha evolução pessoal e profissional.

Em primeiro lugar, quero agradecer à minha família, aos meus pais, ao meu irmão, ao meu namorado, à minha cunhada e às minhas sobrinhas pelo apoio incondicional que demonstraram ao longo de todo o meu percurso académico e em toda a minha vida. Obrigada por estarem sempre ao meu lado e por acreditarem incondicionalmente em mim.

Às minhas colegas da faculdade, obrigada por todos os momentos de companheirismo, alegria, compreensão e aprendizagem.

A todos os docentes do ISEC Lisboa, que de alguma forma, me apoiaram no meu crescimento académico, profissional e enquanto pessoa. Agradeço tudo o que me foi transmitido ao longo destes cinco anos. Em especial ao professor orientador Ricardo Oliveira, pela compreensão, disponibilidade e pelas novas aprendizagens.

A todos os intervenientes que me ajudaram nos meus estágios, aprendi imenso com todos, agradeço imenso a liberdade que me deram para que as minhas ideias voassem. Considero-vos um verdadeiro exemplo, tendo em conta a vossa prática e a forma como olham para a Educação.

A todos os meus meninos com quem estagiei, que são tão especiais e que me receberam incrivelmente bem, que me abraçavam todos os dias e diziam coisas bonitas, demonstrando um enorme entusiasmo diariamente.

Aos meus avós José, Teresa, Ana e Joaquim, as minhas estrelinhas, que me protegem todos os dias e iluminam o meu caminho.

Por fim, agradeço a todos que se cruzaram no meu caminho e que de uma forma positiva marcaram o meu percurso, apoiando o meu crescimento diariamente.

A todos, muito obrigada.

RESUMO

O presente Trabalho Final de Mestrado (TFM) foi realizado no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico (CEB), ministrado pelo Instituto Superior de Educação e Ciências, e tem como principal objetivo aprofundar o conhecimento sobre a temática do processo de transição entre a Educação Pré-Escolar e o 1.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico, de forma a compreender os conhecimentos e conceções dos Educadores de Infância e dos Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico sobre o processo de transição e as percepções das crianças e alunos.

Esta temática foi selecionada por considerar-se ser um tema crucial na formação dos Educadores e Professores, pois esta transição tem um impacto enorme na vida das crianças, e os Educadores e Professores podem fazer toda a diferença.

Em relação à metodologia, optou-se pela utilização de uma metodologia mista, pois os dados foram recolhidos através de entrevistas às educadoras, professoras e coordenadora de estabelecimento de um determinado estabelecimento de ensino, um jogo com os alunos que estão a frequentar a Educação Pré-Escolar e que vão para o 1.º ano e os alunos de uma turma do 1.º ano de escolaridade.

Considera-se que as professoras e as educadoras, atribuem um papel determinante ao processo de transição. Ainda assim, consideram que, para que esta transição seja efetiva e positiva, é necessário que se desenvolva um maior trabalho colaborativo entre os docentes, mais dinâmicas e maior interação com as famílias. Esta articulação entre todos os intervenientes acontece, contudo apenas em momentos pontuais, devendo ser mais frequentes.

As crianças que vão frequentar o 1.º ano de escolaridade no ano letivo 2024/2025, sentem maioritariamente orgulho pelas aprendizagens que vão adquirir e um pouco de insegurança. Os alunos que estão a frequentar o 1.º ano de escolaridade, sentem saudades da educadora, mas gostam bastante da professora titular e de todas as aprendizagens que estão a adquirir.

Palavras-chave:

Transição; Educação Pré-Escolar; 1.º Ciclo do Ensino Básico; Educadores/as de infância; Professores/as do 1.º CEB; Trabalho colaborativo; Estratégias.

ABSTRACT

The present Final Master's Thesis (FMT) was conducted as part of the Master's Programme in Preschool Education and Teaching for the 1st Cycle of Basic Education (CEB), administered by the Higher Institute of Education and Sciences. Its primary aim is to delve into the understanding of the transition process from Preschool Education to the 1st year of the 1st Cycle of Basic Education, with the overarching goal of comprehending the insights and perceptions of Preschool Educators and 1st Cycle Teachers regarding the transition process and their role therein.

This theme was chosen due to its perceived pivotal importance in the professional development of Educators and Teachers, given the profound impact this transition exerts on children's lives, where the involvement of Educators and Teachers can prove transformative. Regarding the methodology, we chose to use a mixed methodology, as the data was collected through interviews with educators, teachers and the school coordinator of a given educational establishment, a game with students going to 1st grade year and students from a class currently attending the 1st year.

Teachers and educators attribute a determining role to the transition process. Even so, they consider that, for this transition to be effective and positive, it is necessary to develop greater collaborative work between teachers, more dynamics and greater interaction with families. This articulation between all participants occurs, however only at specific moments, and should be more frequent.

Children who will attend the 1st year of school mostly feel pride in the learning they will acquire and a little insecurity. Students who are in the 1st year miss their previous teacher, but they really like the new teacher and all the learning they are acquiring.

Keywords:

Transition; Preschool Education; 1st Cycle of Basic Education; Preschool Educators; 1st Cycle Teachers; Collaborative engagement; Strategies.

ÍNDICE GERAL

AGRADECIMENTOS.....	i
RESUMO	iii
ABSTRACT	x
ÍNDICE GERAL.....	xii
ÍNDICE DE FIGURAS	ix
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I- REVISÃO DA LITERATURA.....	3
1. A transição da Educação Pré-Escolar para o 1.º Ciclo do Ensino Básico.....	3
1.1. A criança e a transição da Educação Pré-Escolar para o 1.º Ciclo do Ensino Básico	5
1.2. O papel do Educador de Infância e do Professor no processo de transição	7
1.3. Trabalho colaborativo no processo de transição.....	8
1.4. A importância da Reflexão.....	10
1.5. A importância das atividades lúdicas no desenvolvimento da criança/alunos	11
1.6. Estratégias para o processo de transição da EPE para o 1.º CEB.....	13
CAPÍTULO II- PROBLEMATIZAÇÃO E METODOLOGIA.....	17
2.1. Problematização	17
2.2. Paradigma interpretativo	19
2.3. Estudo de Caso	22
2.4. Participantes	22
2.5. Caracterização da Instituição de Ensino	23
2.6. Instrumentos de recolha de dados.....	24
2.6.1. Entrevista Focus Group	24
2.6.2. Entrevista semiestruturada.....	26
2.6.3. Jogo com os alunos.....	27
2.7. Procedimentos	28
2.7.1. Procedimento de recolha de dados.....	28
2.7.2. Procedimentos de tratamento e análise de dados.....	29
2.8. Questões éticas	30
CAPÍTULO III- RESULTADOS	33
3.1. Análise de conteúdo das entrevistas	33
3.2. Análise do conteúdo do jogo “Sinto-me assim...”	41
3.3. Proposta de Intervenção.....	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	49
ANEXOS.....	54

Anexo I- Pedido de autorização para realização do estudo na instituição	55
Anexo II- Consentimento informado aos Encarregados de Educação	56
Anexo III- Consentimento informado para a realização das entrevistas.....	57
Anexo IV- Guiões entrevistas focus group	58
Anexo V- Guião da entrevista realizada com a Coordenadora de Estabelecimento	65
Anexo VI- Planificação do jogo: “Sinto-me assim...”	67
Anexo VII- Transcrição da entrevista focus group - educadoras.....	88
Anexo VIII- Transcrição da entrevista focus group - professoras.....	99
Anexo IX- Transcrição da entrevista semiestruturada	109
Anexo X- Respostas das crianças e dos alunos no jogo “Sinto-me assim...”	116
Anexo XI- Análise de conteúdo	119
Anexo XII- Livro infantil: “Era uma vez, uma aventura até à escola dos crescidos”	170
Anexo XIII- Caderno de atividades: “Era uma vez, uma aventura até ao 1.º Ciclo”	192

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1- Ideias-chave sobre o processo de transição da Educação Pré-Escolar para o 1.º Ciclo do Ensino Básico.....	6
Figura 2- As seis fases da investigação sobre o processo de transição da Educação Pré-Escolar para o 1.º Ciclo do Ensino Básico	21
Figura 3- Caracterização dos entrevistados	34

INTRODUÇÃO

Aquilo que somos hoje, é o reflexo da nossa infância, de quem passou por nós, das palavras carinhosas que ouvimos, das festas na cara que nos deram, das vezes que ouviram com atenção aquilo que dissemos, entre tantos outros comportamentos. Todas as nossas vivências moldam aquilo que pensamos de nós, aquilo que pensamos dos outros, a forma como lidamos com as alegrias, as dificuldades da vida e a forma como olhamos para o mundo.

É na infância que desenvolvemos a motricidade, a inteligência emocional, a socialização, conhecimentos linguísticos e cognitivos, entre outros, adquirindo conhecimentos sobre o mundo que nos rodeia, desenvolvendo assim o sentido crítico, a participação ativa, a sensibilidade e a criatividade.

A transição da Educação Pré-Escolar (EPE) para o 1.º Ciclo do Ensino Básico (CEB) é encarada como um novo ciclo na vida das crianças, uma promoção para o mundo dos crescidos. Esta transição representa inúmeras mudanças, seja na rotina, no estabelecimento em que o aluno vai estudar, do professor e dos colegas de sala. Concorde-se, por estes motivos, com a autora Sim-Sim (2010) por referir que, “ao deixar o jardim de infância, a criança perde um espaço conhecido, um profissional de referência, rotinas e hábitos instalados e a segurança perante o que conhece e lhe é habitual” (p.111).

O presente TFM aborda a temática do processo de transição da Educação Pré-Escolar para o 1.º Ciclo do Ensino Básico, de forma a compreender quais são os conhecimentos e conceções dos Educadores de Infância e dos Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico sobre o processo de transição e as perceções das crianças e alunos.

Procurou-se compreender o ponto de vista das Educadoras, Professoras do 1.º CEB, das crianças da EPE, dos alunos do 1.º ano e da Coordenadora de Estabelecimento de uma determinada instituição de ensino, ou seja, realizou-se um estudo de caso.

Para o cumprimento destes propósitos, no TFM apresentar-se-á os agradecimentos, de seguida o resumo do TFM em português e em inglês com as respetivas palavras-chave, os índices, a introdução, a Revisão da literatura, a Problematização e metodologia, o Problema, objetivos e questões de investigação, o Paradigma, a Metodologia do estudo, os Participantes, os Instrumentos de recolha de dados, os Procedimentos, os Procedimento de recolha de dados, os Procedimentos de tratamento e análise de dados, as Questões éticas, os Resultados, as Considerações finais, as Referências e por fim, os Anexos.

No sentido de dar resposta à temática selecionada, formulou-se as seguintes perguntas de investigação: Qual o impacto que a transição da Educação Pré-Escolar para o 1.º Ciclo do Ensino Básico tem na aprendizagem dos alunos no 1.º ano de escolaridade do 1.º Ciclo do Ensino Básico? Qual a importância do trabalho colaborativo entre educadores e professores no processo de transição? Que estratégias são utilizadas no processo de transição? De que modo o lúdico poderá ser uma estratégia de ensino-aprendizagem no processo de transição de alunos da Educação Pré-Escolar para o 1.º ano de escolaridade? Quais as principais competências que são trabalhadas no processo de transição? Quais são as conceções que os professores e educadores têm sobre o seu papel no processo de transição? E por fim, quais são as perceções dos alunos sobre o processo de transição?

Tendo em conta as questões definidas, foram elaborados os seguintes objetivos de investigação: compreender os conhecimentos e as conceções dos educadores e professores sobre o processo de transição da EPE para o 1.º CEB; identificar estratégias que os educadores e professores utilizam para uma melhor transição para o 1.º CEB; compreender de que modo os alunos se sentem e qual o seu papel no processo de transição; identificar as conceções dos educadores e professores sobre o trabalho colaborativo entre si; promover o lúdico como papel fundamental na transição.

Ponte, Januário, Ferreira e Cruz (2000, citado por Oliveira e Vasconcelos, 2010), mencionam que a prática do Educador e do Professor deve ser reflexiva, pois permite uma harmonia entre a prática e a teoria baseada em inúmeros autores. Assim, permite a construção de novos saberes englobando a teoria e a prática, demonstrando que estas estão profundamente relacionadas. Contudo, é fundamental que cada indivíduo tenha um papel ativo na construção do seu conhecimento, demonstrando ser pró-ativo e dinâmico. É fundamental que exista um equilíbrio entre a ação e a reflexão.

O trabalho realizado respeita e tem em conta os Princípios Éticos, tendo como objetivo primordial a privacidade dos intervenientes, apresenta apenas algumas informações fundamentais para a construção do mesmo. A recolha destas informações foi autorizada através da assinatura de um consentimento informado pelos Encarregados de Educação e por todos os intervenientes.

CAPÍTULO I

REVISÃO DA LITERATURA

Neste capítulo pretende-se abordar temas considerados essenciais por estarem relacionados com o Processo de Transição da Educação Pré-Escolar e o 1.º Ciclo do Ensino Básico, tais como: a criança no processo de transição; o papel do Educador de Infância e do Professor no processo de transição; o trabalho colaborativo no processo de transição; a importância da reflexão; a importância das atividades lúdicas no desenvolvimento da criança/aluno; estratégias que apoiem as crianças/alunos no processo de transição da Educação Pré-Escolar para o 1.º Ciclo do Ensino básico.

1. A transição da Educação Pré-Escolar para o 1.º Ciclo do Ensino Básico

De acordo com o dicionário Priberam (2023), o conceito de transição está relacionado com o “ato ou efeito de transitar; passagem de um lugar, assunto, tom ou estado para outro; trajeto”. A transição entre a Educação Pré-Escolar e o 1.º Ciclo do Ensino Básico trata-se de uma passagem entre valências, contudo, esta pode considerar-se uma das transições mais impactantes na vida das crianças e das suas famílias. Segundo Bastos (2007) “o processo de transição entre estes dois contextos é marcante na vida da criança, sendo complexo por envolver a influência de inúmeros fatores, como a construção da identidade e a alteração do contexto relacional.” (p.70).

Neste sentido, a Educação Pré-Escolar assume um papel significativo na vida das crianças no momento desta transição. De acordo com a Lei-Quadro (Lei n.º 5/97 de 10 de fevereiro), esta é apresentada como:

a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida, sendo complementar da ação educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita cooperação, favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário (p. 670).

De acordo com a Comissão Europeia (2019), a transição para o 1.º ano de escolaridade, pode ser mais fácil para os alunos que frequentaram a Educação Pré-Escolar e mais especificamente na mesma instituição, pois já possuem conhecimento sobre a escola. Nestes casos, a comunicação entre os Educadores e Professores é mais acessível, contribuindo para uma transição mais articulada e favorável.

Alguns autores, como Docket e Perry (2007), consideram que a transição representa um enorme desafio tendo em conta as expectativas criadas, concepções e percepções que os adultos têm em relação ao que as crianças precisam para iniciar o 1.º ano de escolaridade.

A forma como a transição é planeada e executada tem influência na vida das crianças e no seu percurso escolar, influenciando a sua capacidade de aprender, os seus comportamentos, as suas emoções, no fundo, a sua personalidade. Uma transição realizada de forma equilibrada e positiva, proporcionará inúmeros momentos de aprendizagem significativos para as crianças, para as suas famílias e para todos os intervenientes educativos. Sim-Sim (2010) defende que “Se soubermos como atuar, este momento pode ser sentido como algo muito positivo, como um estímulo ao desenvolvimento da criança, e também como um momento de colaboração especial entre profissionais de educação e entre a família e esses mesmos profissionais.” (p.112). Desta forma, a adaptação da criança será mais harmoniosa diminuindo os receios e a ansiedade, por parte de todos os intervenientes.

De acordo com Castro e Rangel (2004), as crianças que vão para o 1.º Ciclo do Ensino Básico, encaram esta transição como um novo estatuto, um salto do mundo dos pequeninos para o mundo dos crescidos, trazendo a oportunidade de aprender coisas dos crescidos, como escrever e ler. Na maioria das vezes, as crianças demonstram alguns receios, pois vão vivenciar uma experiência nova, que traz consigo uma grande expectativa e por vezes, alguns receios.

Todas as crianças são diferentes, tal qual como o seu processo de transição, exigindo assim uma maior atenção e sensibilidade por parte de todos os intervenientes, educadores, professores e as famílias.

Considera-se que todas as abordagens referidas anteriormente são cruciais porque, de facto, como os autores mencionados anteriormente referem, o processo de transição da Educação Pré-Escolar para o 1.º Ciclo do Ensino Básico é marcante para a vida das crianças, podendo ficar como uma memória positiva ou negativa. Para que seja uma memória positiva, todos os intervenientes devem estabelecer uma relação de cooperação entre si, de forma que todo o processo seja benéfico para todos e principalmente para a criança, utilizando ferramentas cruciais em todo este processo.

1.1. A criança e a transição da Educação Pré-Escolar para o 1.º Ciclo do Ensino

Básico

A transição é encarada, sentida e experienciada de forma única por cada criança. As suas características, as experiências que vivenciou, o seu contexto familiar, as aprendizagens que adquiriu, a forma como adquire novos conhecimentos são fatores que transformam este processo único para cada criança e respetiva família.

Segundo Griebel e Niesel (2009), as maiores diferenças observadas ao longo da transição são distribuídas por três níveis: a nível individual, ao nível das relações e ao nível do contexto.

1. **Nível individual:** na transição para o 1.º ano de escolaridade, as crianças vão desenvolver mais a sua inteligência emocional, dominando as suas emoções, como o medo, a insegurança, a curiosidade e os seus sentimentos. Vão adquirir também uma maior autonomia, competências sociais e competências escolares.
2. **Nível das relações:** nesta transição, as crianças vão formar novas relações com os profissionais de educação e novos colegas. É crucial que a criança estabeleça uma boa relação com o professor do 1.º ano de escolaridade, de forma a adquirir um sentimento de pertença.
3. **Nível do contexto:** as crianças vão conhecer um novo contexto, novos espaços, novos colegas, novos adultos, com inúmeras abordagens educativas, com regras e rotinas novas.

Rimm-Kaufman e Pianta (2000) mencionam que quase metade das crianças, sentem alguma dificuldade durante o processo de transição da Educação Pré-Escolar para o 1.º Ciclo do Ensino Básico, tendo em conta todas as mudanças que estão implícitas. Uma turma diferente, conteúdos mais rígidos baseados no currículo, regras mais rigorosas, trabalhos de casa e um horário mais longo com menos tempo para brincar, são fatores que tornam esta transição um verdadeiro desafio para as crianças e inevitavelmente para as suas famílias e professores.

Assim, compreende-se que este é um período bastante desafiante tendo em conta todas as mudanças descritas anteriormente. Correia e Marques-Pinto (2016, citados por Martins, 2020) referem que o sucesso ou o insucesso desta transição está diretamente relacionado com a maturidade psicológica, a capacidade de desenvolver relações interpessoais e a sua capacidade de aprendizagem. Nesta abordagem, o meio envolvente não teria qualquer implicação no processo de transição das crianças. Contudo, os mesmos autores, realçam que por outro lado, existem estudos que revelam que a estrutura familiar da criança, o envolvimento parental, o

ambiente escolar e as estratégias de ensino selecionadas pelos docentes são fatores impactantes nos resultados socioemocionais e acadêmicos das crianças.

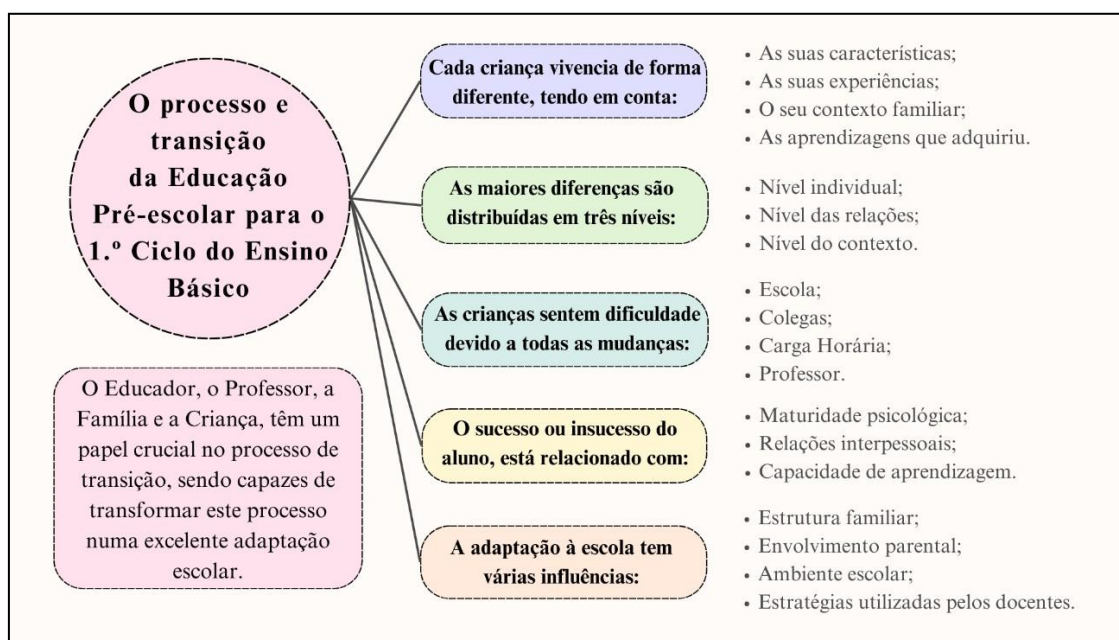
Eckert, McIntyre, DiGennaro, Arbolino, Perry e Begeny (2008), revelam que a adaptação à escola tem várias influências, sendo uma perspectiva ecológica (relação entre os diversos meios ou intervenientes) em que o Educador, o Professor, a Família e a Criança, têm um papel crucial no processo de transição, sendo capazes de transformar este processo numa excelente adaptação escolar.

Assim, de acordo com Vasconcelos (2007), garantir o sucesso na transição escolar é crucial “para o bem-estar social e emocional da criança, mas, simultaneamente, importante para o seu desenvolvimento cognitivo” (p.44).

Em suma, a literatura referida menciona aspetos cruciais que devem ser considerados durante todo o processo de transição da Educação Pré-Escolar para o 1.º Ciclo do Ensino Básico, não só pelo impacto que têm nas diversas áreas de desenvolvimento da criança, mas também na forma como moldam as suas perceções.

O presente esquema, pretende resumir, as ideias-chave referidas anteriormente relacionadas com o processo de transição da EPE para o 1.º CEB. Este foi elaborado pela investigadora, tendo por base os autores mencionados anteriormente (Figura 1).

Figura 1- Ideias-chave sobre o processo de transição da Educação Pré-Escolar para o 1.º Ciclo do Ensino Básico.



Criado pela autora (2024).

1.2. O papel do Educador de Infância e do Professor no processo de transição

Em Portugal, nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE) encontram-se definidas diretrizes no que se refere à transição da EPE para o 1.º CEB, tendo em conta a articulação entre os profissionais, na facilitação da transição ao nível institucional, no envolvimento das crianças e na participação das famílias.

Os Educadores e Professores, tendo em conta o processo de transição, encontram-se em espaços e tempos diferentes, o Educador está com a criança durante o período da Educação Pré-Escolar e o Professor é o primeiro contacto que o aluno tem com a nova escola. Contudo, ambos têm um papel determinante no decorrer de todo o processo de transição, devendo adaptar as estratégias implementadas.

Diversos estudos têm evidenciado a importância sobre o papel destes docentes no período de transição, tendo por base as suas perceções, atitudes, experiências, conhecimentos e a sua prática.

Tendo em conta o nível de exigência do processo de transição da Educação Pré-Escolar para o 1.º CEB e tudo o que o mesmo implica, é crucial que haja um trabalho colaborativo entre todos os intervenientes, educadores/as, professores/as, famílias e crianças. De acordo com as OCEPE (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016):

apoiar a transição e assegurar a continuidade não significa antecipar as metodologias e estratégias de aprendizagem consideradas próprias da fase seguinte (...) mas de proporcionar, em cada fase, as experiências e oportunidades de aprendizagem que permitam à criança desenvolver as suas potencialidades, fortalecer a sua autoestima, resiliência, autonomia e autocontrolo, criando condições favoráveis para que tenha sucesso na etapa seguinte (p.97).

Apesar da valência da Educação Pré-Escolar não ser de frequência obrigatória, esta é crucial para o desenvolvimento de competências emocionais, cognitivas e motoras. Fornece ao longo dos três anos ferramentas e conhecimentos cruciais para o dia a dia e para as fases seguintes, desenvolvendo a inteligência emocional, a autonomia, a maturidade, o conhecimento sobre o corpo, a curiosidade e as relações interpessoais.

Os Educadores e os Professores têm um papel crucial no desenvolvimento de estratégias, de forma que a transição de todas as crianças seja um sucesso, promovendo um ambiente em que as crianças se sintam compreendidas e confiantes, possibilitando que coloquem também as suas questões.

Segundo Serra (2004, citada por Cruz, 2012), os educadores de infância devem conhecer e

ter em mente o modelo curricular e as exigências que são necessárias à entrada para o 1.º CEB, tendo por base as Aprendizagens Essenciais e o Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória (PASEO).

Em suma, mesmo que as crianças permaneçam na mesma escola ou que mudem é essencial que, de acordo os autores Silva, et al. (2016), “o/a educador/a deverá saber como está a decorrer o início do 1.º Ciclo e disponibilizar-se para dar o seu contributo e sugestões” (p.100). Através deste trabalho colaborativo, o aluno sentir-se-á mais seguro e capaz.

1.3. Trabalho colaborativo no processo de transição

No que concerne o trabalho colaborativo, é crucial que o percurso educativo de todas as crianças seja visto como um todo, garantindo a continuidade entre todos os ciclos. A autora Sim-Sim (2010), refere que:

esta transição, geradora de expectativas e de ansiedades, pode materializar-se em medos ou em desafios para o que transita e para os que acompanham a transição, i.e., a criança, o educador de infância, o professor do 1.º ciclo e a família. Se soubermos como atuar, este momento pode ser sentido como algo muito positivo, como um estímulo ao desenvolvimento da criança, e também como um momento de colaboração especial entre os/as profissionais de educação e entre a família e estes/estas profissionais (pp.111 e 112).

Um trabalho colaborativo positivo evita preocupações e receios nas crianças. Desta forma, é imprescindível que as aprendizagens que foram sendo adquiridas na Educação Pré-Escolar façam parte de um processo contínuo e que sejam consolidadas no 1.º ano de escolaridade. Isto só é possível se os Educadores e os Professores realizarem um trabalho colaborativo, com base no diálogo, planeamento de estratégias e entreajuda, de forma a facilitar esta etapa tão importante na vida das crianças.

De acordo com os autores Silva, et al. (2016):

As práticas de educadores/as e professores/as também não são todas iguais, pois cada um/a tem o seu modo de trabalhar. A reflexão prévia e o acordo entre educadores/as do mesmo estabelecimento é importante para debaterem com os/as professores/as os processos e aprendizagens desenvolvidos na educação pré-escolar, partilhando o que uns e outros pensam sobre a pertinência destas aprendizagens, sobre a sua articulação com as aprendizagens do 1.º ciclo e sobre as práticas adotadas (por exemplo, organização e regras de funcionamento do grupo). Este debate passará ainda pelo

delineamento de estratégias, que mereçam o acordo de todos os docentes, e sejam facilitadoras da transição e da continuidade do processo educativo. (p.101)

Roldão (2007) menciona que “o trabalho colaborativo se estrutura essencialmente como um processo de trabalho articulado e pensado em conjunto, que permite alcançar melhor os resultados visados, com base no enriquecimento trazido pela interação dinâmica de vários saberes específicos e de vários processos cognitivos” (p.27).

O mesmo autor indica que desenvolver um trabalho colaborativo consiste em “trabalhar de forma articulada e pensar em conjunto, reunindo todos os elementos constituintes da equipa, permitindo alcançar melhores resultados, com base no enriquecimento trazido pela interação dinâmica de vários saberes específicos e de vários processos cognitivos de colaboração” (p.27).

De forma que haja, efetivamente, um trabalho colaborativo é extremamente necessário haver um trabalho em equipa entre os educadores e os professores e para esse efeito é preciso que todos estejam comprometidos e que se demonstrem disponíveis.

Ponte e Serrazina (2002), referem que “na colaboração os diversos participantes trabalham em conjunto, numa base de relativa igualdade e numa relação de ajuda mútua, procurando atingir objetivos comuns (p.5).

Nem todos os docentes trabalham o processo de transição da Educação Pré-Escolar para o 1.º Ciclo do Ensino Básico da mesma forma, pois as estratégias utilizadas devem ser selecionadas de acordo com o grupo de crianças e a cada criança individualmente. Contudo, considera-se que um trabalho colaborativo reflete no desempenho das crianças, pois estas ficam melhor preparadas para a transição entre os ciclos.

É fundamental que o professor que vai acompanhar os alunos no 1.º ano de escolaridade tenha conhecimento das aprendizagens realizadas pelos alunos e quais são as suas dificuldades, para que desta forma adeque as estratégias utilizadas. Só é possível haver uma adequação das estratégias de ensino, se houver um trabalho colaborativo que tenha como base a entajuda por parte de todos os intervenientes.

Neste sentido, pode constatar-se que o trabalho colaborativo e a partilha, entre os educadores e os professores, devem ser encarados como um alicerce nas suas práticas pedagógicas, pois este é crucial para o sucesso educativo dos alunos.

De forma a compreender se está a realizar um trabalho colaborativo adequado às aprendizagens dos seus alunos ou até mesmo se está a selecionar as metodologias mais adequadas à aprendizagem dos seus alunos, é importante que o educador e o professor reflitam diariamente sobre as suas práticas.

1.4. A importância da Reflexão

De acordo com o autor John Dewey (1910, citado em Alarcão, 1996, e Marreiros, 2016), “a ação reflexiva é um processo que implica: encontrar soluções para os problemas, intuição, emoção e paixão” (p. 21). Numa perspectiva ampla, segundo o dicionário Priberam (2024), reflexão é “o ato ou efeito de refletir”, destacando simultaneamente o papel da prudência e meditação. O ato de refletir, faz com que todas as nossas decisões e consequentemente os nossos atos, tenham por base uma maior prudência, ou seja, que sejam realizados com maior cuidado no sentido de melhorar a prática pessoal e profissional.

Casanova (2011) menciona que a reflexividade obriga os docentes a reformular estratégias do processo desenvolvido. Assim, torna-se determinante que os docentes tenham uma prática com base na reflexão diária, pois é na reflexão e no trabalho colaborativo com os seus colegas, que conseguem aperfeiçoar a sua prática, a sua metodologia e a sua conceção sobre a Educação.

Reis (2011) refere que “Através da reflexão, os professores estruturam e reestruturam o seu conhecimento prático e pessoal (...). Através da reflexão sobre a prática, os professores podem alterar/(re)construir/desenvolver os currículos, de forma a encontrarem os caminhos mais adequados às metas desejadas” (p.54).

De acordo com Ponte, Januário, Ferreira e Cruz (2000, citado por Oliveira e Vasconcelos, 2010), a prática deve ser reflexiva, pois permite uma harmonia entre a prática e a teoria baseada em inúmeros autores. Assim, permite a construção de novos saberes englobando a teoria e a prática, demonstrando que estas estão profundamente relacionadas. Contudo, é fundamental que cada indivíduo tenha um papel ativo na construção do seu conhecimento, demonstrando ser pró-ativo e dinâmico. É fundamental que exista um equilíbrio entre a ação e a reflexão.

Silva, et. al (2016) sugerem que a ação do educador de infância deve ter como alicerce a reflexão sobre as finalidades e o sentido da sua prática. O educador deve organizar a sua prática pedagógica através da reflexão, desta forma adequará a sua prática a cada criança, mantendo a mesma no centro da sua aprendizagem. De forma a chegar à reflexão, o educador deve observar, planejar, agir e avaliar.

Em suma, é crucial que os Educadores e os Professores, tenham uma prática reflexiva, que reflitam diariamente sobre as metodologias adotadas, sobre as suas decisões, sobre as atividades que realizam e, sobretudo, sobre o papel que querem ter na vida das crianças e no seu futuro. Considera-se que os profissionais da Educação devem olhar para a sua prática como um marco na vida das crianças. Sendo essa importância na vida de todas as crianças, deve ter como base a análise e a reflexão constante, estes devem sustentar toda a prática pedagógica.

1.5. A importância das atividades lúdicas no desenvolvimento da criança/alunos

Atualmente, a maioria dos professores continuam a dar prioridade ao ensino tradicional, ao invés de procurarem ou mesmo utilizarem vários métodos com o objetivo de promover o desenvolvimento de diversas competências nos seus alunos.

Contudo, diversos estudos comprovam que o lúdico, ou seja, o jogo e o brincar, têm bastante importância no que respeita ao desenvolvimento e aquisição de aprendizagens cognitivas e no desenvolvimento socioemocional das crianças.

Silva et al. (2016), referem que brincar é:

Um meio privilegiado para promover a relação entre crianças e entre estas e o/a educador/a, facilitando o desenvolvimento de competências sociais e comunicacionais e o domínio progressivo da expressão oral. De igual modo, brincar proporciona outras conquistas, tais como, ter iniciativas, fazer descobertas, expressar as suas opiniões, resolver problemas, persistir nas tarefas, colaborar com os outros, desenvolver a criatividade, a curiosidade e o gosto por aprender, que atravessam todas as áreas de desenvolvimento e aprendizagem na educação de infância, constituindo condições essenciais para que a criança aprenda com sucesso, isto é, aprenda a aprender (p.12).

A relevância das atividades lúdicas conduziu para a criação da International Association for Child's Right to Play (IPA), ou seja, Associação Internacional do Direito da Criança a Brincar, que defende que “brincar, a par das necessidades básicas de nutrição, saúde, habitação e educação, para além do Amor e do Afecto, é uma actividade fundamental para o desenvolvimento de todas as crianças” (IPA, 1982, p. 27, citado por Silva, J. 2018, p. 20).

Moyles (2002, citado por Marcelo, Mota e Vaz, 2022) refere que a brincadeira está relacionada com todo o desenvolvimento da criança, o desenvolvimento intelectual, social, físico e emocional. O desenvolvimento físico está vinculado à motricidade fina e grossa, à lateralidade, equilíbrio e psicomotricidade. No caso do desenvolvimento intelectual, este está relacionado com o domínio matemático, científico e da criatividade. No caso do desenvolvimento emocional, a criança desenvolve a sua autoestima e autoconhecimento, estimula também o contacto com os outros.

Na perspetiva de Moreira e Oliveira (2004), muitas vezes o jogar e o brincar aparecem como se tratasse de sinónimos. Contudo, não o são, apresentando características diferenciadas. As mesmas autoras referem que a palavra brincar está associada a uma atividade que não é estruturada, tratando-se de comportamentos espontâneos por parte das crianças tendo em conta

o objetivo ou brinquedo com que estão a interagir, maioritariamente utilizando jogos simbólicos. No caso do jogo, Friedmann (2002 citado por Moreira e Oliveira, 2004) refere que este é compreendido como uma brincadeira com regras onde as crianças interagem com os outros, com ou sem objetivos. Compreende-se então, que antes de começarem a jogar as crianças brincam, sendo que na ideia de brincar poderá estar incluído o jogo.

O jogo tem um papel importantíssimo no desenvolvimento social e emocional da criança. De acordo com Pessanha (2001), o jogo contribui para o desenvolvimento da personalidade e global da criança, favorecendo desta forma a autonomia e autoconfiança. Através das atividades mais lúdicas realizadas em grupo, a criança desenvolve a parte socioemocional, estimulando as suas emoções e sentimentos. Dallabona e Mendes (2014), refere que através da brincadeira a criança desenvolve a sua personalidade, a criatividade, a imaginação e a inteligência emocional e cognitiva.

Em relação ao papel do jogo no processo ensino-aprendizagem, Santos (2009) menciona que o jogo é uma ferramenta ideal da aprendizagem, pois estimula os interesses das crianças, desenvolve a experiência pessoal e social e que é um instrumento com objetivos pedagógicos em que o professor conduz, estimula e avalia a aprendizagem. O jogo aproxima o professor e os seus alunos, pois promove o diálogo, o respeito, novos conhecimentos, novas interações, valores, conteúdos programáticos das diversas disciplinas. Ou seja, se o jogo for adequado, que motive e promova o envolvimento ativo dos alunos, é um verdadeiro facilitador de aprendizagens em que as crianças estão no centro da sua aprendizagem.

O Educador e o Professor têm um papel determinante na aprendizagem dos seus alunos, assim é determinante que estejam atentos ao que acontece na sala e que de forma positiva realize jogos que desenvolvam habilidades ao nível social, emocional e cognitivo.

As autoras Moreira e Oliveira (2004) mencionam que cada jogo tem associado determinadas regras e fatores que devem ser tidos em conta, o local onde devem ser jogados (interior ou exterior), a idade dos jogadores e o tempo de duração.

Deste modo, considera-se de extrema importância a utilização de jogos na sala de aula, criando um momento prazeroso para todos e significativo no que respeita as aprendizagens.

1.6. Estratégias para o processo de transição da EPE para o 1.º CEB

O processo de transição da Educação Pré-Escolar para o 1.º ano de escolaridade é um desafio, para as crianças, para as famílias, mas também para os Educadores e Professores. Muitas vezes, as crianças não permanecem na mesma escola quando passam para o 1.º CEB, tornando o trabalho colaborativo entre o Educador de Infância e o Professor do 1.º ano de escolaridade mais complexo.

Uma das principais estratégias para diminuir os efeitos negativos da transição tem como base a continuidade entre níveis educativos. Serra (2004, citada por Costa, 2019) usou uma metáfora de Dinello (1987) que faz referência à importância da articulação entre os dois ciclos educativos nesta transição utilizando a metáfora das carruagens de um comboio. O mesmo autor refere que quando observamos um comboio de longe parece-nos que é apenas uma linha contínua, contudo, para que seja possível o comboio movimentar-se dessa forma com tantas carruagens, há um engenho entre cada uma que permite que estejam todas interligadas, mas que tenham autonomia no seu movimento. Todos os intervenientes educativos, devem desenvolver um trabalho colaborativo positivo, de forma que as crianças passem por este processo de transição de forma harmoniosa.

Assim, existem estratégias que podem ser implementadas para que este processo de transição seja tranquilo e positivo para todas as crianças e consequentemente para todos os intervenientes educativos.

Estas estratégias tiveram como base o pensamento de Martins (2020) e os autores Silva et. al (2016), das quais se destacam:

→ Realizar jogos faz de conta, simulando diversas situações que poderão ser vivenciadas pelas crianças na transição.

Moreira e Oliveira (2004) referem que através do ato de brincar, as crianças vivenciam situações reais. O jogo é um fenómeno crucial para a vida de todas as pessoas, sendo um meio de aprendizagem e das relações sociais.

→ Realizar jogos no interior ou exterior que estimulem a literacia, promovendo a leitura de histórias e a identificação das letras do alfabeto.

No seguimento da estratégia anterior, os jogos transformam as aprendizagens mais lúdicas, mas ainda assim bastante significativas. Se as crianças, anteriormente, tiverem contacto com as letras do alfabeto, no 1.º ano de escolaridade terão uma maior facilidade na identificação das letras e consequentemente na aprendizagem da leitura e da escrita, tornando este processo mais harmonioso.

- Visitar escolas do 1.º CEB, mesmo que não sejam as mesmas que os alunos irão frequentar, pois haverá um reconhecimento do espaço, do recreio, da sala de aula e de outros alunos.

Silva et al. (2016), deixam claro que é crucial que as crianças se familiarizem com a escola do 1.º Ciclo do Ensino Básico, de forma individualmente com os pais ou mesmo em grupo com o Educador. Em ambos os casos, deve haver uma conversa com a criança, anteriormente à visita, para explicar o que vai conhecer.

- Realizar atividades ao longo do ano em conjunto com os alunos do 1.º CEB.

À semelhança da estratégia anterior, é importante que as crianças criem uma ligação com a escola que vão frequentar e com as crianças que frequentam a mesma.

- Elaborar um portfólio em conjunto com as crianças sobre as suas características, gostos e outros assuntos que a criança considere importante, para mostrar ao professor nos primeiros dias de aulas.

De acordo com Silva et al. (2016) as crianças devem estar no centro do processo de transição, trazendo expectativas positivas sobre esta transição. Ao construir o portfólio, as crianças estão a construir um material sobre si, que pode fazer a diferença na relação futura com o seu professor.

- Proporcionar momentos de diálogo com as famílias.

Os pais são os principais responsáveis na educação da criança, tendo um papel crucial neste processo. Assim, e de acordo com os autores Silva et al. (2016), a comunicação entre o Educador e a Família é fundamental, para que os pais tenham um papel ativo, podendo também retirar as suas dúvidas e receios.

- Realizar reuniões entre o Educador e o Professor para que troquem informações sobre o trabalho desenvolvido na Educação Pré-Escolar e questões que sejam relevantes na aprendizagem das crianças.

No processo de transição, é fundamental que a avaliação e a reflexão acompanhem as práticas dos docentes. As reuniões entre os educadores e professores, possibilitam a troca de informações sobre as crianças e a articulação sobre o que é essencial que a criança adquira. Estas reuniões são, com toda a certeza, ferramentas facilitadoras no processo de transição, trazendo uma continuidade ao processo educativo.

→ Conversar com as crianças sobre esta nova etapa.

Tendo em conta que as crianças sabem que vão transitar para o 1.º ano de escolaridade, Silva et al. (2016), mencionam que é crucial que o educador proporcione dinâmicas que proporcionem falar sobre esta nova etapa. Desta forma, as crianças terão oportunidade para exporem as suas dúvidas, receios e expetativas.

Considera-se importantíssimo que o Educador converse desta fase de forma positiva para que as crianças se sintam confiantes com a transição.

Existem inúmeras estratégias que podem ser utilizadas no processo de transição da Educação Pré-Escolar para o 1.º Ciclo do Ensino Básico. Neste processo é essencial que as estratégias sejam seleccionadas tendo em conta o percurso educativo de cada criança, tornando estas estratégias ferramentas facilitadoras de todo este processo, envolvendo sempre as crianças e as suas famílias. É determinante que as crianças tenham uma participação ativa, conseguindo exprimir o que sentem, o que esperaram desta nova fase da sua vida, os seus receios e as suas ambições.

CAPÍTULO II

PROBLEMATIZAÇÃO E METODOLOGIA

No presente capítulo apresenta-se a metodologia que foi utilizada no decorrer do estudo sobre o processo de Transição das crianças da EPE para o 1.º CEB. A metodologia apresentada foi o alicerce do processo de investigação.

No decorrer deste capítulo procuraremos descrever a problematização, as questões de investigação e os objetivos gerais e específicos da investigação. Em seguida, apresentamos as opções metodológicas adotadas, a abordagem selecionada, os participantes e o contexto. Por último, apresentaremos as técnicas, os instrumentos utilizados para a recolha, tratamento e análise dos dados.

2.1. Problematização

No presente estudo a problemática está relacionada com o processo de transição da Educação Pré-Escolar para o 1.º CEB. A mudança do nível de escolaridade é sempre um marco na vida das crianças, tendo sempre uma conotação de muitas emoções, medos e ansiedades, pois as crianças não têm a certeza do que irá acontecer.

Tendo em conta que este processo de transição é um momento crucial e determinante na vida das crianças, é crucial o estudo desta problemática, de forma a identificar o que as crianças sentem nesta situação, que estratégias/mecanismos são utilizadas no processo de transição do ensino da Educação Pré-escolar para o 1.º ano de escolaridade, a importância do trabalho colaborativo entre os educadores e os professores, de que modo é que o lúdico pode ser uma estratégia de ensino aprendizagem e quais são as competências que devem ser trabalhadas no decorrer deste processo.

Sendo a investigadora, aluna do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, considerou-se crucial a realização de um estudo sobre a problemática do Processo de Transição da Educação Pré-Escolar para o 1.º Ciclo do Ensino Básico, de forma a compreender como este é sentido pelos alunos, pelos educadores, pelos professores e por uma coordenadora de estabelecimento de uma determinada instituição.

Segundo Vasconcelos (2007) “assegurar que cada transição seja bem-sucedida é fundamental e significativo para o bem-estar social e emocional da criança, mas simultaneamente, importante para o seu desempenho cognitivo” (p.54). Nesta fase de transição, é crucial que os educadores/as de infância e aos professores/as de 1.º CEB assegurem um

processo de transição facilitador, respeitando cada criança e a sua individualidade de modo que todos se sintam preparados para os novos desafios. Tendo em linha de conta estes pressupostos, a pergunta de partida, as sub-questões e os objetivos da presente investigação.

→ Pergunta de partida

Quais são os conhecimentos e concepções dos Educadores de Infância e dos Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico sobre o processo de transição e qual é o seu papel no decorrer do processo?

→ Sub-questões:

Qual a importância do trabalho colaborativo entre educadores e professores no processo de transição?

Que estratégias são utilizadas no processo de transição?

De que modo o lúdico poderá ser uma estratégia de ensino-aprendizagem no processo de transição de alunos da Educação Pré-Escolar para o 1.º ano de escolaridade?

Quais as principais competências que devem/são trabalhadas no processo de transição?

Quais são as concepções que os professores e educadores têm sobre o seu papel no processo de transição?

Quais são as perceções dos alunos sobre o processo de transição?

→ Objetivos do estudo

Compreender os conhecimentos e as concepções dos educadores e professores sobre o processo de transição da EPE para o 1.º CEB;

Identificar estratégias que os educadores e professores utilizam para uma melhor transição para o 1.º CEB;

Compreender de que modo os alunos se sentem e qual é o seu papel no processo de transição;

Identificar as concepções dos educadores e professores sobre o trabalho colaborativo entre si;

Promover o lúdico como papel fundamental na transição.

A problemática selecionada e os resultados alcançados, devem ter como base uma análise e reflexão constante sobre o processo de transição da Educação Pré-Escolar para o 1.º Ciclo do Ensino Básico, nomeadamente sobre os conhecimentos e as concepções dos Educadores de Infância e dos professores e o seu papel.

De modo geral procura-se compreender de que forma, num contexto educativo em que existe a valência da EPE e 1.º CEB, é trabalhado o processo de transição.

2.2. Paradigma interpretativo

Assim, e tendo em conta a questão de partida, as sub-questões e os objetivos definidos, optou-se por uma abordagem mista, utilizando-se a metodologia quantitativa e qualitativa, através de uma entrevista semiestruturada à coordenadora de estabelecimento de uma determinada escola, uma entrevista *focus group* às educadoras e professoras separadamente e por fim, um jogo com as crianças que vão para o 1.º ano e com os alunos de uma turma de 1.º ano de escolaridade.

Coutinho (2011) refere que o paradigma interpretativo no que concerne às investigações de questões educativas, tem como principal objetivo aprofundar a perspetiva dos indivíduos, de forma a compreender-se a forma como estes interpretam determinadas situações, ou seja, o seu ponto de vista.

A investigação realizada, contém alguns elementos característicos de uma pesquisa quantitativa, contudo, estes dados serão transformados em dados qualitativos. Os resultados são relativos à instituição onde ocorreu a investigação, não sendo generalizados, baseando-se assim na interpretação do investigador.

O estudo qualitativo pretende compreender a conduta humana a partir dos seus próprios pontos de vista ou situações experienciadas pelos indivíduos. Além disso, é um estudo subjetivo baseado na realidade, apresentando dados reais, ricos e profundos.

De acordo com Amado e Costa (2018), no processo de análise de dados qualitativos o investigador quer aprender sobre alguma temática, tendo em conta os sujeitos que são entrevistados. Os mesmos autores, referem que esta metodologia tem como base as inferências do investigador tendo em conta o que os indivíduos dizem.

Alonso (1998, citado por Nobre, Côrrea, Nepomuceno, Holanda, Nobre, Sousa & Siqueira, 2016) afirma que a pesquisa qualitativa se baseia numa abordagem processual que envolve a compreensão dos diversos agentes, não estando só relacionado com o campo analisável mediante um método que reconstrua as ações dos atores dos sistemas sociais, mas também com o campo do não verificável, do interpretável a partir da atribuição do sentido, ou seja, além da análise dos resultados esta poderá divergir consoante a interpretação do investigador. Este tipo de investigação prescinde, a maior parte das vezes, de uma determinação rigorosa da amostra a ser explorada.

Segundo Leão, Mello e Vieira (2009), as características da abordagem qualitativa focam-se tanto na subjetividade do investigador como no raciocínio indutivo. Contudo, Adorno (2008, citado por Nobre, et. al, 2016) afirma que a principal potencialidade deste tipo de pesquisa é a capacidade do investigador se colocar frente ao objeto de estudo e que antes de avançar com a investigação reflita sobre como quer conduzir o estudo, nunca esquecendo os objetivos pretendidos, ou seja, neste método é necessário que haja parcialidade para a produção de conhecimento, autorreflexão e criatividade durante todo o momento de pesquisa.

Em relação ao estudo quantitativo, de forma geral, os investigadores utilizam questionários para transformar em dados mensuráveis, as informações dadas pelas pessoas que realizam os questionários. De acordo com Tuckman (1994) “Este torna possível medir o que a pessoa sabe (informação ou conhecimento), o que gosta e não gosta (valores e preferências) e o que pensa (atitudes e crenças)” (p. 307).

De acordo com o autor Nat Gage (1994, citado por Knobel, M., e Lankshe, C., 2008), a pesquisa quantitativa na Educação deve ter ideias que requerem procedimentos que utilizem definições precisas, métodos objetivos, que sejam sistemáticos e que possam ser confirmados ou desmentidos. Assim, qualquer questão colocada pelos investigadores deve ser mensurada.

Knobel, M., e Lankshe, C. (2008) referem que a pesquisa quantitativa, em geral, depende de três condições existentes numa situação de pesquisa, a medição de variáveis se as mesmas podem ser quantificadas, a elaboração de hipóteses anteriormente à realização do estudo, com a possibilidade de testar as mesmas e por fim, se a amostra for em grande escala é possível que sejam generalizadas para uma população maior.

Existem cinco conceitos-chave na pesquisa quantitativa, o autor Vogt (1999, citado por Knobel, M., e Lankshe, C.), refere que os projetos de pesquisa quantitativa envolvem as variáveis, objetividade, testagem de teoria ou hipóteses, estatística e significado de estatística e validade do estudo. O termo “variáveis” utiliza-se para descrever aquilo que pode mudar dentro do contexto de pesquisa. A “objetividade do pesquisador” está relacionada com o facto de o investigador conseguir distanciar a parte pessoal da sua pesquisa. O pesquisador procura sempre a validade do seu estudo, existindo dois tipos de validade, interna e externa. A validade interna está relacionada com a precisão e sinceridade dos resultados do estudo. A validade externa pretende verificar em que medida os resultados podem ser direccionados e utilizados noutras populações.

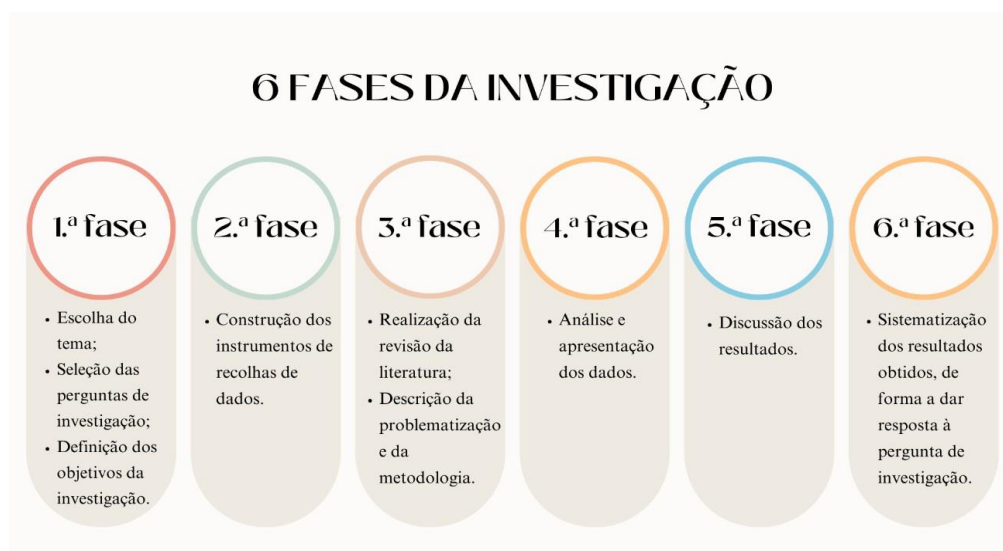
Tendo em conta o que foi mencionado anteriormente, o presente estudo decorreu em seis fases distintas. Na 1.º fase, procedeu-se à seleção do tema, perguntas de investigação e objetivos

do estudo. Na 2.º fase, iniciou-se a construção dos instrumentos de recolhas de dados, nomeadamente uma entrevista semiestruturada, duas entrevistas *focus group*, uma para as educadoras e outra para as professoras, um jogo denominado por: “Sinto-me assim” para ser realizado com as crianças que vão para o 1.º ano de escolaridade e com os alunos de uma turma de 1.º ano de escolaridade.

Na fase seguinte, na 3.º fase, finalizou-se a revisão da literatura, de forma a relacionar a mesma com os dados obtidos na fase anterior, a descrição da problematização e da metodologia. Na 4.º fase, passou-se à análise e apresentação dos dados, relacionando e comparando os mesmos. Na 5.º fase, procedeu-se à discussão dos resultados. Por fim, na 6.º fase sistematizou-se os resultados obtidos, de forma a dar resposta à pergunta de investigação.

De seguida, encontra-se um esquema das seis fases de investigação (Figura 2).

Figura 2- As seis fases da investigação sobre o processo de transição da Educação Pré-Escolar para o 1.º Ciclo do Ensino Básico



Criado pela autora (2024).

2.3. Estudo de Caso

A presente investigação tem como base um estudo de caso. De acordo com o autor Ponte (2006), este tipo de estudo é utilizado para compreender um determinado fenómeno num local específico.

Os autores Coutinho e Chaves (2002), mencionam que este tipo de método de investigação permite uma perceção mais aprofundada sobre o tema selecionado, permitindo a especificação de determinado fenómeno. Os mesmos autores revelam que é crucial conhecer o local onde será realizado o estudo e consequentemente o grupo que irá participar na investigação.

O presente estudo de caso, como foi referido anteriormente, pretende interpretar os conhecimentos e conceções dos Educadoras de Infância e Professoras do 1.º CEB e as perceções das crianças que vão frequentar no ano letivo seguinte o 1.º ano de escolaridade e as perceções de um grupo de crianças que está a frequentar o 1.º ano de escolaridade neste ano letivo.

Neste sentido, pode considerar-se que esta investigação é um estudo de caso, pois pretende investigar, interpretar e comparar as conceções e perceções das Educadoras, Professoras, Crianças e Alunos no que concerne o processo de transição da EPE para o 1.º CEB.

2.4. Participantes

Gatti (2005, citado por Amado, 2014), refere que é necessário selecionar bem as pessoas que vão participar na investigação, pois nem todos os tópicos se adequam a todas as pessoas. Os tópicos devem estar diretamente relacionados com a experiência dos entrevistados.

Na pesquisa qualitativa, a seleção dos participantes alcança uma direção muito particular, tendo como objetivo obter a maior informação possível para fundamentar e criar uma teoria para o projeto. Posto isto, pode afirmar-se que este tipo de seleção de participante é intencional, visto que, os indivíduos são escolhidos de forma criteriosa. Quanto às fragilidades inerentes a este processo é de realçar, que as mesmas resultam da inaptidão de atender às mesmas normas de confiabilidade e validade das pesquisas.

O grupo de participantes selecionado para dar resposta aos objetivos específicos estabelecidos, serão alunos que iniciam no ano seguinte o 1.º ano de escolaridade, alunos que frequentam o 1.º ano, educadoras de infância, professores do 1.º CEB, uma coordenadora de estabelecimento que se encontram atualmente numa escola específica. A escola em questão foi selecionada, atendendo que apresentava a valência da EPE e ensino do 1.º CEB. Para o tipo de estudo indicado, era fundamental que o mesmo fosse realizado numa escola que tenha as duas valências, de modo a compreender de que forma é desenvolvido o processo de transição.

Neste sentido, os critérios para a seleção dos participantes foram os seguintes: frequentar a Educação Pré-Escolar e ir para o 1.º ano de escolaridade; estar no 1.º ano de escolaridade, ser educador de infância; ser professor do 1.º Ciclo Ensino Básico; ser coordenador de estabelecimento de uma escola selecionada previamente.

Para a realização do estudo na instituição, realizou-se um pedido de autorização (anexo I). A apresentação do pedido de autorização para a realização do estudo, teve como objetivo a explicação detalhada do tipo de estudo, para que desta forma a coordenação pudesse decidir de forma informada e voluntária sobre a participação da instituição no mesmo. De igual forma, é crucial que todos os participantes assinem um consentimento informado, para que estejam desde o início informados sobre o tipo de estudo que se pretende realizar e as condições da sua participação.

Os Encarregados de Educação, assinaram também um consentimento informado para a participação dos educandos na investigação (anexo II).

2.5. Caracterização da Instituição de Ensino

A instituição de ensino em que a investigação foi realizada, está localizada no concelho de Lisboa. Esta escola, está inserida num Agrupamento com quatro escolas públicas. Os alunos que fazem parte do Agrupamento, constituem uma população heterogénea.

A instituição em que foi realizada a investigação dispõe da valência da Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, albergando cerca de 220 alunos.

A instituição está a funcionar nos dias úteis das 08:00h até às 19:00h. As aulas iniciam às 09:00h para as duas valências. No caso do 1.º CEB, os alunos têm as Atividades de Enriquecimentos Curricular (AEC) que decorrem entre as 16:00h e as 17:00h. Posteriormente os alunos poderão usufruir da Componente de Apoio à Família (CAF) até às 19:00h. As crianças da Educação Pré-Escolar, podem usufruir das Atividades de Animação e Apoio à Famílias desde as 15:00h até às 19:00h. A AAAP e CAF, também são responsáveis pelo acolhimento dos alunos entre as 08:00h e as 09:00h.

Na escola, existem dois parques onde as crianças passam a hora do recreio, que estão disponíveis para as mesmas brincarem em diferentes momentos estipulados previamente. Um dos parques tem alguns brinquedos, como um escorrega, e o outro parque tem campos e balizas. Ambos os parques têm jogos desenhados no chão para os alunos usufruírem. A escola está dividida por dois blocos e dispõe também de várias salas de aula, salas de professores, salas para arrumação dos diversos materiais, uma biblioteca, um ginásio, um refeitório, horta e

equipamentos sanitários.

2.6. Instrumentos de recolha de dados

De seguida, apresentar-se-á a forma como foram recolhidos os dados da pesquisa. Bogdan e Biklen (1994) mencionam que o contacto com o ambiente natural em que se passa a temática é crucial pois, coloca o entrevistador em contacto direto com o local e o tema que está a investigar.

Relativamente às técnicas e instrumentos de recolha de dados utilizados, tendo em conta a natureza da investigação, recorreu-se à entrevista *focus group* e à entrevista semiestruturada.

Recorreu-se a estes instrumentos de recolhas de dados, de forma a compreender os conhecimentos, conceções e as práticas dos educadores de infância, dos professores de 1.º ciclo do ensino básico e da coordenadora de estabelecimento.

2.6.1. Entrevista Focus Group

De acordo com Silva, Veloso e Keating (2014), a entrevista *focus group* é também designada como grupo de discussão, sendo uma técnica de recolha de dados e pode ser utilizada em diferentes momentos no decorrer da investigação. Segundo Morgan (1996, 1997, citado por Silva, Veloso e Keating, 2014), refere que *focus group* é uma técnica de investigação que recolhe dados através da interação do grupo sobre um determinado tópico apresentado pelo investigador. Ainda o mesmo autor, refere que este tipo de método tem três componentes essenciais, é um método de recolha de dados, tem por base a interação entre os participantes e tem como alicerce uma participação ativa do investigador no decorrer da entrevista como forma de recolha de dados. À semelhança das suas potencialidades, este método de recolha de dados tem também fragilidades, estas estão relacionadas com o processo de interações focadas.

Krueger e Casey (2009, citados por Silva, Veloso e Keating, 2014) referem que esta é uma técnica de recolha de dados qualitativos com indivíduos que têm características em comum. Contudo, outros autores mencionam que este tipo de método pode ser utilizado em conjunto com outros métodos, ocorrendo em fases diferentes. Poderá iniciar com um questionário, depois a fase da interpretação dos resultados obtidos com os questionários e, por fim, na última fase, existirá uma análise em grupo sobre os resultados obtidos.

Silva, Veloso e Keating, (2014) indicam que a realização do *focus group* deve respeitar as suas cinco fases de realização, primeiramente o planeamento, a moderação, análise de dados e por fim a divulgação dos resultados. O planeamento pretende-se na definição clara dos objetivos

orientadores, a construção do guião da entrevista, na escolha dos participantes, no tamanho dos grupos e na quantidade de grupos.

Na fase da preparação, segunda fase, deve-se ter em conta o recrutamento dos participantes e as condições logísticas, tanto dos grupos como da escolha do local.

Na fase seguinte, da moderação, este processo deve ter a duração média de uma hora e meia e a máxima de duas horas e meia. A intervenção do moderador é considerada um elemento-chave desta fase. O papel do moderador deve basear-se em questionar, ouvir, manter a conversa sempre ativa e promover a participação de todos, não devendo julgar as respostas dadas.

A quarta fase, correspondente à análise dos dados. Silva, Veloso e Keating, (2014) referem que esta pode ser abordada de várias formas, tendo três fases, a codificação, que tem por base a transcrição da entrevista e a atribuição de categorias. A segunda fase é o armazenamento, nesta fase há uma compilação dos textos correspondentes à mesma categoria de forma a compará-los e por fim, a fase da interpretação, esta deve ter por base uma análise sistemática dos dados, podendo ser utilizados diversos métodos de análise.

A quinta e última fase, correspondente à divulgação dos dados, geralmente é feita através de um relatório escrito e/ou de uma apresentação aos participantes, em que devem constar os objetivos, as metodologias utilizadas e os resultados obtidos, podem também constar citações, de forma a dar credibilidade à análise realizada.

A metodologia de *focus group* é um método de recolha de dados, normalmente de natureza qualitativa, que pretende aumentar o conhecimento dos indivíduos sobre um determinado tema.

A entrevista *focus group* foi contruída, primeiramente, com a determinação das questões através do tema selecionado anteriormente, que se trata do processo de transição da Educação Pré-Escolar para o ensino do 1.º CEB selecionando como participantes as educadoras e professoras de uma determinada escola que contempla as duas valências.

A investigadora realizou cartões com as perguntas selecionadas, encontrando-se num saco no decorrer da entrevista. Constavam perguntas que deviam ser respondidas por todos os participantes e outras que se os participantes não considerassem necessário não precisavam de acrescentar nada à resposta dada pela colega, como por exemplo, que competências são essenciais que as crianças tenham adquirido na transição para o 1º CEB. Os cartões foram retirados à vez, possibilitando a participação de todos.

As educadoras e as professoras realizaram a entrevista *focus group* separadamente. Primeiramente foi lido o consentimento informado, depois a leitura das perguntas e no final houve um agradecimento.

2.6.2. Entrevista semiestruturada

Segundo Fontana e Frey (1994, citado por Aires, 2015), a entrevista é uma das práticas mais comuns e relevantes no estudo e compreensão do ser humano. Esta tem uma grande diversidade de utilizações e uma grande multiplicidade de formas de se realizar, como por exemplo, a realização de uma entrevista individual presencial, uma entrevista de grupo, uma entrevista feita por telemóvel ou ainda pelo computador. Além disso, esta poderá servir vários fins, como comerciais ou científicos por exemplo, e poderá abarcar um amplo campo de temas ou apenas focar-se num só.

Quanto à presente proposta, sugere-se que seja realizada uma entrevista semiestruturada com a coordenadora de estabelecimento a mesma consiste numa interação entre o investigador e o entrevistado com base num conjunto de questões previamente preparadas, mas embora estas, não sejam limitadas, ou seja durante o decorrer da entrevista poderá surgir perguntas pertinentes que poderão também ser integradas e realizadas mediante o decorrer da mesma.

Assim, segundo Bateson, (1985, citado por Aires, 2015):

Evita que na conversação se produzam séries de palavras sem sentido. O marco mínimo da entrevista é o guião temático prévio que integra os objetivos da investigação e orienta a interação. Pretende-se que ao longo da entrevista se crie uma relação dinâmica em que se vão gerando os temas em estudo. A entrevista não constitui, por isso, uma situação de interrogatório, mas uma situação de “confissão” onde o que se pede ao entrevistado é a confiança (p.33).

Relativamente às respostas, estas deverão ser anotadas pelo investigador. Outro ponto importante para a escolha deste tipo de entrevista consiste na recolha e aprofundamento dos dados, pois a mesma deverá resultar numa interação criadora de significados para que seja possível chegar-se aos resultados. Em relação aos saberes compartilhados ao longo da entrevista, Alonso (1995, citado por Nobre, et. al, 2016) refere que estes se dividem em dois grandes grupos, os saberes implícitos e os saberes explícitos. Quanto aos primeiros, estes dizem respeito aos códigos linguísticos e culturais. Quanto aos segundos, referem-se aos saberes que integram os diálogos entre o investigador e o entrevistado. Por fim, considera-se que através do uso deste tipo de entrevista consegue-se produzir um discurso individualizado durante a interação, onde poderão ser referidas experiências sociais, culturais e estilos de vida dos participantes. Além disso, a aplicação da entrevista em profundidade, relativamente ao campo da educação, tem sido frutífera em áreas como a análise do pensamento do professor, os processos de tomada de decisão, o estudo das representações sociais, a educação intercultural,

os meios de aprendizagem e entre outros afins.

Para a realização das entrevistas, realizou-se um consentimento informado para a participante assinar (anexo III).

2.6.3. Jogo com os alunos

No decorrer de toda a formação académica e sobretudo na realização dos estágios, optou-se sempre pela realização de atividades lúdicas com as crianças e alunos, pois considera-se que as atividades lúdicas são fundamentais no desenvolvimento e na aprendizagem das crianças e alunos.

O jogo tem um papel importantíssimo no desenvolvimento social e emocional da criança. De acordo com Pessanha (2001), o jogo contribui para o desenvolvimento da personalidade e global da criança, favorecendo desta forma a autonomia e autoconfiança. Através das atividades mais lúdicas realizadas em grupo, a criança desenvolve a parte socio emocional, estimulando as suas emoções e sentimentos. Dallabona e Mendes (2014), referem que através da brincadeira a criança desenvolve a sua personalidade, a criatividade, a imaginação e a inteligência emocional e cognitiva.

Em relação ao papel do jogo no processo ensino-aprendizagem, Santos (2009), menciona que o jogo é uma ferramenta ideal da aprendizagem, pois estimula os interesses das crianças, desenvolve as experiências pessoais e sociais, sendo um verdadeiro instrumento pedagógico, pois proporciona formas de o professor conduzir a dinâmica, estimular as aprendizagens e avaliar as mesmas.

Neto (2003), menciona que os jogos são atividades que promovem esquemas mentais, estimulam o pensamento e a perceção do espaço-temporal. Ao mesmo tempo desenvolvem e fortalecem aspetos afetivos, sociais e motores.

Roldão (2008) refere que:

O desenvolvimento é um processo complexo, continuado, interativo e nunca terminado e que é onde se jogam, muitas vezes de forma irreversível, fatores que o favorecem ou o individualizam, e a que corresponde, por isso mesmo, uma responsabilidade acrescida das várias agências sociais, com destaque para as educativas (p.177).

Silva et al. (2016), consideram que o jogo aproxima o professor e os seus alunos, pois promove o diálogo, o respeito, novos conhecimentos, novas interações, valores e os conteúdos programáticos das diversas disciplinas. Ou seja, se o jogo for adequado, que motive e promova o envolvimento ativo dos alunos, é um verdadeiro facilitador de aprendizagens em que os alunos

estão no centro da sua aprendizagem.

O professor tem um papel determinante na aprendizagem dos seus alunos, assim é determinante que esteja atento ao que acontece na sala e que de forma positiva realize jogos que desenvolvam as competências das crianças ao nível social, emocional e cognitivo.

Deste modo, e de forma a compreender a perceção das crianças e a forma como se sentem por ir para o 1.º ano de escolaridade e como os alunos do 1.º ano de escolaridade se sentem realizou-se um jogo com ambos os grupos.

2.7. Procedimentos

2.7.1. Procedimento de recolha de dados

→ Entrevista *focus group*

Anteriormente à aplicação das entrevistas *focus group*, foi necessário proceder-se à construção das mesmas (anexo IV), tendo como base as questões e os objetivos de estudo previamente delineados. Antes de qualquer questão a investigadora leu o consentimento informado. Não havia uma ordem definida das perguntas, sendo que os participantes tiravam as mesmas de um saco. Se os colegas considerassem pertinente, poderiam acrescentar algo à resposta dada anteriormente. As questões procuravam saber informações sobre os entrevistados, sobre a perceção e as práticas das educadoras e das professoras em relação ao processo de transição, sobre o trabalho colaborativo entre educadores e professores e por fim, sobre as estratégias utilizadas no processo de transição da Educação Pré-Escolar para o 1.º ano de escolaridade.

As entrevistas foram realizadas no dia 11 de dezembro, tendo sido esta data marcada previamente com as educadoras e professoras. De forma que a informação fosse toda recolhida para posteriormente realizar-se a análise de conteúdo recorreu-se à gravação da entrevista com o consentimento prévio dos participantes.

No decorrer da entrevista, procurou-se ouvir cuidadosamente o que os entrevistados diziam, intervindo caso fosse necessário de modo a clarificar alguma informação ou até acrescentar questões pertinentes.

→ Entrevista semiestruturada

Antes da aplicação da entrevista, foi necessário proceder-se à construção da mesma (anexo V), tendo como base as questões os objetivos de estudo previamente delineados. Antes de qualquer questão a investigadora leu o consentimento informado. O guião da entrevista tinha três grupos de questões. O primeiro grupo correspondeu às informações pessoais da entrevistada. O segundo grupo, estava relacionado com a sua conceção sobre o processo de transição, por fim, o último grupo, estava dedicado ao trabalho desenvolvido pelas educadoras e professoras da instituição, tendo em conta o processo de transição da Educação Pré-Escolar para o 1.º ano de escolaridade e o trabalho colaborativo.

A entrevista foi realizada no dia 22 de dezembro, tendo sido esta data marcada previamente com a coordenadora de estabelecimento. De forma que a informação fosse toda recolhida para posteriormente se realizar a análise de conteúdo recorreu-se à gravação da entrevista com o consentimento prévio da coordenadora.

No decorrer da entrevista, procurou-se assumir uma atitude semidiretiva, ou seja, ouviu-se cuidadosamente a entrevistada, intervindo caso fosse necessário de modo a clarificar alguma informação ou até acrescentar alguma questão.

→ Jogo

O jogo foi contruído pela investigadora, tendo denominado o mesmo como: “Sinto-me assim...” (anexo VI). No chão estavam, em formato A3 e plastificados, diversos emojis, como: alegre, assustado, orgulhoso, entre outros. A investigadora leu uma pergunta e as crianças e os alunos foram para a frente do emoji que representava o que estavam a sentir quando ouviam a pergunta. Construiu-se um registo de forma a escrever as respostas dos alunos, onde constava o número de alunos que selecionaram cada emoji, mantendo sempre a privacidade de todos. Primeiramente, realizou-se o jogo com as crianças que estão na Educação Pré-Escolar e que vão para o 1.º ano de escolaridade, sendo um grupo de vinte e seis crianças, e posteriormente realizou-se o jogo com os alunos de uma turma de 1.º ano de escolaridade, estando presentes vinte alunos.

2.7.2. Procedimentos de tratamento e análise de dados

Quivy e Campenhoudt (2013), mencionam que “a maior parte dos métodos de análise das informações dependem de duas grandes categorias: a análise estatística dos dados e a análise de conteúdo” (p.222). Posteriormente à recolha das informações, obtiveram-se dados de natureza

qualitativa, resultantes das entrevistas realizadas com as educadoras, professoras e com a coordenadora de estabelecimento, por fim, foram retirados dados quantitativos e qualitativos do jogo realizado com as crianças que vão para o 1.º ano de escolaridade e das crianças que estão a frequentar uma turma de 1.º ano no presente ano letivo. Assim, foi selecionada a análise de conteúdo para o tratamento dos dados qualitativos e a análise estatística para o tratamento de dados quantitativos.

Na perspetiva de Bardin (2008), a análise de conteúdo trata-se de “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/receção (variáveis inferidas) destas mensagens” (p.44). Anteriormente à análise das entrevistas, foi necessário fazer a sua transcrição (anexo VII, VIII, IX), recorrendo às gravações de áudio previamente autorizadas pelos participantes. Foram retirados dados qualitativos no jogo realizado com as crianças e alunos (anexo X). As gravações foram realizadas através do gravador de um telemóvel.

De seguida, definiu-se categorias, subcategorias e unidades de análise, para posteriormente realizar-se a análise de conteúdo (anexo XI).

Amado (2000) revela que a análise dos dados é essencial, pois para além da recolha de dados é necessário analisar e interpretar os mesmos.

Costa e Amado (2018) referem:

Nessas situações, torna-se necessário ir além do mero sublinhar de ideias e passar à sua organização, de modo a fazer inferências válidas e a tirar conclusões compreensíveis e aceitáveis por uma larga comunidade de interessados. Para isso, é necessário que o processamento da informação se faça com sujeição a um conjunto de regras que lhe confirmem rigor e um mínimo de replicabilidade.

Bardin (1995), menciona que, na análise de conteúdo, deve utilizar-se categorias e subcategorias. A categorização “é um processo de tipo estruturalista e comporta duas etapas: a) o inventário: isolar os elementos; b) a classificação: repartir os elementos, e, portanto, procurar impor uma certa organização às mensagens” (p. 118).

2.8. Questões éticas

No decorrer de toda a investigação, foram tidos em conta dois documentos que devem ser orientadores da prática de todos os educadores e professores. Sendo estes a Carta de Princípios Éticos das autoras Brito e Baltazar e a Carta de princípios da Associação de Profissionais de

Educação de Infância (APEI).

As autoras Brito e Baltazar (2021), apresentam de forma bastante sucinta as diversas responsabilidades que o educador e o professor têm de ter perante as crianças, as famílias, com os colegas, com a comunidade, a sociedade e por fim, as responsabilidades que temos com a profissão. As responsabilidades apresentadas nos diversos contextos, são um alicerce para uma tomada de decisão consistente.

A Carta de princípios da APEI tem como objetivo promover o desenvolvimento da identidade profissional dos Educadores de Infância contemplando, fundamentalmente, a dimensão ética. Esta pretende uma reflexão profunda e constante ao nível de alguns domínios, relacionados com a profissão de Educador de Infância.

O presente Trabalho Final de Mestrado, respeita e tem em conta os Princípios Éticos mencionados, respeitando as questões de privacidade, privilegiando o anonimato e confidencialidade da instituição, das crianças, das famílias ou da equipa pedagógica. Foram realizados e devidamente assinados consentimentos informados para a realização do estudo. Apresentou-se, primeiramente um consentimento informado para a realização do estudo na instituição, um consentimento para a realização das entrevistas a cada participante e aos encarregados de educação dos alunos que realizaram o jogo. Na análise e tratamento de dados e posteriormente nos resultados apresentados, a confidencialidade e o anonimato foram sempre respeitados.

Identifica-se, de forma muito próxima, com todos os princípios referidos nos documentos mencionados, pois considera-se que, enquanto educadores e professores, para que a prática seja positiva, deve-se ter em atenção os aspetos relacionados com todos os intervenientes, sejam as crianças, os colegas, a instituição, a comunidade e a responsabilidade com a nossa profissão. Porém, considera-se que a maior responsabilidade é para com as crianças, que esperam de nós o melhor que temos e é nossa obrigação dar-lhes o melhor, pois esta é de facto uma etapa única, mas que é através dela que se desenvolvem os futuros adultos da nossa sociedade!

CAPÍTULO III

RESULTADOS

No presente capítulo apresenta-se os resultados da investigação realizada.

Primeiramente apresenta-se os resultados da análise de conteúdo referente às entrevistas, e depois a análise de conteúdo referente ao jogo efetuado com as crianças e os alunos.

De acordo com o autor Bell (2002) a análise de conteúdo é um método de recolha de dados que define categorias tendo em conta os objetivos da investigação. Após a realização das entrevistas, os investigadores colocam transcrições das entrevistas em cada categoria. Após a transcrição e leitura as entrevistas, a investigadora criou uma tabela relacionando os objetivos e as sub-questões com a transcrição das entrevistas.

3.1. Análise de conteúdo das entrevistas

No âmbito da presente investigação foram realizadas três entrevistas, num total de doze participantes (três educadoras, oito professoras de 1.º CEB e uma coordenadora de estabelecimento). Os entrevistados são docentes da mesma instituição de ensino. As entrevistas foram realizadas no decorrer do mês de dezembro. O agendamento do dia da realização das entrevistas foi realizado em conjunto com os participantes.

Como se pode observar, através do Figura 3, no que respeita à formação académica dos docentes entrevistados, verifica-se que o grau académico referente à licenciatura é predominante, duas educadoras, cinco professoras e a coordenadora de estabelecimento. No caso do mestrado, existe uma educadora e três professoras que têm o mesmo em Ensino da Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Em relação ao tempo de serviço, existe uma docente que está a exercer entre um e cinco anos, três docentes que estão a exercer entre os seis e dez anos, três docentes que estão a exercer entre os onze e os vinte anos, três docentes que estão a exercer entre os vinte e um e trinta anos e por fim, uma docente que está a exercer entre os trinta e um e os quarenta anos.

Figura 3- Caracterização dos entrevistados

	Educadoras n.º: 3	Professoras n.º: 8	Coordenadora de estabelecimento n.º: 1
Formação académica	Licenciatura: 2 Mestrado: 1	Licenciatura: 5 Mestrado: 3	Licenciatura
Tempo de serviço			
1-5 anos		1	
6-10 anos	1	2	
11-20 anos		2	
21-30 anos	1	2	1
31-40 anos	1		

De seguida irá responder-se aos objetivos formulados inicialmente.

→ Compreender os conhecimentos e as conceções dos educadores e professores sobre o processo de transição da EPE para o 1.º CEB.

Relativamente a este objetivo formulado, pretende-se compreender as conceções das educadoras e professoras tendo em conta o processo de Transição da Educação Pré-Escolar para o 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Nas questões relacionadas com os conhecimentos e as conceções das educadoras e das professoras, observou-se que há uma preocupação geral sobre o processo de transição da Educação Pré-Escolar para o 1.º CEB. Tanto as educadoras, as professoras e a coordenadora de estabelecimento, atribuem uma grande importância a este processo de transição, afirmando por exemplo:

“Eu acho que devemos ter essa responsabilidade sempre quando recebemos uma turma de primeiro ano, porque será a primeira experiência daquelas crianças num primeiro ciclo e eu acho que o primeiro ciclo é o tempo mais feliz do percurso escolar. Eu tenho essa ideia, é a mesma convicção que todos os miúdos passam aqui, têm de ser o mais felizes possível. Portanto, faço tudo para que eles saiam daqui com os conteúdos e tudo mais, mas em primeiro de tudo está a felicidade, quero que eles se sintam bem no sítio

onde estão, quero que se sintam bem comigo.” (professora V.)

Após a professora V. referir o que foi mencionado anteriormente, a professora M. revelou o seguinte: “também acho isso, temos de os ouvir. Estamos tão stressadas com os conteúdos que nos esquecemos de ouvir. Temos de parar e ouvir.”

Em relação às competências que as docentes consideram cruciais que sejam adquiridas no processo de transição, as mesmas referiram que a motricidade fina, o saber estar em sala de aula, o respeito, o cumprimento de regras, o saber agarrar num lápis, a lateralidade e a gestão das emoções são elementos cruciais. Por outro lado, houve docentes, que referiram que se os alunos tivessem maturidade conseguiriam ter um bom desempenho no 1.º ano de escolaridade e que talvez fosse fundamental os alunos ficarem mais um ano na Educação Pré-Escolar de forma a adquirir essa maturidade, a professora A. referiu: “talvez alargar a idade do Pré-Escolar, para o 1.º Ciclo é que era crucial.”

Referente à transição e ao impacto da mesma, a coordenadora de estabelecimento refere que:

“esta transição é essencial, é vital mesmo, porque lá está, se não estiver aqui uma, transição feita adequada e se não houver uma articulação, obviamente que depois tem repercussões no 1.º Ciclo, e isso é de evitar, não é porque lá está tem de haver uma preparação, tem que haver aqui um cuidado nesta passagem. (...) A verdade é que se não houver essa articulação, acaba por ter um grande impacto nas crianças, eles podem ficar muito mais inseguros e depois têm repercussões ao nível das aprendizagens.”

Deste modo, o processo de transição terá que ser realizado em articulação de forma que seja uma transição harmoniosa para todos os intervenientes e principalmente para todos os alunos.

→ Identificar estratégias que os educadores e professores utilizam para uma melhor transição para o 1.º CEB.

Com a delineação deste objetivo, procurou-se compreender que estratégias são utilizadas para que a transição seja o mais harmoniosa possível e por outro lado que estratégias poderiam ser implementadas. A maioria dos entrevistados sugeriu que as idas às salas de aula são estratégias fulcrais, mas que ainda assim podiam ser mais significativas com a partilha efetiva dos projetos realizados. Uma estratégia que é realizada há algum tempo, é o apadrinhamento dos alunos do 1.º ano, que são apadrinhados pelos alunos do 4.º ano de escolaridade. Uma das educadoras, no decorrer da entrevista referiu que os seus alunos disseram que gostavam de ter um padrinho que fosse brincar com eles no recreio, pelo menos uma vez na semana, poderia ser uma nova estratégia a ser implementada.

De forma geral, os docentes referiram que não consideram que as festas, alguns dias festivos, como o dia do pijama ou até mesmo algumas visitas à sala estratégias que apoiem o processo de transição. A educadora S. referiu o seguinte “e muitas vezes nós vimos aqui ao 1.º Ciclo, vimos cantar uma música, ou as janeiras, ou o Natal, ou o Carnaval, ou vimos ler um poema pronto. Eu acho que isso pode ser mantido, mas para mim, como a A. diz, seria uma atividade pontual.”

As educadoras mencionaram um projeto denominado por: “Crescer em cadeia”, que irá sem implementado no 2.º semestre que consiste no desenvolvimento de atividades de uma turma de 1.º ano com o grupo de crianças que no próximo ano letivo irá para o 1.º ano de escolaridade. O que acontece de forma frequente é a visita das famílias e das crianças que vão frequentar pela primeira vez a escola, desta forma a que todos fiquem a conhecer o espaço.

Por norma, a visita é realizada pela coordenadora da escola. Todos destacaram ser uma estratégia importantíssima.

Na entrevista às professoras do 1.º CEB, estas referiram que no início do 1.º ano de escolaridade, é crucial que haja uma especial atenção às dinâmicas utilizadas em sala de aula, para que não haja uma mudança radical na rotina dos alunos. Uma das estratégias referidas foi a utilização de áreas e momentos de rotina como existe na Educação Pré-Escolar. No decorrer do ano, deverá incluir-se gradualmente outras dinâmicas ao nível do 1.º CEB.

De forma geral, as docentes do 1.º CEB, mencionaram que consideram a carga horária do 1.º ano de escolaridade “muito violenta”, sendo igual à carga horária do 4.º ano de escolaridade, à exceção do inglês que já consta no currículo do 3.º e 4.º ano de escolaridade. A professora V. referiu que:

“o que eu acho muito violento, principalmente nas primeiras semanas do primeiro ano, é a carga horária. Acho que todas as escolas deveriam ou ter o período só da manhã, porque ao fim, ao cabo, os miúdos estão habituados à maioria do tempo, estarem a brincar ou estarem a fazer tarefas que não requerem assim muita atenção e depois é-lhes logo imposto um horário, das 09:00h às 17:00h, praticamente em que têm que estar sentados o dia todo de lápis na mão. Para mim, isso é de uma violência extrema.”

Mencionaram que o “truque” deverá passar por tornar as coisas mais leves para os alunos, e que isso só depende do professor.

A coordenadora de estabelecimento, mencionou que todas as semanas existem reuniões de equipa com todos os docentes, em que vão espelhando as suas preocupações com as turmas. No decorrer do ano letivo os alunos da EPE vão às salas do 1.º CEB, sentando-se e vendo a

dinâmica. A mesma refere que durante o ano poderiam existir mais atividades direcionadas ao processo de Transição entre os ciclos de ensino, mas que comum currículo tão extenso, torna-se mais complicado.

Em relação aos alunos que provêm de outras escolas, existem reuniões previamente agendadas com as coordenadoras, desta forma as professoras conhecem melhor os alunos que vão ingressar no 1.º ano de escolaridade.

Uma das professoras, após a reunião, referiu que considera que seria crucial haver mais uma pessoa em cada sala do 1.º ano, tendo em conta que muitos alunos ainda não são autónomos e que aprender a ler é uma tarefa que requer um acompanhamento mais personalizado.

Os docentes referiram também que conversar abertamente com as crianças é uma estratégia bastante benéfica, demonstrando que esta é uma nova fase com aspetos bastante positivos. As reuniões com as famílias, tornam-se também estratégias cruciais neste processo, segundo a educadora S., “fizemos uma reunião com os pais para quebrar ali um bocadinho a ansiedade. Para dizer que é natural eles terem algum receio nesta transição, porque acaba por ser uma transição e acaba por ser às vezes um bocadinho mais brusca do que o desejado, mas eles têm de transmitir segurança para as crianças.”

→ Verificar as conceções dos educadores e professores sobre o trabalho colaborativo entre si.

Em relação ao trabalho colaborativo e à comunicação entre os docentes, há duas opiniões distintas, a maioria refere que existem algumas atividades em que ambas as valências se cruzam, como no dia do pijama, mas que não há efetivamente um trabalho colaborativo, ou seja, partilham só o espaço, a Educadora A. menciona:

“eu, sinceramente não vejo muito trabalho de colaboração e cooperação. Não, não sinto. Eu venho de uma escola onde realmente trabalhávamos, todos em articulação e como estava a dizer a S, as festas eram pensadas, mas eram pensadas a nível global e todos partilhavam. E, por exemplo, no dia do pijama, fazíamos ateliers e todas as turmas passavam para os nossos ateliers. E o que é que isto implica? Implica que às vezes tens de ficar cá mais um bocadinho e tudo o que é ficar mais um bocadinho, tem que haver mesmo disponibilidade da pessoa, pronto.”

Contudo a professora A. que refere que há abertura para o desenvolvimento de projetos em conjunto, que basta partilhá-los e que haverá um feedback positivo:

“depende do ponto de vista. Eu acho que sim. No meu ponto de vista, há um trabalho,

pelo menos eu sempre senti isso, há um trabalho colaborativo, mas nós somos seres humanos, nunca esquecendo e por muito que tenhamos a vaidade de pensar que somos perfeitinhas e maravilhosas, e conseguimos, muitas vezes há aqui a questão da empatia.”

Contudo, a grande maioria dos docentes refere que só há a partilha dos espaços e não um trabalho efetivamente colaborativo. Referem também que no fim do ano letivo ou no início do ano letivo seguinte, há uma reunião em que existe a passagem de informação de todos os alunos para os professores do 1.º ano de escolaridade. Ao longo do ano não existem reuniões de preparação de atividades nem de passagem de informações, seja por falta de disposição ou pelo facto do currículo ser tão extenso que impossibilita a realização de mais atividades conjuntas. Uma mesma educadora referiu que “eu acho que para falarmos em articulação entre Pré-Escolar e o 1.º Ciclo, primeiro temos que falar em articulação entre adultos.”

De acordo com a coordenadora:

“nós não podemos pensar em nós, temos que pensar é nas crianças, porque o nosso trabalho é o sucesso delas. (...) para que a transição seja uma transição tranquila para que seja uma transição calma, em que todos estejam bem, porque se a criança não estiver bem, a família claramente não está a professora ou o professor não está e a educadora que deixa aquela criança também não está. Portanto, vamos tentar minimizar aqui o mal-estar e as inseguranças fazendo uma articulação para que todos estejam bem.”

Embora existam reuniões de equipa semanais e atividades conjuntas no Plano Anual de Atividades, os docentes consideram que deveriam haver mais reuniões e atividades no que concerne ao processo de transição.

A coordenadora de estabelecimento mencionou:

“(…) se calhar mesmo ao longo do ano ir fazendo um trabalho de transição, porque depois quando os miúdos chegam ao primeiro ciclo, eles em junho são uma criança e em setembro são a mesma criança e às vezes espera-se muito que eles em setembro já sejam outra. Um aluno, passam de criança a aluno.”

Os docentes referem que o facto de não haver sempre uma continuidade dos professores do 1.º Ciclo é um ponto a melhorar, pois poderá vir um professor de outra escola para o 1.º ano de escolaridade e assim mesmo que sejam realizadas atividades no decorrer do ano, não existirá o elo de ligação entre os alunos e o docente. A educadora A. referiu que, “isso também é um ponto fraco, não saber estas mudanças de professores, porque em escolas onde há continuidade, isso dá para fazer e até os miúdos irem um bocadinho à sala, tentar perceber como é que aquela professora também funciona. Acho que é muito importante.”

De forma geral, todos os docentes mencionaram que o conhecimento do trabalho que cada um desenvolve seria uma mais-valia para o desenvolvimento de um trabalho colaborativo de qualidade, segundo a educadora A. “tinha que haver o maior conhecimento, o maior conhecimento do Pré-Escolar e do 1.º Ciclo. Eu acho que ainda há desconhecimento do que é que se faz em cada ciclo.” E que este conhecimento provém das reuniões, das visitas às salas, das partilhas de projetos, no fundo, da partilha diária.

No decorrer da entrevista com a coordenadora de estabelecimento, a mesma referiu que tem havido uma grande evolução no trabalho colaborativo entre os docentes das duas valências, que desde que começou o trabalho na coordenação, há um ano e uns meses, tem sido essa a sua vontade, de melhorar o trabalho colaborativo entre os docentes, implementando as reuniões mensais, as reuniões no início do ano e as atividades conjuntas, mas demonstrando que ainda há trabalho a ser desenvolvido.

Em relação às reuniões realizadas entre os docentes, estas são cruciais para se compreender o trabalho que está a ser realizado pelas educadoras e consequentemente o trabalho que será realizado pelo professor. Através das reuniões os professores conhecem melhor as crianças e as suas famílias. Desta forma, as educadoras e as professoras conseguem planificar dinâmicas de modo a apoiar as crianças no decorrer deste processo, colmatando as suas necessidades. Foi referido também que é crucial que na elaboração das turmas, a Direção do Agrupamento tenha em atenção ao que é referido pelas educadoras e professoras, ou seja, as características dos alunos, para que as turmas sejam homogêneas.

No que respeita o trabalho colaborativo entre os docentes, o maior constrangimento referido é o tempo e no caso do 1.º Ciclo o currículo muito extenso.

No decorrer das entrevistas, surgiu o tema da articulação com as famílias, que para a relação entre os docentes ser harmoniosa, também terá de existir uma articulação com as famílias. Neste sentido a educadora T. mencionou que “a articulação com os pais, escola-família, que é a relação mais importante no meio disto tudo e que muitas das vezes não existe.” Esta articulação com as famílias pode ser desenvolvida ao longo do ano através de reuniões.

→ Promover o lúdico como papel fundamental na transição.

Tendo em conta este objetivo, os docentes demonstraram que pelo menos inicialmente as dinâmicas devem ser baseadas mais no lúdico. A educadora S. indicou o seguinte, “eu sei que há um currículo e há pouco tempo e o currículo é extenso. Mas qual é a diferença? Demorar tempo a ler um texto com uma página que tem no manual, pode demorar tempo a ler um texto de uma notícia que, se calhar, até é mais curto.” As professoras refletiram sobre a carga horária ser demasiado extensa e que inicialmente, as dinâmicas devem ir ao encontro do que foi realizado na Educação Pré-Escolar.

3.2. Análise do conteúdo do jogo “Sinto-me assim...”

→ Compreender como é que os alunos se sentem e qual é o seu papel no processo de transição.

De forma a encontrar-se resposta ao objetivo estipulado elaborou-se um jogo, denominado por “Sinto-me assim...”, como foi explicado anteriormente. De seguida irá mostrar-se os resultados do mesmo.

No caso das crianças da Educação Pré-Escolar:

Como te sentes quando ouves que para o ano vais para a escola dos crescidos?

Alegre	Assustado	Orgulhoso	Triste	Calmo	Envergonhado	Surpreso	Empolgado	Confuso	Zangado
7	0	5	1	2	3	0	3	3	2

Como te sentes quando pensas que vais aprender a ler?

Alegre	Assustado	Orgulhoso	Triste	Calmo	Envergonhado	Surpreso	Empolgado	Confuso	Zangado
12	1	3	3	2	2	0	3	0	0

Como te sentes quando pensas que vais ter amigos novos?

Alegre	Assustado	Orgulhoso	Triste	Calmo	Envergonhado	Surpreso	Empolgado	Confuso	Zangado
11	0	2	1	0	2	1	4	4	1

Como te sentes quando pensas que alguns amigos podem ir para outra escola?

Alegre	Assustado	Orgulhoso	Triste	Calmo	Envergonhado	Surpreso	Empolgado	Confuso	Zangado
1	2	2	9	0	1	5	2	2	2

Como te sentes quando pensas que para o ano vais para a sala dos crescidos?

Alegre	Assustado	Orgulhoso	Triste	Calmo	Envergonhado	Surpreso	Empolgado	Confuso	Zangado
8	2	4	3	3	1	1	2	1	1

Como te sentes quando pensas que para o ano terás outro/a professor/a?

Alegre	Assustado	Orgulhoso	Triste	Calmo	Envergonhado	Surpreso	Empolgado	Confuso	Zangado
1	3	8	3	3	1	2	3	0	2

Como te sentes quando pensas que para o ano poderás ir para outra escola?

Alegre	Assustado	Orgulhoso	Triste	Calmo	Envergonhado	Surpreso	Empolgado	Confuso	Zangado
2	8	3	2	2	3	2	3	2	0

De forma geral, as crianças demonstram sentir-se felizes por irem integrar “o mundo dos crescidos”. É como se fossem promovidos, mas como é um mundo desconhecido existem medos e inseguranças que podem ser ultrapassados através da execução de dinâmicas que promovam um processo de transição harmonioso.

No caso dos alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico:

Como te sentes no 1.º ano de escolaridade?

Alegre	Assustado	Orgulhoso	Triste	Calmo	Envergonhado	Surpreso	Empolgado	Confuso	Zangado
7	2	1	0	3	0	0	5	2	0

Como te sentes na nova escola (quem continua na mesma escola não se mexe)?

Alegre	Assustado	Orgulhoso	Triste	Calmo	Envergonhado	Surpreso	Empolgado	Confuso	Zangado
0	1	1	0	2	1	0	1	3	0

Como te sentes agora que estás na escola dos crescidos e tens outros horários e outras tarefas?

Alegre	Assustado	Orgulhoso	Triste	Calmo	Envergonhado	Surpreso	Empolgado	Confuso	Zangado
10	1	2	2	2	0	1	1	1	0

Como te sentes quando estás a aprender coisas novas?

Alegre	Assustado	Orgulhoso	Triste	Calmo	Envergonhado	Surpreso	Empolgado	Confuso	Zangado
6	1	1	0	3	0	2	0	3	1

Como te sentes por ter uma nova professora?

Alegre	Assustado	Orgulhoso	Triste	Calmo	Envergonhado	Surpreso	Empolgado	Confuso	Zangado
11	0	0	3	1	0	1	2	2	0

Como te sentes por teres feito novos amigos?

Alegre	Assustado	Orgulhoso	Triste	Calmo	Envergonhado	Surpreso	Empolgado	Confuso	Zangado
9	1	1	1	4	0	0	3	1	0

O que mais gostas nesta escola?

Brincar;

Ler;

Aprender a ler;

Aprender a ler a vogais;

Estudar;

Eu gosto muito de estudar e ler muito e aprender as vogais. Gosto de todas as coisas que fazemos cá na escola (veio ter com a investigadora depois e disse: A comida não gosto menos da comida, é menos a comida, ok? Gosto de tudo que fazemos, ficar na escola, mas menos a comida. Eu também gosto do meu esquecimento. Eu gosto de tudo, gosto da comida, gosto menos da comida);

Eu gosto de brincar às escondidas.

Eu gosto de todas as coisas e também gosto de comer;

Eu gosto de tudo;

Eu gosto de brincar aos dinossauros, tudo gosto, eu gosto de tudo;

De escrever;

Ler;

Eu gosto de ler;

Brincar com os amigos;

Jogar à bola;

Gosto de ler livros e de aprender a ler;

Brincar no parque;

Ler;

Gosto de tudo;

Gosto do Natal na escola.

O que dirias aos meninos da Educação Pré-Escolar que para o ano vêm para o 1.º ano de escolaridade?

Vamos amar todos;

Vou brincar com eles;

Que vão gostar da professora;

Que vão se vão brincar e divertir-se.

-Gosto muito de estar nesta escola, a aprender no primeiro ano;

Eu vou dizer que não é preciso ter medo. Vão ter uma professora maravilhosa. Divirtam-se muito e sejam felizes nesta escola. Não é preciso nunca ter medo.

Eu vou dizer, brinquem muito e, portem-se bem e se virem um animal, salvem.

Que eles são fofinhos;

Para gostarem da professora;

-Dizia que não era necessário ter medo, porque é muito giro aprender;

Para lembrarem-se sempre de mim;

Eu digo assim: queres ser minha amiga?

Eu gosto muito de brincar com os meus amigos;

I like the teacher;

Vou dizer tudo o que eu sei;

Vou brincar com eles.

De forma geral, os alunos demonstraram sentir-se orgulhos por estar nesta nova fase a aprender coisas novas, contudo, sentem algum receio de não conseguir acompanhar as novas aprendizagens e sobretudo sentem saudades das suas educadoras e da rotina antiga. Gostam da nova professora, mas estão ainda em adaptação aos novos horários, novas dinâmicas e novos amigos.

3.3. Proposta de Intervenção

No decorrer da investigação e como foi referido anteriormente, conclui-se que os educadores poderiam implementar mais dinâmicas relacionadas com o processo de transição, incluindo o trabalho colaborativo com os professores do 1.º CEB e as famílias dos alunos.

Neste sentido, surgiu uma proposta de intervenção que tem por base dois livros. A proposta do livro infantil “Era uma vez, uma aventura até à escola dos crescidos” e o Livro de Atividades “Era uma vez, uma aventura até ao 1.º Ciclo”, teve como objetivo central a construção de materiais que sejam um suporte para todos os educadores, professores e famílias, no processo de transição da Educação Pré-Escolar para o 1.º Ciclo do Ensino Básico.

O livro infantil retrata uma menina que ouve, frequentemente, a educadora e os pais a dizerem que para o ano vai para a escola dos crescidos, mas o que era isso? Um dia decidiu perguntar à sua prima tudo o que gostaria de saber. Ficou maravilhada com tudo o que descobriu (anexo XII)

O Livro de Atividades, parte do livro infantil, sendo a sua leitura a 1.º proposta. O livro contempla dez propostas de intervenção com vista a uma adaptação calma e sem receios, por parte das crianças e das suas famílias. Para além das propostas de intervenção, pode encontrar-se também sugestões para escolas que tenham as duas valências, as mudanças no currículo e algumas questões de reflexão. O acesso a este livro é possível através do QR Code que se encontra na contracapa do livro infantil (anexo XIII).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente Trabalho Final de Mestrado é um trabalho de pesquisa, que teve como principal objetivo a reflexão sobre o processo de transição da Educação Pré-Escolar para o 1.º Ciclo do Ensino Básico, tendo a pergunta de partida: Quais são os conhecimentos e concepções dos Educadores de Infância e dos Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico sobre o processo de transição e qual é o seu papel no decorrer do processo?

Dentro desta questão de partida, procurou-se compreender qual seria o impacto que a transição da Educação Pré-Escolar para o 1.º Ciclo do Ensino Básico tem na aprendizagem dos alunos no 1.º ano de escolaridade, qual seria a importância do trabalho colaborativo entre educadores e professores na transição, quais seriam as estratégias que podem ser utilizadas no processo de transição, de que modo o lúdico poderia ser uma estratégia de ensino-aprendizagem no processo de transição da Educação Pré-Escolar para o 1.º ano de escolaridade, quais seriam as concepções que os professores e educadores têm sobre o seu papel no processo de transição e quais as percepções dos alunos sobre o processo de transição.

Não existe um entendimento total sobre a investigação do tema do processo de transição da Educação Pré-Escolar para o 1.º Ciclo do Ensino Básico, pois este é extremamente complexo, tendo muitos fatores inerentes ao mesmo.

Os autores Rief e Heimburge (2000) referem que os educadores e professores, têm uma posição privilegiada pois têm no seu dia a dia a oportunidade de marcar de forma positiva as crianças com quem se cruzam. A forma como interagem, o ambiente que criam, a sua sensibilidade e os métodos que utilizam são cruciais em todo o processo de Ensino-Aprendizagem.

De acordo com diversos teóricos, os princípios básicos da ética perante um estudo comum indivíduo ou com um grupo, deve assentar no respeito pelas pessoas, na beneficência e na justiça. O observador deve tratar os indivíduos como anónimos, deve garantir o bem-estar do indivíduo e por fim, os indivíduos devem ser tratados com igualdade.

O olhar da ética no processo de investigação deve estar sempre presente, sendo sempre respeitados os princípios éticos mencionados no Trabalho Final de Mestrado. Para a realização do presente TFM, foram realizados consentimentos informados aos Educadores, Professores, à Coordenadora de Estabelecimento e aos Encarregados de Educação. Em nenhum momento do presente TFM, foi referido o nome dos participantes ou alguma característica que permitisse identificar os mesmos. Neste sentido, os princípios básicos de ética foram respeitados.

Os educadores e os professores atribuem um papel primordial ao processo de transição da EPE para o 1.º CEB, contudo, é crucial o desenvolvimento de um maior trabalho colaborativo, o desenvolvimento de dinâmicas que promovam uma transição positiva e uma maior interação com as famílias.

As crianças que vão frequentar o 1.º ano de escolaridade no ano letivo 2024/2025, sentem maioritariamente orgulho pela nova etapa, mas receio pelo desconhecido. Os alunos que no ano letivo 2023/2024 estão a frequentar o 1.º ano de escolaridade, sentem bastantes saudades da educadora e da rotina anterior e sentem-se inseguros com a aprendizagem da leitura e da escrita. Contudo, demonstram gostar bastante da professora titular.

A proposta do livro infantil “Era uma vez, uma aventura até à escola dos crescidos” e do Livro de atividades “Era uma vez, uma aventura até ao 1.º Ciclo”, têm como objetivo central a construção de materiais que sejam um suporte para todos os educadores, professores e famílias, no processo de transição da Educação Pré-Escolar para o 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Tal como foi referido ao longo do presente TFM, é fundamental promover uma relação positiva e com base na confiança entre os profissionais de educação, as crianças e as famílias, neste sentido, as propostas apresentadas têm como objetivo reforçar a ligação entre todos os intervenientes e promover uma transição favorável para todos.

Tendo em conta a complexidade e a importância envolvente ao processo de transição, considera-se que seria pertinente, futuramente, realizar-se estudos que tivessem como objetivo compreender a visão dos pais e aprofundar a ótica da criança. Seria interessante também a realização de um estudo longitudinal, de forma a compreender a eficácia das propostas realizadas.

Sendo a investigadora uma futura profissional da Educação, considera que estes estudos são fundamentais para o desenvolvimento da prática pedagógica. Espera-se que este TFM tenha sido uma mais-valia para todos os Educadores e Professores, que tenha apoiado na reflexão das suas práticas no que concerne ao processo de transição da Educação Pré-Escolar para o 1.º Ciclo do Ensino Básico. Podemos e devemos transformar esta transição num processo leve e feliz para todos os intervenientes, para os docentes, para a família e sobretudo para a criança.

Em suma, o presente estudo, apoiou a investigadora a desenvolver capacidades de pesquisa e reflexão que são cruciais na profissão de educador e professor, que pretende continuar a desenvolver. Estas capacidades são cruciais de forma a manter-se um ambiente saudável em sala de aula e um olhar rigoroso e carinho sobre cada um dos seus alunos, compreendendo que cada um merece o melhor de si.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aires, L. (2015). Paradigma Qualitativo e Práticas de Investigação Educacional. Universidade Aberta.
- Amado, J. (2000). A Técnica de Análise de Conteúdo. Revista Referência nº5.
- Amado, J. (2014). Manual de Investigação Qualitativa em Educação. Universidade de Coimbra.
- APEI. (2011). Carta de princípios dos associados da APEI para a tomada de decisão eticamente situada. Associação de Profissionais de Educação de Infância.
- Araújo, L. Brito, R. e Leite, S. (2021). Guia para a Elaboração de Trabalhos Escritos. ISEC Lisboa.
- Bardin, L. (1995). Análise de conteúdo. Edições 70.
- Bardin, L. (2008). Análise de conteúdo. Edições 70.
- Bastos, H. (2007). A criança de transição – estudo das representações e atitudes face ao 1.º Ciclo do Ensino Básico. Universidade Portucalense.
- Bell, J. (2002). Como realizar um projeto de investigação em ciências sociais. Gradiva.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). Investigação qualitativa em educação: fundamentos, métodos e técnicas. Porto Editora.
- Brito, R., & Baltazar, I. (2021). Carta de Princípios Éticos. Escola de Educação e Desenvolvimento Humano, ISEC Lisboa. Documento não publicado.
- Casanova, M. (2011) Desafios da Avaliação do Desempenho Docente. 8.º Congresso Nacional de Administração Pública, pp.97 a 111.
- Castro, G., & Rangel, M. (2004). Jardim de Infância! 1.º ciclo, aprender por projetos: continuidades e descontinuidades. Infância e Educação. Porto Editora.
- Comissão Europeia (2019). Números-chave sobre a educação pré-escolar e cuidados para a

infância na europa – Edição de 2019. Relatório Eurydice. Serviço das Publicações da União Europeia.

Costa, P., & Amado, J. (2018). Análise de Conteúdo Suportada por Software.

Coutinho, C., & Chaves, J. (2002). O estudo de caso na investigação em Tecnologia Educativa em Portugal. *Revista Portuguesa de Educação*, 15(1), 221-224.

Coutinho, C. (2011). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. Almedina.

Cruz, A. (2012). A Articulação Curricular entre a Educação Pré-Escolar e o 1.º Ciclo do Ensino Básico. Relatório Final apresentado para a obtenção o grau de Mestre. Escola Superior de Educação de Portalegre/ Instituto Politécnico de Portalegre.

Dallabona, R., & Mendes, M. (2004). O lúdico na educação infantil: jogar, brincar, uma forma de educar.

Dicionário Priberam (2023). Consultado em:
<https://dicionario.priberam.org/transi%C3%A7%C3%A3o>

Eckert, T., McIntyre, L., DiGennaro, F., Arbolino, L., Perry, L., & Begeny, J. (2008). Researching the transition to kindergarten for typically developing children: A literature review of current processes, practices, and programs. *School psychology: 21st century issues and challenges*, 235-252

Griebel, W., & Niesel, R. (2009). A developmental psychology perspective in Germany: coconstruction of transitions between family and education system by the child, parents and pedagogues. *Early Years*, 29(1), 59-68.

Knobel, M., & Lankshe, C. (2008). Pesquisa Pedagógica: do projeto à implementação. Artmed.

- Leão, S., Mello, B., & Vieira, G. (2009). O papel da teoria no método de pesquisa em Administração. *Organizações em contexto*, 5 (10), 1-16
- Lei n.º 5/97, de 10 de fevereiro, publicada no Diário da República n.º 34 – Série I-A. Ministério da Educação.
- Marcelo, T., Mota, R., & Vaz, B. (2022). O lúdico como facilitador da aprendizagem na educação infantil. *Revista Latino-Americana de Estudos Científicos*. V. 03, N.13 Jan./Fev. 2022.
- Marreiros, C. (2016). A influência da avaliação no desempenho docente do educador de infância. Instituto Politécnico de Lisboa.
- Martins, C. (2020). Uma viagem para o 1º ciclo A transição da Educação Pré-Escolar para o Ensino Básico: estratégias e materiais para a prática. ISPA.
- Martins, G. (coordenador.), (2017). Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória Lisboa: Ministério da Educação/Direção Geral de Educação (DGE).
- Moreira, D., & Oliveira, I. (2004). O jogo e a matemática. Lisboa: Universidade Aberta.
- Neto, C. (2003). Tempo & Espaço de Jogo para a Criança: Rotinas e Mudanças Sociais. Edição Faculdade de Motricidade Humana Serviço de Edições.
- Nobre, F., Côrrea, D., Nepomuceno, L., Holanda, L., Nobre, N., Sousa, A. & Siqueira, V. (2016). A Amostragem na Pesquisa de Natureza Científica em um Campo Multiparadigmático: Peculiaridades do Método Qualitativo. *Revista Espacios*, 38, 1- 11.
- Pessanha, M. (2001). Actividade lúdica associada à literacia. Instituto de Inovação Educacional.
- Ponte, J., & Serrazina, L. (2002). “O professor como investigador”, da Associação Professores de Matemática”. *Revista de Educação Matemática*, Vol. 11, Nº 20, Julho-Agosto 2003.
- Ponte, J. P. (2006). Estudos de caso em educação matemática. *Bolema*, 25, 105-132. Quivy, R., & Campenhoudt (1998). *Manual de investigações em ciências sociais*.
- Quivy, R., & Campenhoudt, V. (2013). Manual de Investigação em Ciências Sociais. Reis, P.

- (2010). Análise e discussão de situações de docência. Coleção Situações de Formação 3. Universidade de Aveiro.
- Reis, P. (2011). Observação de Aulas e Avaliação do Desempenho Docente. Ministério da Educação- Conselho Científico para a Avaliação de Professores.
- Rief, S. & Heimburge, A. (2000). Como ensinar todos os alunos na sala de aula inclusiva- estratégias prontas a usar, lições e actividades concebidas para ensinar alunos com necessidades de aprendizagem diversas vol ii, Porto Editora.
- Rimm-Kaufman, S., & Pianta, R. (2000). An ecological perspective on the transition to kindergarten: A theoretical framework to guide empirical research. *Journal of Applied developmental psychology*, 21(5), 491-511, doi: 10.1016/S0193-3973(00)00051-4
- Roldão, M. (2007). “Colaborar é preciso: questões de qualidade e eficácia no trabalho dos professores.,” in Dossier: Trabalho colaborativo dos professores, *Revista Noesis*, n.º71.
- Roldão, M. C. (2008). Que educação queremos para a infância? In Miguéns (ed.). *A educação das crianças dos 0 aos 12 anos*. (pp.176-196). Conselho Nacional de Educação
- Santos, M. (2009). A importância do Jogo no 1.º Ciclo do Ensino Básico. Relatório Final em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º ciclo do Ensino Básico. ESE de Coimbra.
- Silva, I., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE).
- Silva, I., Veloso, A., & Keating, J. (2014). Focus group. Considerações teóricas e metodológicas.
- Silva, J. (2018). (Re)Pensar com os adultos a importância de brincar. Escola Superior de Educação de Coimbra.
- Sim-Sim, I. (2010). Pontos, desníveis e sustos na transição entre a Educação Pré-Escolar e o 1.º ciclo da educação básica. *Revista Exedra*, n.º 9, pp.111-118.
- Vasconcelos, T. (2007). Transição Jardim de Infância – 1.º Ciclo: Um campo de Possibilidades.

Cadernos de Educação de Infância: Lisboa: APEI, n.º 81, pp.44-46.

ANEXOS

Anexo I - Pedido de autorização para realização do estudo na instituição

Exma. Sra. Coordenadora, de Estabelecimento,

Por favor, leia atentamente a seguinte informação e, se concordar com o que lhe é apresentado, assine o documento que lhe será apresentado posteriormente.

Eu, Carolina Maria Belo Gomes, aluna do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, ministrado pelo Instituto Superior de Educação e Ciências de Lisboa, sob orientação do Professor Ricardo Oliveira, encontro-me a efetuar o Trabalho Final de Mestrado (RFM): “A Transição do Pré-Escolar para o 1.º Ciclo do Ensino Básico” para obtenção de grau de mestre. Pretende-se, com esta investigação, compreender de que forma é trabalhado o processo de transição dos alunos do Pré-escolar para o 1.º Ciclo do Ensino Básico e quais os conhecimentos e perceções dos Educadores de Infância e dos Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico sobre o seu papel.

Assim, solicita-se a autorização de Vossa Excelência para realizar o estudo nas instalações do estabelecimento, bem como a sua colaboração no mesmo, autorizando a recolha de dados, incluindo a gravação áudio das entrevistas, que serão destruídas no final do estudo. A informação recolhida será tratada de forma anónima e confidencial e apenas utilizada exclusivamente para o presente estudo.

Lisboa, _____

A investigadora,

(Carolina Belo Gomes)

Anexo II– Consentimento informado aos Encarregados de Educação

Designação do Estudo “A Transição do Pré-Escolar para o 1.º Ciclo do Ensino Básico”

Por favor, leia atentamente a seguinte informação e, se concordar com o que lhe é apresentado, assine o documento no local indicado.

Eu, Carolina Maria Belo Gomes, aluna do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, ministrado pelo Instituto Superior de Educação e Ciências de Lisboa, sob orientação do Professor Ricardo Oliveira, encontro-me a efetuar o Trabalho Final de Mestrado (RFM): “A Transição do Pré-Escolar para o 1.º Ciclo do Ensino Básico” para obtenção de grau de mestre. Pretende-se, com esta investigação, compreender de que forma é trabalhado o processo de transição dos alunos do Pré-escolar para o 1.º Ciclo do Ensino Básico e quais os conhecimentos e perceções dos Educadores de Infância e dos Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico sobre o seu papel.

De forma a compreender como os alunos se sentem com o processo de transição da Educação Pré-Escolar para o 1.º ano de Escolaridade, elaborou-se um jogo denominado por: “Sinto-me assim...”. O objetivo é que os alunos, após a leitura de cada questão, se coloquem à frente da emoção que estão a sentir.

Eu, _____, (nome completo do Encarregado de Educação), compreendi a explicação que me foi fornecida sobre a participação do meu educando na investigação que se tenciona realizar, bem como do estudo em que irá ser incluído(a). Foi-me dada oportunidade de fazer as perguntas que julguei necessárias e de todas obtive resposta satisfatória. Fui informado que se em algum momento me sentir desconfortável ou não estiver de acordo com alguma coisa, o meu educando pode sair do estudo.

Desta forma, aceito que o meu educando participe no estudo, autorizando a recolha de dados, incluindo a gravação de áudio, que serão destruídas no final do estudo. A informação recolhida será tratada de forma anónima e confidencial e apenas utilizada exclusivamente para o presente estudo.

Assinatura do Encarregado de Educação:

Data: _____ Local: _____

O Investigador responsável: Carolina Belo Gomes | O Orientador responsável: Ricardo Oliveira

Anexo III- Consentimento informado para a realização das entrevistas

Designação do Estudo “A Transição do Pré-Escolar para o 1.º Ciclo do Ensino Básico”

Eu, _____, (nome completo do participante), compreendi a explicação que me foi fornecida sobre a minha participação na investigação que se tenciona realizar, bem como do estudo em que serei incluído(a). Foi-me dada oportunidade de fazer as perguntas que julguei necessárias e de todas obtive resposta satisfatória. Fui informada que se em algum momento me sentir desconfortável ou não estiver de acordo com alguma coisa, posso sair do estudo.

Desta forma, aceito participar no estudo, autorizando a recolha de dados, incluindo a gravação áudio das entrevistas, que serão destruídas no final do estudo. A informação recolhida será tratada de forma anónima e confidencial e apenas utilizada exclusivamente para o presente estudo.

Assinatura do participante:

Data: _____

Local: _____

O Investigador responsável: Carolina Belo Gomes

O Orientador responsável: Ricardo Oliveira

Anexo IV – Guiões entrevistas *focus group*

Entrevista às educadoras

Boa tarde. Desde já gostava de agradecer a vossa participação nesta entrevista.

O meu nome é Carolina Belo Gomes e vou estar aqui convosco no decorrer da entrevista.

Esta entrevista foi realizada no âmbito do Relatório Final de Mestrado referente ao Mestrado de Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo no Instituto Superior de Educação e Ciências (ISEC Lisboa). Esta entrevista é anónima e confidencial e se porventura, em algum momento se sentirem desconfortáveis com alguma questão, a entrevista será finalizada.

A entrevista foi realizada com o objetivo de identificar de que forma os/as educadores/as desenvolvem o seu trabalho na sala de aula de modo a promover uma transição benéfica das crianças para o 1.º Ciclo do Ensino Básico (1.º CEB).

Foi selecionada a realização da entrevista *focus group*, pois este é um tipo de método cada vez mais utilizado. Trata-se de um método de recolha de dados, normalmente de natureza qualitativa, que pretende aumentar o conhecimento dos indivíduos sobre um determinado tema, tendo por base a interação entre os participantes e uma participação ativa do investigador no decorrer da entrevista.

Cada participante, à vez, irá tirar uma pergunta do saco e responder. Há perguntas que é necessário, todos os participantes responderem e outras que se não acharem necessário acrescentar mais nenhuma informação, não é necessário responderem.

Mais uma vez, obrigada pela sua disponibilidade em participar nesta entrevista.

3. Qual a sua formação académica?
4. Há quantos anos exerce a sua atual profissão?
5. Conhece as Aprendizagens Essenciais do 1.º CEB?
6. Costumam reunir com os/as professores/as do 1.º CEB, durante o ano letivo, com vista à preparação da entrada das crianças no 1.º ano do 1.º CEB?
7. Em caso afirmativo, qual a frequência dessas reuniões?
8. Que importância atribui às reuniões realizadas com os professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico?
9. Costumam organizar visitas às salas do 1.º CEB com as crianças que vão frequentar o 1.º

ano, para conhecerem a dinâmica e os espaços?

10. Costumam conversar com as crianças, apresentando positivamente a nova etapa para que elas se sintam mais confiantes?
11. Habitualmente, discute e planifica, com os/as professores/as do 1.º CEB, atividades comuns a realizar ao longo do ano letivo que impliquem a participação dos respetivos grupos de crianças?
12. Se sim, qual a frequência dessas atividades?
13. Que estratégias considera serem as mais adequadas para promoverem a articulação e a transição entre o Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico?
14. Qual deve ser o olhar dos Educadores e Professores em relação à transição do Pré-Escolar para o 1.º CEB?
15. Consideram que no vosso dia-a-dia, têm em conta a flexibilidade Curricular?
16. Consideram que as OCEP vão de encontro a reforço da autonomia e flexibilidade do currículo?
17. Quais são as competências que consideram ser essenciais que as crianças tenham adquirido na transição para o 1º ciclo?
18. Costumam fazer a passagem de informação dos alunos que transitam para o 1º CEB? Realizam apenas de casos específicos ou de todos? Para que serve essa informação? Qual a importância?
19. Consideram que os Educadores e Professores desenvolvem um trabalho colaborativo entre si?
20. Que outras dinâmicas podiam ser realizadas de forma a promover uma boa transição das crianças do Pré-escolar para o 1.º CEB?
21. Que importância atribuem ao processo de transição entre o Pré-Escolar e o 1.º CEB?
22. Que estratégias são implementadas na transição das crianças para o 1.º CEB?

Gostariam de deixar algum comentário ou sugestão?

Muito obrigada pela vossa colaboração.

Entrevista às professoras

Boa tarde. Desde já gostava de agradecer a vossa participação nesta entrevista.

O meu nome é Carolina Belo Gomes e vou estar aqui convosco no decorrer da entrevista.

Esta entrevista foi realizada no âmbito do Trabalho Final de Mestrado referente ao Mestrado de Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo no Instituto Superior de Educação e Ciências (ISEC Lisboa). Esta entrevista é anónima e confidencial e se porventura, em algum momento se sentirem desconfortáveis com alguma questão, a entrevista será finalizada.

A entrevista foi realizada com o objetivo de identificar de que forma os professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico desenvolvem o seu trabalho em sala de aula de modo a promover uma transição benéfica das crianças para o 1.º Ciclo o Ensino Básico.

Foi selecionada a realização da entrevista *focus group*, pois este é um tipo de método cada vez mais utilizado. Trata-se de um método de recolha de dados, normalmente de natureza qualitativa, que pretende aumentar o conhecimento dos indivíduos sobre um determinado tema, tendo por base a interação entre os participantes e uma participação ativa do investigador no decorrer da entrevista.

Cada participante, à vez, irá tirar uma pergunta do saco e responder. Há perguntas queé necessário, todos os participantes responderem e outras que se não acharem necessário acrescentar mais nenhuma informação, não é necessário responderem.

Mais uma vez, obrigada pela vossa disponibilidade em participar nesta entrevista.

Qual a sua formação académica?

Há quantos anos exerce esta profissão?

Enquanto professor/as do 1.º Ciclo do Ensino Básico (1.º CEB) têm emconsideração os conhecimentos que as crianças trazem da Educação Pré-Escolar?

Conhece as orientações curriculares da educação pré-escolar (OCEPE)?

Costumam reunir com as Educadoras, durante o ano letivo, com vista à preparaçãoda entrada das crianças no 1.º ano do 1.º CEB?

Em caso afirmativo, qual a frequência dessas reuniões?

Que importância atribui às reuniões realizadas com as Educadoras?

Habitualmente, discute e planifica, com as Educadoras, atividades comuns a realizar ao longo do ano letivo que impliquem a participação dos respetivos grupos de crianças?

Se sim, qual a frequência dessas atividades?

Que estratégias considera serem as mais adequadas para promoverem a articulação e a transição entre o Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico?

Qual deve ser o olhar dos Educadores e Professores em relação à transição do Pré-Escolar para o 1.º CEB?

Quais são as competências que consideram ser essenciais que as crianças tenham adquirido na transição para o 1º ciclo?

Costumam fazer a passagem de informação dos alunos que passam para o 1º CEB? Fazem só de casos específicos ou de todos? Para que serve essa informação? Qual a importância?

Consideram que os Educadores e Professores desenvolvem um trabalho colaborativo entre si?

Que outras dinâmicas podiam ser realizadas de forma a promover uma boa transição das crianças do Pré-escolar para o 1.º CEB?

Que importância atribuem ao processo de transição entre o Pré-Escolar e o 1.º CEB?

Que estratégias são implementadas na transição das crianças para o 1.º CEB?

Gostariam de deixar algum comentário ou sugestão?

Muito obrigada pela vossa colaboração.

Cartões:



Consentimento informado da entrevista focus group às Educadoras

Boa tarde. Desde já gostava de agradecer a vossa participação nesta entrevista.

O meu nome é Carolina Belo Gomes e vou estar aqui convosco no decorrer da entrevista.

Esta entrevista foi realizada no âmbito do Relatório Final de Mestrado referente ao Mestrado de Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo no Instituto Superior de Educação e Ciências (ISEC Lisboa). Esta entrevista é anónima e confidencial e se porventura, em algum momento se sentirem desconfortáveis com alguma questão, a entrevista será finalizada.

A entrevista foi realizada com o objetivo de identificar de que forma os/as educadores/as desenvolvem o seu trabalho na sala de aula de modo a promover uma transição benéfica das crianças para o 1.º Ciclo do Ensino Básico (1.º. CEB).

Foi selecionada a realização da entrevista focus group, pois este é um tipo de método cada vez mais utilizado. Trata-se de um método de recolha de dados, normalmente de natureza qualitativa, que pretende aumentar o conhecimento dos indivíduos sobre um determinado tema, tendo por base a interação entre os participantes e uma participação ativa do investigador no decorrer da entrevista.

Cada participante, à vez, irá tirar uma pergunta do saco e responder. Há perguntas que é necessário, todos os participantes responderem e outras que se não acharem necessário acrescentar mais nenhuma informação, não é necessário responderem.

Mais uma vez, obrigada pela vossa disponibilidade em participar nesta entrevista.

No fim da entrevista:

Gostariam de deixar algum comentário ou sugestão?

Muito obrigada pela vossa colaboração.

Consentimento informado da entrevista focus group às Professoras de 1.º Ciclo

Boa tarde. Desde já gostava de agradecer a vossa participação nesta entrevista.

O meu nome é Carolina Belo Gomes e vou estar aqui convosco no decorrer da entrevista.

Esta entrevista foi realizada no âmbito do Trabalho Final de Mestrado referente ao Mestrado de Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo no Instituto Superior de Educação e Ciências (ISEC Lisboa). Esta entrevista é anónima e confidencial e se porventura, em algum momento se sentirem desconfortáveis com alguma questão, a entrevista será finalizada.

A entrevista foi realizada com o objetivo de identificar de que forma os professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico desenvolvem o seu trabalho em sala de aula de modo a promover uma transição benéfica das crianças para o 1.º Ciclo o Ensino Básico.

Foi selecionada a realização da entrevista focus group, pois este é um tipo de método cada vez mais utilizado. Trata-se de um método de recolha de dados, normalmente de natureza qualitativa, que pretende aumentar o conhecimento dos indivíduos sobre um determinado tema, tendo por base a interação entre os participantes e uma participação ativa do investigador no decorrer da entrevista.

Cada participante, à vez, irá tirar uma pergunta do saco e responder. Há perguntas que é necessário, todos os participantes responderem e outras que se não acharem necessário acrescentar mais nenhuma informação, não é necessário responderem.

Mais uma vez, obrigada pela vossa disponibilidade em participar nesta entrevista.

No fim da entrevista:

Gostariam de deixar algum comentário ou sugestão?

Muito obrigada pela vossa colaboração.

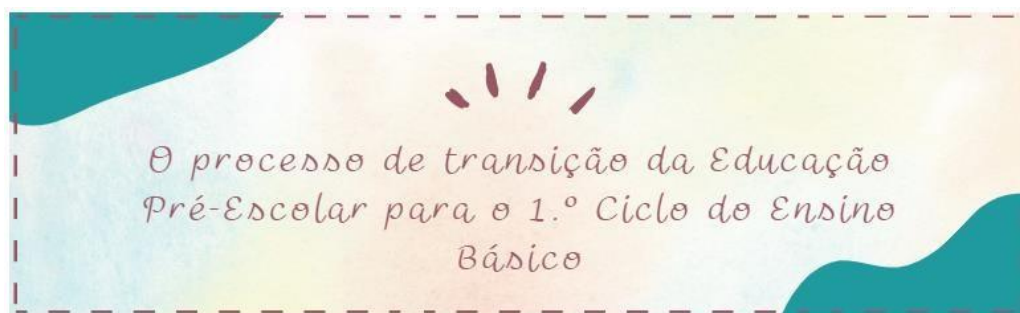
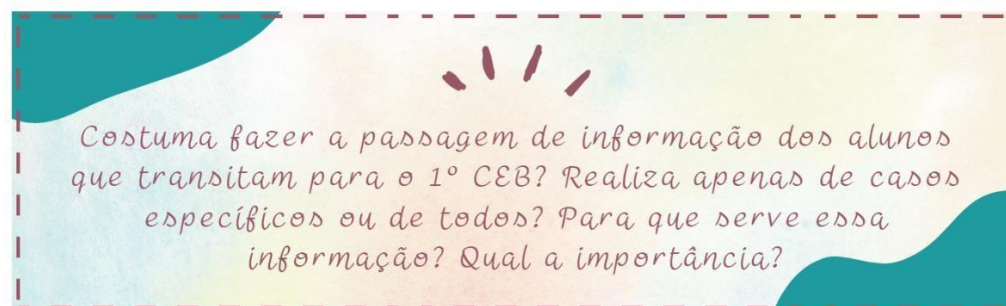
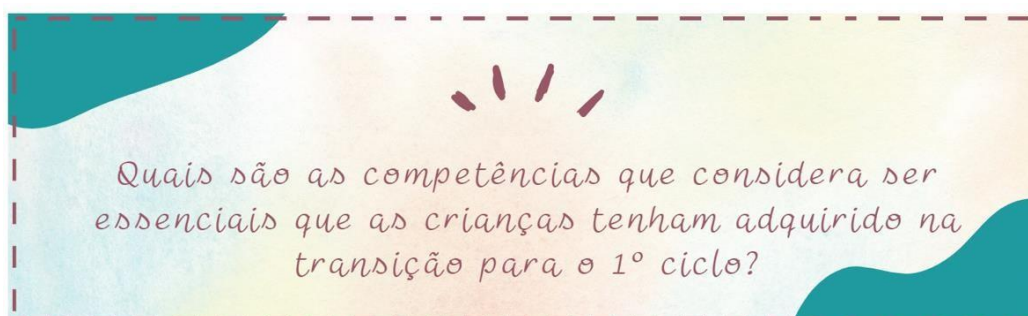
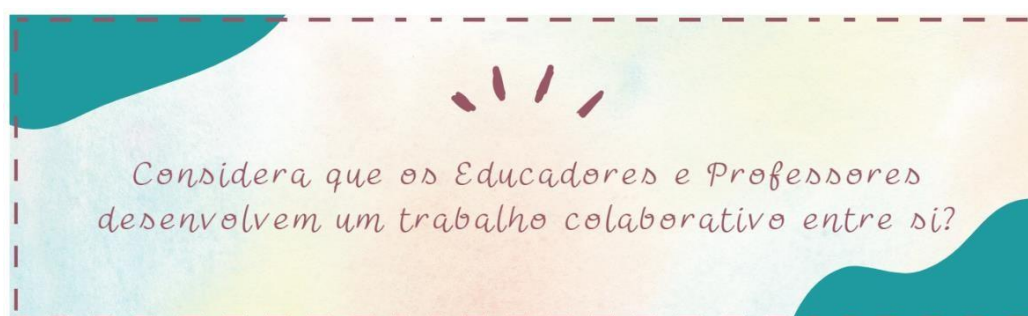
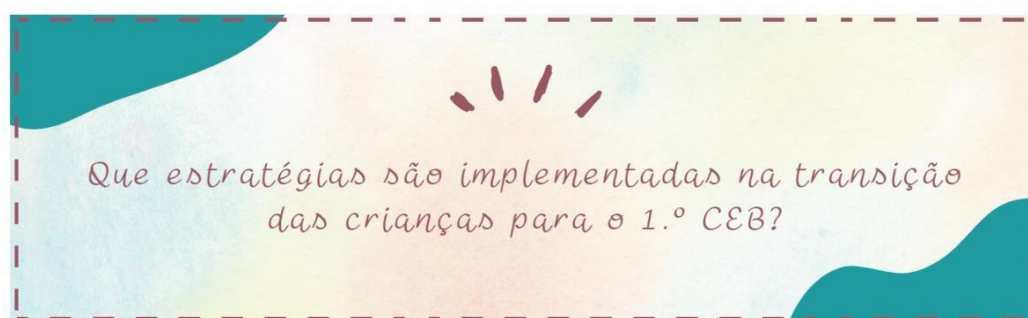


Imagem de capa de todos os cartões.



Anexo V – Guião da entrevista realizada com a Coordenadora de Estabelecimento

Boa tarde. Desde já gostava de agradecer a vossa participação nesta entrevista.

O meu nome é Carolina Belo Gomes e vou estar aqui convosco no decorrer da entrevista.

Esta entrevista foi realizada no âmbito do Trabalho Final de Mestrado referente ao Mestrado de Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo no Instituto Superior de Educação e Ciências (ISEC Lisboa). Esta entrevista é anónima e confidencial e se porventura, em algum momento se sentirem desconfortáveis com alguma questão, a entrevista será finalizada.

Esta foi realizada com o objetivo de identificar de que forma os professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico desenvolvem o seu trabalho em sala de aula de modo a promover uma transição benéfica das crianças para o 1.º Ciclo o Ensino Básico.

Mais uma vez, obrigada pela sua disponibilidade em participar nesta entrevista.

De forma a iniciarmos a presente entrevista, gostaria que me falasse um pouco da sua formação e do seu percurso profissional.

Há quanto tempo trabalha nesta instituição?

Há quanto tempo exerce o cargo de Coordenadora do 1.º CEB?

Nesta instituição tem a vertente de Pré-escolar e 1.º CEB?

Que importância atribui ao processo de transição entre o Pré-Escolar e o 1.º Ciclo do Ensino Básico?

Considera que os professores e educadores estabelecem uma comunicação entre si de forma a contribuir para um processo positivo na transição do Pré-escolar para o 1.º Ciclo do Ensino Básico?

Nesta instituição, que estratégias são implementadas para uma transição benéfica por parte dos alunos?

É desenvolvido algum trabalho com a finalidade de auxiliar as crianças na transição para o 1.º CEB? Se sim, como se desenvolve esse trabalho?

Há crianças que vêm de outras instituições? Se sim, como é realizada a transição?

Considera crucial o trabalho colaborativo entre professores e educadores? Se sim, em que aspetos? Se não, justifique a sua afirmação.

Os educadores e professores costumam reunir, durante o ano letivo, com o objetivo de preparar a entrada das crianças no 1.º CEB?

Se sim, qual é a frequência dessas reuniões?

Que estratégias considera serem as mais adequadas para promoverem a articulação e a transição entre o Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico?

Qual deve ser o olhar dos Educadores e Professores em relação à transição da Educação Pré-Escolar para o 1.º CEB?

Quais são as competências que consideram ser essenciais que as crianças tenham adquirido na transição para o 1º ciclo?

Consideram que os Educadores e Professores desenvolvem um trabalho colaborativo entre si?

Que outras dinâmicas podiam ser realizadas de forma a promover uma boa transição das crianças do Pré-escolar para o 1.º CEB?

Que importância atribui ao processo de transição entre o Pré-Escolar e o 1.º CEB?

Gostaria de deixar algum comentário ou sugestão?

Muito obrigada pela sua colaboração

Anexo VI – Planificação do jogo: “Sinto-me assim...”

Planificação

Nome: Carolina Belo Gomes

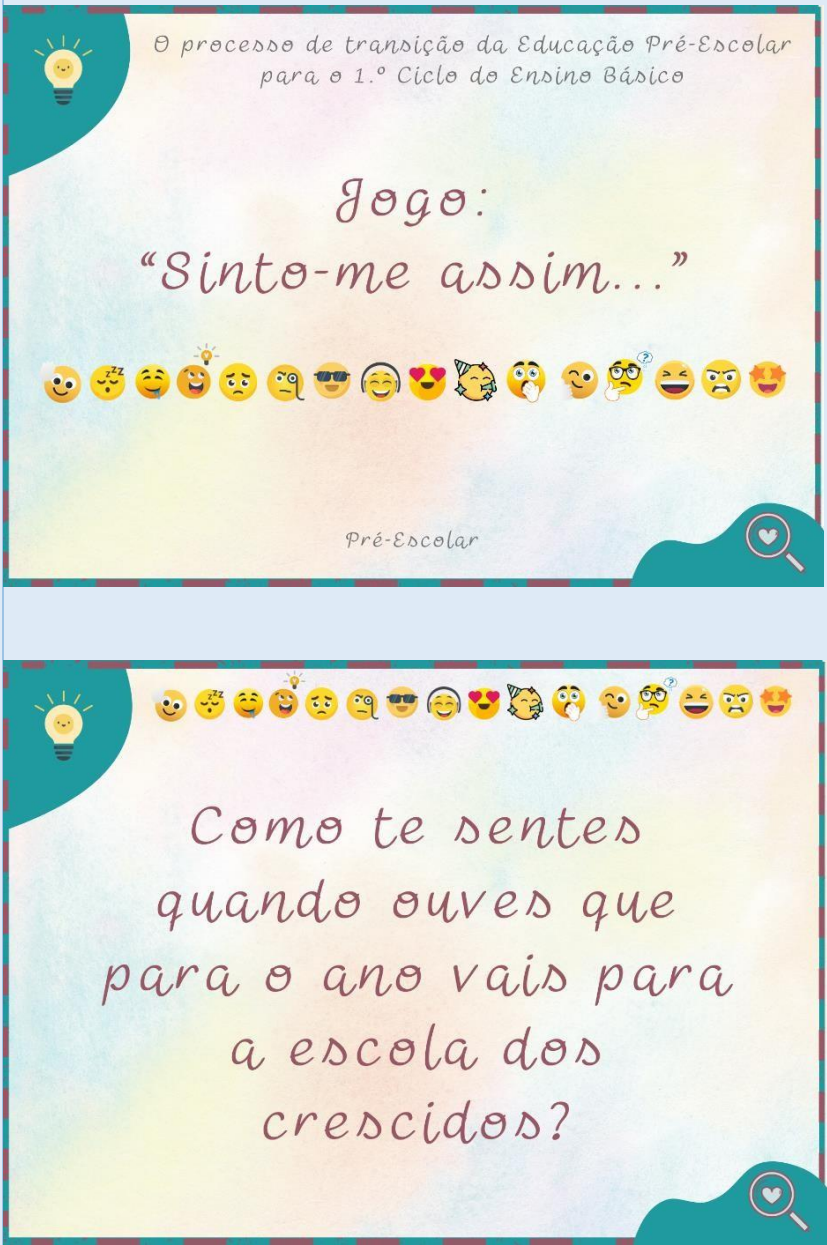
Data: 19/12/2023

Ano/Sala: Pré-Escolar - alunos que vão transitar para o 1.º Ciclo.

Presenças: 26 crianças

Área Curricular	Cidadania e desenvolvimento - Saúde
Tempo	45 min.
Domínios / Objetivos	Desenvolver o autoconhecimento na sua dimensão emocional
/ Descritores de desempenho	Expressar emoções de forma adequada. ☐ Desenvolver a literacia emocional Relacionar o que se sente com as situações vividas

Metodologia	A atividade irá decorrer no ginásio da escola, por ser um local amplo, em que as crianças podem movimentar-se à vontade. Primeiramente, as crianças irão estar sentadas no banco de forma a que a investigadora explique toda a dinâmica. O jogo denomina-se por “Sinto-me assim...” e joga-se da seguinte forma, quando a investigadora fizer uma pergunta ou disser uma afirmação sobre o processo de transição da Educação Pré-Escolar para o 1.º Ciclo do Ensino Básico, que está nos cartões do jogo (Anexo I), as crianças terão que colocar-se em frente à emoção ou sentimento que representa o que estão a sentir relativamente à afirmação ou pergunta. As imagens com as emoções e sentimentos serão em A3 e estarão espalhadas no chão (Anexo II). De forma a que a investigadora consiga fazer o registo das emoções e sentimentos selecionados pelas crianças, irá preencher um registo elaborado pela mesma com a quantidade de crianças que optaram por aquela emoção ou sentimento em determinada pergunta (Anexo III).
--------------------	--

Estratégias de registo de avaliação e tipo de observação	Observação direta; Desempenho das crianças durante a realização do jogo; Seleção das emoções ou sentimentos por parte os alunos.
Anexos	Anexo I – Cartões do jogo  The image shows two game cards from a set titled 'Jogo: Sinto-me assim...'. The top card has a light blue background with a lightbulb icon in the top left corner. The text on the card reads: 'O processo de transição da Educação Pré-Escolar para o 1.º Ciclo do Ensino Básico' and 'Jogo: Sinto-me assim...'. Below the text is a row of 18 emotion emojis. The bottom card has a similar design with the question 'Como te sentes quando ouves que para o ano vais para a escola dos crescidos?'. Both cards have a magnifying glass icon in the bottom right corner.



Como te sentes
quando pensas que
vais aprender a ler?



Como te sentes
quando pensas que
vais ter amigos
novos?





Como te sentes
quando pensas que
alguns amigos podem
ir para outra escola?





Como te sentes
quando pensas que
para o ano vais para
a sala dos
crescidos?



Como te sentes
quando pensas que
para o ano terás
outro/a professor/a?





Como te sentes
quando pensas que
para o ano poderás
ir para outra escola?



Lembra-te, na escola
dos crescidos vais
aprender coisas
novas, conhecer
amigos novos e ser
muito feliz!





Calmo



Envergonhado



Surpreso



Empolgado



Confuso



Zangado



Alegre



Assustado



Orgulhoso



Triste

Jogo: "Sinto-me assim..."

Registo das respostas das crianças

Perguntas	Emoções / sentimentos									
Como te sentes quando ouves que para o ano vais para a escola dos crescidos?										
Como te sentes quando pensas que vais aprender a ler?										
Como te sentes quando pensas que vais ter amigos novos?										
Como te sentes quando pensas que alguns amigos podem ir para outra escola?										
Como te sentes quando pensas que para o ano vais para a sala dos crescidos?										
Como te sentes quando pensas que para o ano terás outro/a professora?										
Como te sentes quando pensas que para o ano poderás ir para outra escola?										

Número de alunos que escolheram a emoção ou sentimento

Planificação

Nome: Carolina Belo Gomes

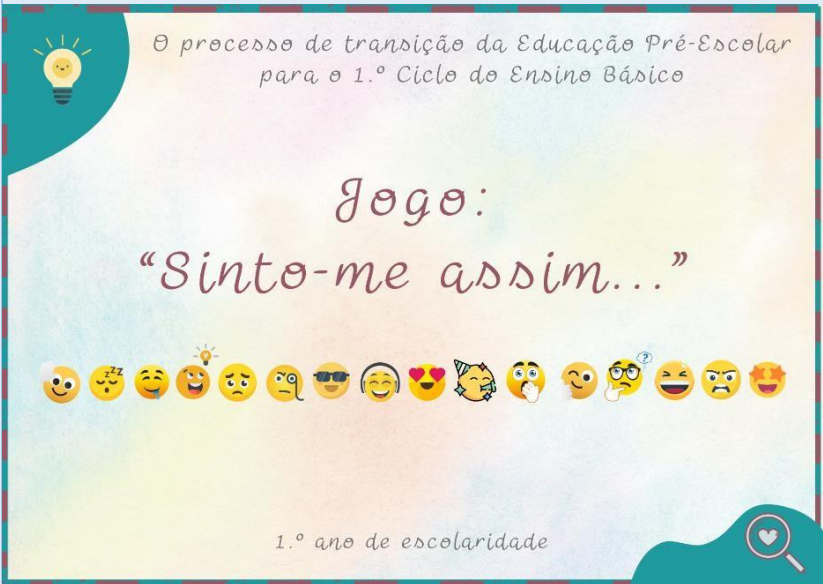
Data: 19/12/2023

Ano/Sala: 1.ºA

Presenças: 24

Área Curricular	Cidadania e desenvolvimento - Saúde
Tempo	45 min.
Domínios / Objetivos	Desenvolver o autoconhecimento na sua dimensão emocional
/ Descritores de desempenho	Expressar emoções de forma adequada. ☐ Desenvolver a literacia emocional Relacionar o que se sente com as situações vividas

Metodologia	A atividade irá decorrer no ginásio da escola, por ser um local amplo, em que os alunos podem movimentar-se à vontade. Primeiramente, os alunos irão estar sentadas no banco de forma a que a investigadora explique toda a dinâmica. O jogo denomina-se por “Sinto-me assim...” e joga-se da seguinte forma, quando a investigadora fizer uma pergunta ou disser uma afirmação sobre o processo de transição da Educação Pré-Escolar para o 1.º Ciclo do Ensino Básico, que está nos cartões do jogo (Anexo I), os alunos terão que colocar-se em frente à emoção ou sentimento que representa o que estão a sentir relativamente à afirmação ou pergunta. As imagens com as emoções e sentimentos serão em A3 e estarão espalhadas no chão (Anexo II).
--------------------	---

	De forma a que a investigadora consiga fazer o registo das emoções e sentimentos selecionados pelos alunos, irá preencher um registo elaborado pela mesma com a quantidade de alunos que optaram por aquela emoção ou sentimento em determinada pergunta (Anexo III).
Estratégias de registo de avaliação e tipo de observação	Observação direta; Desempenho das crianças durante a realização do jogo; Seleção das emoções ou sentimentos por parte os alunos.
Anexos	Anexo I – Cartões do jogo 



Como te sentes no
1.º ano de
escolaridade?





Como te sentes na
nova escola?
(quem estava na
mesma escola não se
mexe)



Como te sentes
agora que estás na
escola dos crescidos
e tens outros
horários e outras
tarefas?





Como te sentes
quando estás a
aprender coisas
novas?





Como te sentes por
teres uma nova
professora?



O que dirias aos
meninos do Pré-
escolar que para o
ano vêm para o 1.º
ano de escolaridade?





Lembra-te, ouve com
atenção o que os
outros te dizem e sê
muito feliz!



Anexo II – Imagens com sentimentos ou emoções

Iguais às imagens da planificação anterior.

Anexo III – Registo

Jogo: "Sinto-me assim..."

Registo das respostas das crianças

Perguntas	Emoções / sentimentos									
										
	Número de alunos que escolheram a emoção ou sentimento									
Como te sentes quando ouves que para o ano vais para a escola dos crescidos?										
Como te sentes quando pensas que vais aprender a ler?										
Como te sentes quando pensas que vais ter amigos novos?										
Como te sentes quando pensas que alguns amigos podem ir para outra escola?										
Como te sentes quando pensas que alguns amigos podem ir para outra escola?										
Como te sentes quando pensas que para o ano terás outro/a professor/a?										
Como te sentes quando pensas que para o ano poderás ir para outra escola?										



Anexo VII – Transcrição da entrevista *focus group* - educadoras

Investigadora: Boa tarde. Desde já gostava de agradecer a vossa participação nesta entrevista.

O meu nome é Carolina Belo Gomes e vou estar aqui convosco no decorrer da entrevista.

Esta entrevista foi realizada no âmbito do Relatório Final de Mestrado referente ao Mestrado de Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo no Instituto Superior de Educação e Ciências (ISEC Lisboa). Esta entrevista é anónima e confidencial e se porventura, em algum momento se sentirem desconfortáveis com alguma questão, a entrevista será finalizada.

A entrevista foi realizada com o objetivo de identificar de que forma os/as educadores/as desenvolvem o seu trabalho na sala de aula de modo a promover uma transição benéfica das crianças para o 1.º Ciclo do Ensino Básico (1º. CEB).

Foi selecionada a realização da entrevista focus group, pois este é um tipo de método cada vez mais utilizado. Trata-se de um método de recolha de dados, normalmente de natureza qualitativa, que pretende aumentar o conhecimento dos indivíduos sobre um determinado tema, tendo por base a interação entre os participantes e uma participação ativa do investigador no decorrer da entrevista.

Cada participante, à vez, irá tirar uma pergunta do saco e responder. Há perguntas que é necessário, todos os participantes responderem e outras que se não acharem necessário acrescentar mais nenhuma informação, não é necessário responderem.

Mais uma vez, obrigada pela vossa disponibilidade em participar nesta entrevista. T, pode tirar a primeira pergunta, por favor.

Educadora T.: costuma a reunir com os professores do primeiro ciclo durante o ano letivo, com vista à preparação da entrada das crianças no primeiro ano do primeiro ciclo. Caso afirmativo, qual a frequência dessas reuniões?

Habitualmente, ao longo do ano, não, mas acho que faria sentido haver aqui uma articulação mais frequente, no entanto, é mais no final do ano letivo que essas reuniões são feitas. Não sei se acho que com frequência, duas sensivelmente ou coisa parecida.

Investigadora: A educadora T. é o primeiro ano que está aqui nesta escola, mas no caso da educadora S. e da educadora A., é na mesma forma?

Educadora S.: Nós reunimos no início do ano. Com os professores que ficaram com aquelas crianças, entregamos os processos e reunimos com eles para dar um bocadinho a nossa opinião sobre como é que está o desenvolvimento deles e alguns traços de personalidade que os podem ajudar depois, não só a estar mais atento, como também a poder enquadrá-los melhor na sala, não é?

Sempre no início, mas acho que deveria haver mais frequente, por acaso com uma das professoras do 1.º Ciclo este ano tenho reunido mais vezes, porque tem uma criança com Necessidades Educativas Especiais (NEE), mas meramente por isso e por iniciativa própria.

Educadora A.: Eu também foi no início do ano que passei a informação sobre as crianças que tinha e como tenho espalhado por várias professoras, fui falando, mas também agora vou falando de vez em quando com uma professora que ficou com mais meninos da minha sala, mas também, como a S. diz também concordo que deveria haver mais, principalmente, se calhar mesmo ao longo do ano ir fazendo um trabalho de transição, porque depois quando os miúdos chegam ao 1.º Ciclo, eles em junho são uma criança e em setembro são a mesma criança e às vezes espera-se muito que eles em setembro já sejam outra. Um aluno, passam de criança a aluno.

Educadora S.: Muitas vezes não sabemos quem é o professor que vai ficar com eles, por isso é que deixamos para o início do ano.

Educadora A.: Isso também é um ponto fraco, não saber estas mudanças de professores, porque em escolas onde há continuidade, isso dá para fazer e até os miúdos irem um bocadinho à sala, tentar perceber como é que aquela professora também funciona. Acho que é muito importante.

Investigadora: Se calhar facilitava o facto de eles irem mesmo que não seja a mesma professora, só o facto de eles irem facilitava.

Educadora T.: Desculpa interromper-te, há escolas em que isso é feito e por isso eu ter dito no final do ano, porque há escolas em que os meninos vão à sala no final do ano, ou seja, há ali um período, no último período, que eles começam a frequentar algumas vezes a sala e eles vão-se inteirando um bocadinho, entre aspas, daquilo que é necessário para o 1.º Ciclo, apesar que é um grande choque.

Educadora S.: Mas nós também temos isso aqui com o projeto, nós temos um projeto que é o crescer em cadeia.

Educadora A.: Que ainda não foi implementado.

Educadora S.: Que nós ainda não implementamos, em que nós, com uma das professoras do 1.º Ciclo, fazemos trabalho de articulação e quer eles vão ao Pré-Escolar, quer nós vamos ao 1.º Ciclo.

Investigadora: Só com uma professora?

Educadora S.: Só como uma das professoras. Porque é uma sala de Jardim, uma professora, porque senão dificultava depois a logística e eu este ano já falei com a professora P. para fazer, mas só vamos iniciar no 2.º período. Porque este 1.º período também temos que os conhecer, mas até o esperado seria, ou com um 1.º ou com um 4.º ano, mas eu optei por escolher o 1.º

ano.

Educadora A.: Eu por acaso preferia um 4.º porque pronto, é a tal história. Se essa professora ficasse para o ano seguinte, seria a que os apanhava no 1.º ano. E então eles também se iam adaptando àquela maneira de ser. Isto também nos leva por outro campo, porque às vezes, o que é que a pessoa pensa? Articulação é eles chegarem lá e irem logofazer umas fichas. E não é para mim essa não é a articulação ou não é sentar e estar ali a ouvir a professora, não é. É perceber a dinâmica, como é que funciona uma sala de 1.º Ciclo.

Educadora T.: Mas eu, por exemplo, este ano já fiz o que se pode considerar articulação. Eu vim com os meus meninos cá acima, fazer uma apresentação, ou seja, de uma temática que o 1.º ano dá, que é as figuras geométricas, e eles vieram fazer uma apresentação de uma música. Tiveram lá muito tempo? Não, efetivamente, não. Mas houve um contacto e viram a dinâmica ali, um bocadinho da dinâmica da sala.

Educadora A.: Eu acho que nós todas fazemos ouvir, o vir visitar a sala. Eu acho que é diferente fazer e vir visitar a sala, porque isso eu às vezes também venho com os meus, fazemos lá qualquer coisa e vimos visitar a sala, mas não é bem. Não é bem essa, não é essa bem essa a articulação, acho eu, é mesmo eles perceberem o que é que se passa lá e ficarem e perceberem como é que, como é que é a dinâmica de uma sala de 1.º Ciclo, decerteza que é diferente da nossa.

Educadora T.: Certamente, é.

Educadora A.: Por isso é que os do primeiro ciclo depois querem voltar para o Pré-Escolar.

Investigadora: Acho que já respondemos a imensas questões.

Educadora S.: Que outras dinâmicas podiam ser realizadas de forma a promover uma boa transição das crianças da Educação Pré-Escolar para o 1.º Ciclo?

Investigadora: Que outras, no sentido que falámos do que é que se realiza, não é um bocadinho. E há outra questão que pergunta, o que é que é feito nesta escola, mas que outras que acha que podiam existir?

Educadora S.: Eu vou lançar uma ideia das minhas crianças, que não, é minha que é haver uma espécie de padrinho que fosse brincar com eles no recreio pelo menos uma vez por semana. Portanto, eles poderiam ir ao recreio do 1.º ciclo ou os do 1.º ciclo podiam ir ao recreio do Pré-Escolar, uma turma e cada um tinha um padrinho.

Investigadora: E seria do 1.º ano ou de 2.º?

Educadora S.: Em contexto lúdico, eles não, eles não especificaram. Poderia ser em contexto lúdico e que eles começassem a criar esta relação e também penso que eles também conheciam

o espaço, apesar de nós às vezes irmos lá de vez em quando usar esse espaço. Portanto, familiarizavam-se com o espaço, com as crianças, gostavam, que até podiam depois ficar com eles e continuar esta dinâmica. No 1.º ano que eles entrassem, eles não especificaram a mim. Faria mais sentido ser um 1.º ano para depois eles serem do 2.º e os outros do 1.º, mas os meus não especificaram não foram por aí. Acho que podiaser uma das atividades.

Outra era nas festas que fazemos em conjunto aqui na escola haver mais realmente o intercâmbio entre eles, porque nós estamos em conjunto, mas estamos cada um na sua caixinha e na sua bolinha. Não é, portanto, eles não se misturam efetivamente a não ser quem tem irmãos que às vezes foge-nos para ir ver os irmãos. Mas, de facto, são atividades conjuntas que são no mesmo espaço, mas acabam por ser muito individuais. Por isso eu acho que deveríamos ir por aí. Eu acho que o projeto crescer em cadeia é muito interessante. Se for bem implementado. E muitas vezes nós vimos aqui ao 1.º Ciclo, vimos cantar uma música, ou as janeiras, ou o Natal, ou o Carnaval, ou vimos ler um poema pronto. Eu acho que isso pode ser mantido, mas para mim, como a A. diz, seria uma atividade pontual.

Educadora A.: Eu acho que para falarmos em articulação entre Pré-Escolar e o 1.º Ciclo, primeiro temos que falar em articulação entre adultos.

Investigadora: É uma das outras questões. Há uma outra questão que refere se há um trabalho colaborativo entre professores e os educadores, nesta realidade.

Educadora S.: Alguns com alguns com outros não.

Educadora A.: Eu, sinceramente não vejo muito trabalho de colaboração e cooperação. Não, não sinto. Eu venho de uma escola onde realmente trabalhávamos, todos em articulação e como estava a dizer a S., as festas eram pensadas, mas eram pensadas a nível global e todos partilhavam. E, por exemplo, no dia do pijama, fazíamos ateliers e todas as turmas passavam para os nossos ateliers. Nós conhecíamos os miúdos do 1.º Ciclo e os que não conhecíamos, passávamos a conhecer e assim acontecia com as colegas do 1.º Ciclo. Também conheciam o Pré-Escolar e também era uma escola enorme e pronto, as pessoas tinham muita vontade em fazer trabalho de colaboração e cooperação. E o que é que isto implica? Implica que às vezes tens de ficar cá mais um bocadinho e tudo o que é ficar mais um bocadinho, tem que haver mesmo disponibilidade da pessoa, pronto. E então eu acho que para haver uma verdadeira articulação, tem mesmo que haver articulação entre adultos, porque senão andamos a brincar às articulações, pronto. Agora o que me também, o que me também faz sentido nesta parte da articulação entre Pré-Escolar e 1.º Ciclo, talvez seja também amostra de projetos quando algum faz algum projeto vir mostrar. Ainda no outro dia eu fiz com a professora S., os meus fizeram uns fantoches,

depois eu convidei-os, pronto e eu também tenho uma também venho com essebichinho lá da outra escola que nós partilhávamos muito e acho que isso o partilhar os projetos que se fazem e nós vimos cá e quantas vezes é que nós recebemos o 1.º Ciclo láem baixo?

Educadora T.: Pois.

Educadora A.: Pronto, e eu acho que também é importante se calhar começarmos nós a chamar o 1.º Ciclo que às vezes por arrasto, vêm.

Educadora S.: Isso é o que nós sentimos quando lançamos atividades nas reuniões de estabelecimento é o que sentimos, é que acabamos por levá-los muito de arrasto.

Educadora A.: O que a S. disse é verdade, nós comemoramos o dia do pijama ou outros dias, mas depois cada um, está aqui a turma A, a turma B e estão todos sentados. Onde é que houve aqui uma articulação verdadeira? É só juntar no espaço. Eu sinto também sinto que não há pronto e depois, se calhar os adultos é que tinham que fazer este trabalho de se articular mais uns com os outros. Pronto é difícil temos horários de almoço diferentes, mas eu acho que com boa vontade se consegue fazer porque é difícil. É, mas pronto.

Educadora T.: Eu não tenho nada para acrescentar, concordo plenamente com esta articulação dos adultos. Acho que é o essencial. Somos nós, é que gerimos as crianças, não são as crianças que nos gerem a nós.

Nós, nós se articularmos, estão todos neste sentido. Se não articularmos, não vai haver uma transição tão fácil.

Educadora A.: Estamos todos fechados nas barraquinhas, pronto, está tudo fechado nas barraquinhas.

Investigadora: E agora imaginem que há outra criança, por exemplo, de outra escola que vem para aqui, como é que se pode trabalhar a transição nesse sentido? Porque estou a perguntar, porque nas salas do 1.º ano, nós temos alunos de outras escolas. Como é que aí as educadoras poderiam trabalhar a transição, sendo que não vêm para a mesma escola?

Educadora S.: Marcarem um dia ou dois para virem aqui à escola, mostrar-lhes o espaço, serem os outros do 1.º ano a serem os guias da escola, por exemplo. Educadora A.: Ou mesmo os do Pré-Escolar. Quando vêm para o Pré-Escolar, até os do Pré-Escolar podem fazer de guia dos que chegam. Eu por acaso tinha isso em Alvalade. Porque a escola ficava mesmo por trás do centro paroquial e os miúdos do centro paroquial iam para lá e eles iam lá no final do ano, iam sempre visitar a sala para onde é que iam e pronto e falava.

Educadora S.: Nem os daqui de cima vêm cá a baixo ver, quando mais os do padre.

Investigadora: Mas é interessante, porque há crianças daqui do Pré-Escolar que foram para outra escola, para outro 1.º Ciclo, não é? Então como é que nós aí podemos trabalhara transição e ajudar?

Educadora A.: Aí é mais difícil.

Educadora T.: A questão é que nas crianças todas depois vão para várias escolas e às vezes torna-se complicado também fazer essa transição. Ou seja, a educadora fazer essa transição com as escolas todas para onde as crianças vão agora, se a maioria, por exemplo, ou uns 4 ou 5, vierem para uma escola, acho que faz todo o sentido eles virem e conhecerem e terem algum contacto também com quem já cá está, não é?

Educadora A.: Eu acho que isso também é feito pelos pais. Os pais devem levar as crianças lá, porque também nós não conseguimos dar resposta a todas que saem e pronto.

Educadora T.: Aí, vais à articulação com os pais, escola família, que é a relação mais importante no meio disto tudo e que muitas das vezes não existe, mas pronto.

Educadora S.: Isso não é a articulação com o 1.º Ciclo.

Educadora T.: Não, mas tem que existir, porque se não tiveres articulação entre a escola ea família, tu não consegues outro tipo de articulação.

Educadora A.: Qual é a sua formação académica?

Eu fiz bacharelato, no isce, depois fiz licenciatura na João de Deus, depois fiz pós-graduação na ESE de Benfica, pronto e agora chega. Há e comecei a trabalhar em 1992.

Educadora T.: Eu tenho a licenciatura e o mestrado feitos na ESE de Setúbal, no Politécnico. Comecei em 2016, há cerca de 7 anos. O mestrado é de pré e pri.

Educadora S.: A licenciatura na ESE de Setúbal.

Educadora T.: Ah, e eu tive 6 anos no 1.º Ciclo. Agora este ano é que estou no Pré-Escolar.

Educadora S.: E eu estou desde 97 na pré. E depois tirei uma outra formação, mas não tem nada a ver com isto. Articula, que é que é a terapia da fala em Alcoitão, na escola superior de saúde de Alcoitão.

Investigadora: E sente que faz diferença no dia a dia?

Educadora S.: Faz muita.

Investigadora: Porque consegue ajudar, não é? Os seus meninos também nesse nível.

Educadora S.: Mais a nível de diagnóstico, porque não podemos estar a fazer trabalho, mas faço consciência fonológica, a parte fonética, isso sim, de articulação, mas não é o meu trabalho, mas facilita ao nível da identificação, porque por isso é que se precocemente eu consigo logo olhar, identificar mais facilmente, como depois no encaminhamento, também facilita.

Educadora T.: Ora, que estratégias são implementadas na transição das crianças para o 1.º Ciclo?

Investigadora: Isso já falámos um bocadinho, não é? O que é que fazemos e o que é que poderíamos fazer.

Educadora S.: Considera que as OCEPE vão de encontro ao reforço da autonomia e flexibilidade do currículo?

Investigadora: Porque se calhar, para trabalharmos a transição currículo tem que ser flexível, não é?

Educadora S.: Bom, eu acho que as OCEPE deixam muita coisa em aberto. Não são muito limitativas, mas também nos cortam aí um bocadinho da flexibilidade, mas ao mesmo tempo, dependendo a forma como nós as percebemos e as implementamos no dia a dia, podem ser uma ferramenta útil. Eu uso-as como uma ferramenta útil e depois a minha própria metodologia, consoante o grupo que eu tenho, ela própria altera.

Investigadora: Qual é a metodologia?

Educadora S.: Eu uso várias, mas neste momento é que eu estou a usar mais tem mais a ver com o contacto com a natureza, são as duas mais viradas para a natureza. Por isso, até a prenda de Natal está relacionada com a natureza. Porque o grupo me pediu isso, ou seja, o próprio grupo tem este interesse, especial. Anteriormente, usava a de projeto, ainda estou tentada a ir por aí. Pronto. Neste momento, estou a usar a reggio Emilia, estou a usar várias. E depois, pronto, quero, quero um bocadinho enveredar por aí, porque é a área que eu gosto mais é a metodologia que eu gosto mais de usar. Mas eu vou adequando ao grupo. Se eu vir as OCEPE apenas como linhas orientadoras facilita-me, porque dá-me algumas bases para ir vendo. Se as vir como aquilo que eu tenho que seguir à risca, acabam por ter pouca flexibilidade no currículo. Portanto, eu acho que depende muito da interpretação de cada um. Também quanto à transição, eles falam, mas também não dão linhas orientadoras muito diretivas, portanto nós podemos fazê-las e adequá-las ao contexto também onde estamos.

Educadora A.: Sim, eu também concordo, as OCEPE são para ler e reler e tornar a ler, porque a pessoa cada vez que lê, tira sempre de lá qualquer coisa diferente. Mas depois também acho que nos dá flexibilidade. O que falta no 1.º Ciclo. É que às vezes os miúdos também estão focados nos livros, os livros, é a página, é a página e a página e pronto, o saber pensar, o saber, ser autónomo, o saber discutir uma opinião é tão importante que às vezes é muito descurado, por causa do currículo, tem o currículo, tem o currículo, mas pronto ainda no outro dia, estava a

conversar com a T. e estivemos a debater um bocadinho isto porque eu já trabalhei com colegas que trabalham de maneira diferente e os miúdos conseguem ter bons resultados. Porque às vezes a pessoa está muito presa ali ao livro, mas também aprenderam assim e eu sempre fiz assim, isto no 1.º Ciclo. No pré-Escolar também há, não há manuais, há fichas.

Educadora S.: Aquilo que eu acho relativamente ao 1.º Ciclo, é que se trabalhassem por projetos também acabariam por conseguir dar todas as áreas do currículo, nem que seja a partir de uma notícia do dia a dia, nem que seja a partir de um interesse qualquer um de um deles, só que seguindo o manual. As OCEPE também podem ser linhas orientadoras, e no caso do 1.º Ciclo o Currículo também pode ser uma linha orientadora e há escolas que nem manuais têm. No 1.º Ciclo também. Portanto, isso depende novamente dos adultos que estão à frente.

Educadora A.: O ensino devia levar aqui uma grande volta, porque senão nós fazemos um trabalho e depois chega ao 1.º Ciclo e é ali um corte e depois chegam ao 2.º Ciclo e levam outro.

Educadora S.: Às vezes também acontece o contrário, que é a educadora faz as fichas e depois chegam ao 1.º Ciclo, apanham um professor todo inovador, também pode ser, porque também vejo muitas colegas de Pré-escolar que têm um método muito tradicional.

Investigadora: Um método tradicional, ajuda ou não? Na transição para o 1.º Ciclo?

Educadora S.: Ajuda.

Educadora A.: Não sei se ajuda.

Educadora T: Depende, não sei se ajuda. Respondendo à questão, eu acho que são linhas orientadoras e devem tê-lo. Eu acho que não devemos levar tudo à risca, mas a transição é extremamente complexa porque no 1.º Ciclo é pronto com um bocadinho de conhecimento de causa, não é? No 1.º Ciclo, nós temos um currículo extensíssimo para cumprir, portanto nós andamos praticamente todos os dias a correr. Os professores do 1.º Ciclo andam todos os dias a correr para cumprir o currículo e quando tentamos fazer algum tipo de projetos que demore mais dias do que era suposto, já as pessoas ficam em alvoroço e é supercomplicado. Acho, sim, que devia haver aqui uma mudança radical no ensino de forma geral, porque no Pré-escolar, conseguimos ter as OCEPE, como linhas orientadoras, e acho que sim. Nem sei como é que se inclui muitas fichas no Pré-Escolar, mas pronto. Acho que no 1.º Ciclo havia de haver uma grande mudança, mas também essa mudança passa por nós, quer dizer, nas escolas, no caso de licenciaturas e mestrados, essa mudança também ser um bocadinho incutida. Porque muitas das vezes, e eu falo por mim que não tirei o curso assim há tantos anos, o que me foi transmitido a mim era os manuais, o currículo, o currículo e os manuais, e muito pouca diversificação de materiais muito, muito pouco que sair ali, daquela base dos do currículo e ver

o currículo e olhar para o currículo e estar no currículo. E temos que dar. E os manuais e as páginas e depois também temos que para além disso é os pais, os pais, os colegas, tentar aqui mudar mentes e isso não acontece assim, de um dia para a noite, porque eu cheguei a ter pais o ano passado a questionarem porque é que eu não tinha feito as páginas. Então, masse a matéria está dada e os meninos sabiam, e porque é que não se tinha feito as páginas? Porque eu não fiz essa página porque não quis fazer essa página porque não, não fez sentido fazer essa página, porque se fez outra coisa qualquer. Mas a página não estava feita.

Educadora S.: Eu sei que há um currículo e há pouco tempo e o currículo é extenso. Mas qual é a diferença? Demorar tempo a ler um texto com uma página que tem no manual, pode demorar tempo a ler um texto de uma notícia que, se calhar, até é mais curto. Qual é a diferença do tempo? Qual é a diferença de tempo depois? A partir daí, o que, o que nos o que é que facilita no manual? É que já tem as perguntas, mas isso foi dito uma vez numa reunião de estabelecimento aqui nesta escola. É que já tem as perguntas feitas, já tem os exercícios todos, o que o tempo aí não é da criança que está a perder. O tempo de um e de outro é igual, é o tempo do professor na preparação.

Educadora T.: Sim, na preparação. Tens toda a razão na preparação, mas se fores a ver também não há. Tu também não tens muito tempo para preparares, certo? Trabalhas 35h, 25h delas estás no direto, mas as outras 10h tens horas de reuniões que, por acaso aqui até vamos facilitadas nesse sentido, mas noutras escolas não tens. Eu o ano passado tinha reuniões à farta, atas, papéis, burocracias. É que o trabalho do professor, ok, pode ser facilitado. Se facilitarem também a parte das burocracias e vocês sabem perfeitamente a quantidade de burocracia que nós temos para preencher. Portanto, eu também percebo um bocadinho a parte dos professores não quererem estar a trabalhar fora.

Educadora S.: E agora como educadora, 25h no direto e depois não tens que ir para casa, tens as mesmas reuniões que têm os professores de 1.º Ciclo e trabalhas para o projeto e não tens que ir pensar e organizar e fazer.

Educadora T.: Tudo certo S., mas sou eu, mas nem toda a gente está disponível para isso.

Educadora S.: Pronto, é a disponibilidade dos adultos, é. É o que eu estou a dizer. O tempo de uma criança ler um texto que está no manual ou o tempo da criança ler outro texto que a gente é o mesmo. Só respondendo porque é que eu acho que facilita, quando no Pré-Escolar as crianças têm um ensino tradicional, a passagem para o 1.º Ciclo é porque, não estou a favor, mas visto que o 1.º Ciclo continua nesta dinâmica, elas têm a facilidade numa coisa, dificuldade noutras, a facilidade é, sabem estar sentadas numa mesa durante não sei quanto

tempo, sabem estar numa fichinha e perceber o que é que é pedido naquelas fichinhas logo, não é? Elas sabem o que é exigido delas. Eu conheço imensas crianças que tiveram uma dificuldade enorme em estar em escolas da ponte e depois passar para o sistema tradicional, foi uma adaptação horrível, porque depois nós trabalhamos com elas o questionamento e depois levam com uma professora como aconteceu com a minha filha este ano que é assim, estás doente, estás-te a sentir mal não estás? Pois não? Então cala-te, vou continuar. Então as pessoas que vêm habituadas a expor a sua opinião, não podem. Que vêm habituadas a fazer perguntas também não podem perguntar, o que é que o que é que acontece internamente? Internamente, há um conflito enorme. E há algumas que rejeitam a escola.

Educadora A.: Por isso é que eu acho que devíamos conhecer o trabalho uns dos outros.

Investigadora: Então, e agora outra questão, será que essas são as competências pedidas? Será que essas são as competências que as OCEPE e o Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória pede que os meninos tenham, quando passam do Pré-Escolar, para o 1.º Ciclo, que saibam estar sentados, questionamento e autonomia?

Educadora S.: Mas o que é que lhes é pedido no 1.º ano?

Educadora A.: E o que é que dizem logo? A tua educadora não te soube ensinar?

Educadora S.: Não sabe ficar sentado? Senta lá o rabinho da cadeira, não sabes estar sentado?

Investigadora: Então, se calhar isso também não facilita a transição das crianças, não é? Esta discrepância.

Educadora A.: Por isso é que eu digo que tinha que haver o maior conhecimento, o maior conhecimento do Pré-Escolar e do 1.º Ciclo. Eu acho que ainda há desconhecimento do que é que se faz em cada ciclo. Porque, olha, eu tive o exemplo da T. (estagiária). Ela quando chegou lá, a minha sala ia cheia de medo, porque ela vinha do 1.º Ciclo. Depois quando planificava as coisas dizia “Ah, mas eles depois será que eles chegam aqui e eles chegam aqui?” E eu dizia que chegavam, precisamos é de conduzir a conversa que eles chegam, ela depois chegou ao final do ano e pronto, estava mesmo encantada porque ela tinha descoberto um mundo que ela própria nem sabia que os miúdos pequenos conseguiam fazer aquilo. Portanto eu acredito que haja muitos professores aqui nesta escola que não sabem o que é que se passa no Pré-Escolar. Porque eu já tive uma colega do 1.º Ciclo a dizer-me assim: “Ah, mas eles no Jardim de infância falam à bebe.” Eu disse, “desculpa, eu não falo assim com os meus alunos.” É o puro desconhecimento e também eu acho que olha, estão lá, estão lá naquele cantinho deles.

Investigadora: E como é que podíamos conhecer? Nas reuniões?

Educadora A.: Eu acho que não é nas reuniões. Eu acho que era neste trabalho de visitara tua sala, tu vens à minha senha.

Educadora T.: Na partilha.

Investigadora: No trabalho colaborativo.

Educadora T.: Sim, sim.

Educadora S: Eu, por exemplo, percebi agora nesta prenda de Natal que eu até estava a fazer, houve um miúdo, que eles é que escolhiam onde é que iam pôr as coisas, que me decidiu começar a fazer uma sequência de cor à volta da vela, e eu trabalhei com eles a sequência.

Educadora A.: E aproveitas e realças aquela aprendizagem de um para o contributo para o grupo. Não precisas de dar uma ficha com amarelo e azul, amarelo e azul. Automaticamente vão-te fazendo as descobertas e nós realçamos.

Investigadora: E conseguem refletir e conseguem olhar para as coisas de outra forma, nãoé?

Educadora A.: E conseguem dizer assim: “eu sou muito trabalhoso.”

Investigadora: Penso que já respondemos a todas as questões. Temos aqui mais uma questão. Costuma conversar com as crianças, apresentando positivamente a nova etapa. Portanto, a ida para o 1.º ano?

Educadora S.: Sim, sim, e até o ano passado com os pais. Fizemos uma reunião com os pais para quebrar ali um bocadinho a ansiedade. Para dizer que é natural eles terem algum receio nesta transição, porque acaba por ser uma transição e acaba por ser às vezes um bocadinho mais brusca do que o desejado, mas eles têm que transmitir segurança para as crianças.

Educadora A.: E depois, no início do ano, também darem aquele apoio que os miúdos precisam.

Educadora S.: Sim, nós tivemos esta conversa não só com as crianças, mas também com os pais. Juntamos os pais de todas as crianças que tinham 5 anos das quatro salas e fizemos nós uma reunião para os pais com o PowerPoint e tudo.

Educadora A.: E também os miúdos vêm à sala, depois ver as salas e sentam-se lá um bocadinho para ver. Então como é que sentes? Pronto assim, aí já é o jeito de brincadeira. Pronto, não é a articulação. É eles verem onde é que vão ficar.

Educadora S.: Sempre de uma forma positiva, ou seja, são outras aprendizagens.

Investigadora: Muito obrigada. Não sei se têm alguma.

Educadora S: Sugestão, não, muito obrigada.

Educadora A: Olha, boa sorte.

Anexo VIII - Transcrição da entrevista *focus group* - professoras

Investigadora: Boa tarde. Desde já gostava de agradecer a vossa participação nesta entrevista. O meu nome é Carolina Belo Gomes e vou estar aqui convosco no decorrer da entrevista. Esta entrevista foi realizada no âmbito do Trabalho Final de Mestrado referente ao Mestrado de Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo no Instituto Superior de Educação e Ciências (ISEC Lisboa). Esta entrevista é anónima e confidencial e se porventura, em algum momento se sentirem desconfortáveis com alguma questão, a entrevista será finalizada.

A entrevista foi realizada com o objetivo de identificar de que forma os professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico desenvolvem o seu trabalho em sala de aula de modo a promover uma transição benéfica das crianças para o 1.º Ciclo o Ensino Básico.

Foi selecionada a realização da entrevista focus group, pois este é um tipo de método cada vez mais utilizado. Trata-se de um método de recolha de dados, normalmente de natureza qualitativa, que pretende aumentar o conhecimento dos indivíduos sobre um determinado tema, tendo por base a interação entre os participantes e uma participação ativa do investigador no decorrer da entrevista.

Cada participante, à vez, irá tirar uma pergunta do saco e responder. Há perguntas que é necessário, todos os participantes responderem e outras que se não acharem necessário acrescentar mais nenhuma informação, não é necessário responderem.

Mais uma vez, obrigada pela vossa disponibilidade em participar nesta entrevista.

Professora M.J.: Quais são as competências que considera ser essenciais que as crianças tenham adquirido na transição para o 1.º Ciclo? Ora, competências essenciais. Considera desenvolvimento da motricidade fina, o saber, estar em sala de aula, a aquisição do saber cumprir regras, o respeito, tolerâncias. Essencialmente, são estas que eu considero importantes. Em termos de conteúdo, é o 1.º Ciclo. Tem a parte dos conteúdos que eu acho que não devem ser adquiridos antes do 1.º Ciclo.

Investigadora: Acham que se deve acrescentar mais alguma coisa, alguma competência que a M.J. não disse que seja crucial? Professora do 1.º ano?

Professora P.: A maturidade, no fundo, é eles terem um bocadinho a maturidade mais desenvolvida.

Professora M.: Eu acho que a lateralidade também é importante.

Professora S.: Não, não é tão importante eles saberem identificar OAEIOU e os números todos e depois não sabem e reagir a uma birra. Não, não sabem gerir as suas emoções e quando estão

frustrados ou à mínima contrariedade choram que nem uns bebês, isso deve, na minha opinião, isso deve ser trabalhado no Pré-Escolar.

Professora A.: Se calhar alargar a idade do Pré-Escolar, para o 1.º Ciclo é que era cruciale entrassem aos seis anos.

Professora S.L.: Sim, dos seis para os sete. Eu sou a favor sim.

Investigadora: Era uma pergunta que eu ia fazer. A maturidade, na verdade, se calhar conseguimos trabalhar, através da autonomia, mas é uma coisa deles também. Algumas crianças chegam aos cinco anos e já têm muita maturidade.

Professora V.: Está relacionado com as tarefas que fazem em casa e a responsabilidade que cada pai dá a cada filho. Eu também acho que passa um bocadinho por aí, porque se os pais em casa lhes fazem tudo, eles depois chegam à escola, também esperam o mesmo.

Professora V.T.: Eu tenho, por exemplo, o caso de uma aluna que entrou a fazer sete anos em dezembro e um que entrou com cinco a fazer seis em dezembro. E é uma diferença gigante. A diferença ainda hoje, que estão num terceiro ano, se vê. Tinha feito todo o sentido ele fazer mais um ano de pré. Ele parece-me sempre coxo. Parece-me sempre arrastado pelos outros.

Investigadora: Mas também pode ser ao contrário. Acha que não é possível ter menos idade e mais maturidade?

Professora S.: Sim, mas é exceção.

Professora S.L.: Sim, mas aí não vamos penalizar os alunos já tendo a idade, não os pôr no 1.º ano, mas a idade conta muito.

Professora V.T.: Costuma fazer a passagem de informação dos alunos que passam para o 1.º ciclo. Faz só de casos específicos ou de todos? Para que serve esta informação? Qual é a importância?

Eu acho que sim. Quando comecei com esta turma, com o 1.º ano, falei muito com as educadoras. Eu acho que elas já os conhecem e que acaba sempre por ser uma mais-valia. Não, não falei só de casos específicos. Falei de todos os que tinham passado aqui da nossa pré e acho que é muito importante porque os ficamos a conhecer um bocadinho melhor. Ou seja, não é só aquele caso de necessidades educativas especiais, ou seja, todos os alunos são diferentes e quanto mais informação tivermos deles melhor.

Investigadora: Então isso não vierem desta escola? Porque temos a sorte de nesta escola, termos o Pré-Escolar e o 1.º Ciclo, portanto temos essa vantagem.

Professora V.T.: Mas eu não recebi informação nenhuma de outro Pré-Escolar. Recebi, por exemplo, o caso de alunos que vinham referenciados, mas se não vierem referenciados, é só

uma questão de papel, de nota, do processo.

Professora P.: Eu recebi de todos, eu fui a única professora do 4.º ano que fiquei cá o ano passado e que agarrei este ano em 1.º ano e eu recebi de todos. Portanto, eu tive reunião no centro de onde veio também uma grande parte dos miúdos. Foi dada informação em relação a todos os miúdos. O outro 1.º ano que eu tive aqui também tive reunião e também recebi essa informação, aquilo que eu acho que era em relação ao Pré-Escolar de fora da escola, quer em relação mesmo à pré daqui é que muitas vezes, aquilo que nós nos apercebemos logo no início é que a informação é que não jogamuita a bota com a perdigota e, portanto, há informações que não nos chegam e que deviam chegar, há informações que chegam e que depois nós vamos a ver e não, não identificamos aquele tipo de comportamento que nos foi relatado, mas isto depois, acho que tem a ver com as próprias dinâmicas. Em cada sala, os próprios miúdos. No verão também há miúdos que crescem ou que regridem, mas aquilo que é de facto, importante nós termos esta informação até para a constituição de turmas. Infelizmente, o que acontece é que depois, a nível superior toda esta preocupação que nós temos de um ano para o outro, de fazer esta esta transição do Pré-Escolar para 1.º Ciclo, toda esta preocupação que nós temos depois a nível administrativo, esta preocupação cai por terra e as turmas que nós fazemos tendo em conta as informações que nos foram dadas, são completamente desfeitas administrativamente, porque administrativamente os miúdos são apenas números e as turmas podem encher até x alunos e portanto esta informação, esta passagem de informação acontece aqui tem acontecido, mas infelizmente, depois nem sempre se revela proveitosa. Quer para os alunos, quer para nós porque, principalmente, porque a nível administrativo as características das crianças não são tidas em conta para fazer as turmas. O mesmo depois se passa quando eles saem daqui, vão para o 5.º ano. Acho que isso é uma falha brutal do nosso sistema.

Professora V.T.: Desculpa, P., tu é que pediste essa reunião?

Professora P.: Esta reunião foi marcada entre as coordenações, neste caso, entre a T., a nossa coordenadora e a coordenação do centro paroquial, que foi de onde nós recebemos mais miúdos.

Professora A.: Mas isto aconteceu este ano, porque no nosso caso não tivemos esta reunião, portanto, há dois anos, o que aconteceu quando eu e a M.J. pegamos no 1.º ano foi que houve uma passagem de informação do nosso Pré-Escolar para nós. Os outros, eram todos uma incógnita e é isto que a P. estava a dizer também, de qualquer das formas, aquilo que nos é transmitido das educadoras muitas vezes nós não reconhecemos o que nos está a ser transmitido, não observamos esses comportamentos nos miúdos. No verão eles crescem, como é óbvio e depois o sair ali do nicho, sair da zona de conforto também faz com que eles

tenham que ter outro tipo de comportamento, mas eu acho que faz sentido esta passagem se depois alguém ouvir, alguém a disser: “ah, ok, esta turma tem quatro crianças com necessidades educativas especiais, vai fechar com vinte alunos.”, Mas isso não acontece cá.

Professora V.T.: A sensação que eu tive é que os meninos no Pré-Escolar eram fantásticos e depois eu ali no 1.º ano, tive ali meninos com comportamentos muito desajustados e ouvia coisas, nunca aconteceu, não acontecia, por exemplo, em pensar como é que não acontecia. Nem toda a informação foi passada e agora.

Professora A.: E agora dar o exemplo ao contrário, não é? Acontece ao contrário, que é a M. É um caso que nós todas conhecemos. O que nos era contado e aquilo que depois deve ser quando também víamos aqui e a sensação que é que a M. não é a mesma, está uma criança completamente diferente lá está, vir para o primeiro andar. Se calhar, também amadureceu, o feeling com a professora, pode ser tudo junto. Isso também muda.

Professora M.: Mas eu também falei com a coordenadora e falei com a P. e tive logo um feedback da minha turma e dos alunos em geral. Eu falei com as educadoras aqui da Pré-Escolar para saber mais sobre esses alunos. Pronto, no caso da M., tive mesmo uma reunião para perceber, porque era uma aluna que realmente me assustava quando vim pensar, isto ou corre muito bem ou corre mal. Na verdade, está a correr bem, mas a M. era uma miúda diferente na Pré-Escolar. A P. e a T. ajudaram-me muito a conhecer o resto dos alunos porque realmente tiveram esta reunião. Isso também ajuda e acho que as turmas até estão bem constituídas. Temos aqui uns casos mais ou menos, mas pronto dentro do dentro do possível, vá pronto.

Professora V.T.: Podiam, se calhar ser mais distribuídos, não é? Depois podiam ser mais distribuídos aqui.

Professora I.: Conhece as orientações curriculares da educação pré-escolar, conhecidas como OCEPE? Sim, sim, utilizei bastante. Eu tive cinco anos, quase cinco anos em creches, portanto as OCEPE até utilizei bastante durante o curso, portanto, foi sempre uma base no início, não é fresquinha, quando acabei o curso era assim a minha base de informação e também de trabalho. Portanto, é uma boa ferramenta.

Investigadora: Mas no caso do 1.º ano, consideram crucial saber?

Professora I.: Como tenho a formação das duas coisas, tendo informação do que é que é suposto acontecer no Pré-Escolar e saber quais é que são as competências que à partida têm que já estar minimamente desenvolvidas para entrarem num 1.º Ciclo, é vantajoso para nós de 1.º Ciclo termos essas noções. Óbvio que com mais tempo de serviço, não se sabe conhecem ou se não conhecem, mas já têm essa noção de quais é que são as competências mínimas que têm que estar

desenvolvidas. Se derem uma vista de olhos, este documento foi atualizado há uns anos. Houve coisas que mudaram. Se derem uma vista de olhos, por curiosidade, acho que é só benéfico para nós. Termos uma noção do que é que é explorado e do que é que é suposto acontecer.

Investigadora: E será benéfico também ao contrário, as educadoras terem noção das aprendizagens essenciais?

Professora I.: Eu acho que também é. Não é trabalhar para o que é suposto acontecer no 1.º Ciclo, porque estamos cá para elas. Mas é terem uma noção, talvez, da importância de certas competências que têm que ser trabalhadas no Pré-Escolar, que são fulcrais num 1.º Ciclo, podem achar que num Pré-Escolar não são assim tão importantes desenvolver, mas depois, quando chegam ao 1.º Ciclo afinal, se calhar aquilo até era importante.

Investigadora: Tal como a autonomia?

Professora I.: Tal como a autonomia para mim.

Professora M.: Ou o saber agarrar num lápis sim, que devia vir do Pré-Escolar e que chegam ao 1.º Ciclo e não sabem.

Professora I.: Mas se já vier autónomo autonomamente, há-de ter a vontade de se querer desenvolver certas coisas. A autonomia para tudo. Autonomia em querer aprender, autonomia em saber estar e na relação, acho que vai tudo, tendo a vontade e a autonomia, depois vai tudo. Está tudo interligado, para mim.

Professora M.: Que estratégias são implementadas na transição das crianças para o 1.º Ciclo?

Investigadora: No caso desta escola em particular, que estratégias são utilizadas e o que podíamos acrescentar. Algumas de vós é o primeiro ano que estão aqui, mas gostariam de dar alguma sugestão?

Professora I.: É assim, eu da pouca experiência que tive e logo no início deste ano letivo, até a S. ser colocada na turma, neste momento de transição, eu achei que era adequado, mesmo a nível de rotinas e o estar em sala, não haver logo uma mudança muito brusca. Haver momentos e mesmo a organização da sala estar à mesma, como se tivessem áreas como eles estão habituados na sala de Pré-Escolar e também tentar perceber como é que eram as rotinas no Pré-Escolar para incluir esses momentos também na sala. Eu acho que isso é importante no início, depois, gradualmente, veio-se introduzindo mais as rotinas a nível de 1.º Ciclo e depois, consoante o professor, organizar a sala como acha que é mais adequado à turma. Isso depois vai depender muito de conhecer primeiro a turma e depois adequar o espaço e as rotinas à turma. Não é logo assim, uma coisa fixa, logo no primeiro dia, acho que acho que não.

Professora M.: Não, e eles perceberem também que em conjunto ou em conversa em conselho,

nós podemos mudar a sala, consoante as sugestões também que eles dão. Acho que isso também é importante, imaginem os lugares, nós podemos mudar os lugares todas as semanas e a disposição da sala também, depende do que funciona. Eu achava a minha turma que ia funcionar por grupos, não funciona. A nível comportamental no 1.º ano, a minha turma em grupo, só em grupos não funciona. Já alterei a sala imensas vezes.

Professora S.L.: Eu só coloquei grupos no 3.º ano.

Professora M.: Agora estão em U e tenho um grupo, mas já tive em U e dois grupos, já tive tudo em grupos, já mudei imensas de vezes.

Professora V.: O que eu acho muito violento, principalmente nas primeiras semanas do primeiro ano, é a carga horária. Acho que todas as escolas deveriam ou ter o período só da manhã, porque ao fim, ao cabo, os miúdos estão habituados à maioria do tempo, estarem a brincar ou estarem a fazer tarefas que não requerem assim muita atenção e depois é-lhes logo imposto um horário, das 09:00h às 17:00h, praticamente em que têm que estar sentados o dia todo de lápis na mão. Para mim, isso é de uma violência extrema. É o maior impacto que eu vejo, assim, logo nas primeiras semanas, acho que se devia adaptar o horário para isso, para eles se irem habituando gradualmente.

Professora I.: Ou seja, não partir só do professor, mas ser uma coisa logo estabelecida de início.

Professora V.: Claro que depois, isso também tem a ver com a sensibilidade de cada um e cada colega, não é? Tentar perceber que temos ali crianças de seis anos e não estão a fazer um doutoramento e temos que respeitar principalmente o ritmo de cada um, não é o nosso ritmo, sempre com esse mote na cabeça.

Professora P.: Eu acho que a própria distribuição da carga letiva, é um bocadinho ridículo haver a mesma carga letiva, e nós agora até temos um horário e tudo que temos de fazer ali com as horas, é um bocadinho ridículo o do 1.º ano ser igual, praticamente, tirando o inglês a um horário do 3.º ano, porque é impossível, é assim, é impossível, não se pode querer que miúdos no 1.º ano, quando começam o 1.º ano, que estejam a fazer Matemática, Português e Estudo do Meio durante 7 horas. Por mais que uma pessoa dê ali e faça brincadeiras, é para esquecer tanto que eu, muitas vezes ainda agora, há partes da tarde em que eles fazem atividades livres, porque não dá, não vai acontecer nada ali em termos de aprendizagem.

Professora M.J.: Acabo por ficar bastante atrasada no Estudo do Meio por causa disso, porque é da parte da tarde. Eles adoram desenhar e ler livros. Fazem uma atividade direcionada por dia, mas livre.

Professora P.: Eles vêm habituados do Pré-Escolar a fazer uma atividade direcionada por dia,

depois têm as atividades nas áreas e eu tenho o meu filho, não é? E também já tive a minha filha, mas agora pergunto-lhe muitas vezes, o que é que fizeste hoje? Ele, normalmente dá-me uma atividade, embora eles tenham as rotinas e aí já estão a trabalhar competências, como é óbvio, mas há uma atividade preparada para aquele dia e depois eles estão livres entre aspas e quer dizer, e de repente, está-se à espera que estes miúdos cheguem a um 1.º ano e que a aprendam a ler e que aprendam a escrever e que aprendam a pegar numa caneta e que estejam calados. É muito, é muito, é muito. Acho que também é muito importante aquilo que aqui se faz e alguns pais fazem. Eu tive a sorte sabendo que ia ficar com o 1.º ano de no ano passado, ter conhecido alguns miúdos, ter conhecido inclusivamente pais que vieram cá conhecer a escola, que os miúdos me conheceram logo e eu conheci-os a eles. Acho que isto também para eles foi uma coisa boa, miúdos que vinham de fora da escola. Acho que isto para eles foi ótimo. Aquele receio que eles poderiam ter de vir para o próprio espaço novo, acho que é para eles, quer para os pais, acho que isso foi positivo aqui. Os nossos pequeninos aqui, é assim, acabamos nós por estarmos sempre no meio deles, e então quando se vai agarrar um 1.º ano ou quando supostamente se sabe que vai agarrar num 1.º ano, acho que também é inteligente da nossa parte irmos lá e misturarmo-nos com eles e aparecermos para eles começarem a olhar para nós como uma figura de referência também. Eu o ano passado também fiz isso. Eles vêm cá também. Continuarem a ir, os que têm a sorte, os que já vinham desta escola continuarem a ir à sala deles, os meus ainda me pedem, se podem ir à sala deles. Mas pronto, acho que acho que o truque aqui é tornar a coisa um bocadinho mais leve ou bastante mais leve e aí acho que depende muito de nós individualmente e depois os miúdos ou têm a sorte de calhar com alguém que de facto, não seja tão violento, que não tenha uma abordagem tão violenta ou não e é um bocadinho triste isto ser uma questão de sorte, devia ser algo que já é esperado.

Costuma reunir com as educadoras durante o ano letivo, com vista à preparação da entrada das crianças no 1.º ano. Em caso afirmativo, qual é a frequência dessas reuniões? Formalmente, eu não reuni ao longo do ano com as educadoras, mas fomos reunindo e elas foram falando sobre os miúdos que iam passar para o 1.º ano de forma informal. Fomos falando durante o ano todo e há sempre aquelas coisas de olha, estás a ver, vai ser teu ou pode ser teu para o ano. Portanto, formalmente tivemos uma reunião mais no final do ano, ao longo do ano? Não, não há reuniões, não temos reuniões assim, mas lá está normalmente as educadoras acabam por passar a mensagem às colegas que têm 4.º ano, vão passando algumas informações, mas sempre de forma muito informal. Pelo menos é a minha experiência.

Professora V.: Qual deve ser o olhar dos educadores e professores em relação à transição da

Educação Pré-Escolar para o 1.º Ciclo?

Eu acho que devemos ter essa responsabilidade sempre quando recebemos uma turma de 1.º ano, porque será a primeira experiência daquelas crianças num 1.º ciclo e eu acho que o 1.º ciclo é o tempo mais feliz de do percurso escolar. Eu tenho essa ideia, é a mesma convicção que todos os miúdos passam aqui, têm que ser o mais feliz possível. Portanto, faço tudo para que eles saiam daqui com os conteúdos e tudo mais, mas em primeiro de tudo está a felicidade, quero que eles se sintam bem no sítio onde estão, quero que se sintam bem comigo. Posso estar no momento a dar um ralhete no outro momento, um dia um disparado, estamos a rir. Percebes? E percebo que o 1.º ano vêm assim meio perdidos, eles não sabem o que é isto.

Professora S.L.: Eu lembro-me na primeira reunião que foi lá fora porque era no tempo de COVID com os pais e como está a dizer a V., a primeira frase que eu disse para os pais foi, eu quero que as crianças aqui se sintam felizes e claro que ao longo do ano e no 1.º ano e nos outros anos, vão tendo arrelia uns com os outros e problemas isso tudo, mas tentamos resolver diretamente com o aluno, vê-lo como um indivíduo. Para mim e como as colegas estão a dizer, é o mais importante é serem felizes e depois o ritmo de cada um, cada um tem o seu e há conteúdos que vão ficar e outros não. Têm tempo depois de os consolidar. Porque eles estando felizes, e já reparei muito nisso, até eles próprios têm mais brilho em depois fazer bem para agradar e para ter um elogio. Eles se, não estão felizes, não conseguem fazer nada nem aprender.

Professora M.: Também acho isso, temos que os ouvir. Estamos tão stressadas com os conteúdos que nos esquecemos de ouvir. Temos que parar e ouvir.

Professora A.: Habitualmente discute e planifica com as educadoras, atividades comuns a realizar ao longo do ano letivo que impliquem a participação dos respetivos grupos de crianças. Se sim, qual a frequência dessas atividades?

Planificamos as festas e pouco mais. Que era benéfico para ambas as partes o 1.º Ciclo e Pré-Escolar termos uma maior atenção e maior cuidado nessa planificação e atividades que não estejam só focadas ali nas festas era muitíssimo bom.

Professora V.T.: Mas por exemplo, eu vi ali com a turma da V., que existem os padrinhos. Foi só os padrinhos ou fazem mais alguma atividade?

Professora V.: Fizemos uma primeira atividade, mas para o Pré-Escolar não, foi 4.º ano com 1.º ano.

Professora A.: É isso que eu estou a dizer, tirando o as festividades é sempre tudo muito cada um na sua bolha.

Professora S.L.: Podia-se fazer, era isso, os padrinhos do 1.º ano serem padrinhos dos que vêm

do Pré-Escolar. Os últimos do Pré-Escolar serem afilhados dos do 1.º ano para vir essa ligação, até em jogos porque depois partilham o intervalo juntos.

Qual a sua formação académica e há quantos anos exercem a profissão?

A minha formação académica é professora do 1.º Ciclo e tenho a Pós-Graduação no ensino especial, que tirei na altura, porque cada vez temos turmas com mais inclusão e também para me abrir portas a nível de colocação e dou aulas há mais ou menos 12 anos letivos mesmo, porque já sou professor há 20 anos, mas, entretanto, houve anos que não tive colocação.

Professora S.: Eu tenho Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo. Já fiz um bocadinho de tudo na educação, mas a dar aulas só estou há 1 ano.

Professora V.T.: A licenciatura é de Ensino Básico e tenho sete anos de tempo de serviço.

Professora I.: Terminei o curso há 8 anos, estou a trabalhar há 7 anos, tirei o Mestrado de educadora e de professora de 1.º Ciclo e também fiz uma Pós-Graduação em educação especial.

Professora M.: O meu Mestrado é em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo e tenho 4 anos de serviço.

Professora P.: Eu tenho a Licenciatura em 1.º Ciclo e dou aulas acho que é há 21 anos.

Professora V.: A minha Licenciatura em Ensino Básico variante Educação Visual e Tecnológica e dou aulas há 19 anos.

Professora A.: A minha formação é Ensino Básico, variante Português, Francês e dou aulas há 26 anos.

Professora S.: Consideram outros educadores e professores desenvolvem um trabalho colaborativo entre si, remetendo-me aqui à realidade desta escola? Não.

Professora A.: Depende do ponto de vista. Eu acho que sim. No meu ponto de vista, há um trabalho, pelo menos eu sempre senti isso, há um trabalho colaborativo, mas nós somos seres humanos, nunca esquecendo e por muito que tenhamos a vontade de pensar que somos perfeitinhas e maravilhosas, e conseguimos, muitas vezes há aqui a questão da empatia e a empatia é tramada e nem sempre, se calhar chocamos de frente com aquela colega e às vezes depois é um bocadinho difícil o trabalhar em articulação. O facto, do meu ponto de vista, sinto essa facilidade. É-me fácil trabalhar em articulação com qualquer uma das pessoas que está sentada nesta mesa.

Professora V.T.: Quando peguei naquela turma no 1.º ano, sempre que eu tive uma questão com uma criança, por exemplo, cartas ao tribunal, sempre que eu recorri às colegas, tive uma porta aberta.

Professora A.: É isso que eu estou a dizer agora há aqui uma questão de empatia, que pode ou não funcionar, mas é assim.

Professora V.: Sim, mas neste caso da V.T., tu vais esclarecer uma situação, coisas mais complicadas, tribunais CPCJ, a pessoa tendo empatia ou não tu tens que resolver a situação.

Professora A.: Uma questão, é a resolução de problemas burocráticos, outra coisa é tu teres, por exemplo, como eu tive o ano passado, que é tenho esta ideia, falo com uma das colegas educadoras e fazíamos ali qualquer atividade em conjunto. Ainda hoje, a J. está aqui a trabalhar na biblioteca e estou a trabalhar em articulação com a com o J.O que está na biblioteca tem sido trabalhos feitos pela minha turma, em articulação e o ano passado fazia isso, não era com muita frequência, mas acontecia agora perguntarem, mas fazes isso com todos? Não.

Investigadora: Nem sempre é feito, mas há essa abertura.

Professora S.L.: Há essa abertura, mas o que eu percebi da pergunta foi se, nesta escola, havia um momento de articulação entre a pré e o 1.º Ciclo, eu acho que também não há.

Professora V.: Eu acho que depende da disposição de cada pessoa. Chegar ao pé da outra pessoa e dizer que está a pensar num projeto e que era engraçado fazer e tu tens de ter esse esse ponto.

Professora S.L.: Sim, o ir à procura. Não estou a dizer que não há abertura, mas haver uma articulação real entre o Pré-Escolar e o 1.º Ciclo não há, do meu ponto de vista, não há. Não temos um timing, não temos umas reuniões em que se transmite. Eu, por exemplo, se eu sou só do 1.º Ciclo, não tirei como algumas colegas agora novas do Mestrado de pré 1.º ciclo. Eu há muitas coisas que se eu quisesse saber, eu vou procurar por mim, porque eu não faço ideia do que é que é dado no pré. Para mim, acho que não há essa articulação agora depois querer fazer um trabalho ao outro pontualmente temos colegas 5 estrelas do Pré-Escolar que poderemos fazer, mas a articulação não é isso para mim. Acho que a articulação é haver mesmo um trabalho colaborativo.

Investigadora: Alguém quer acrescentar mais alguma coisa? Já não há mais questões.

Mais uma vez muito obrigada pela vossa participação.

Anexo IX – Transcrição da entrevista semiestruturada

Investigadora: Boa tarde. Desde já gostava de agradecer a vossa participação nesta entrevista.

O meu nome é Carolina Belo Gomes e vou estar aqui consigo no decorrer da entrevista.

Esta entrevista foi realizada no âmbito do Trabalho Final de Mestrado referente ao Mestrado de Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo no Instituto Superior de Educação e Ciências (ISEC Lisboa). Esta entrevista é anónima e confidencial e se porventura, em algum momento se sentir desconfortável com alguma questão, a entrevista será finalizada.

Esta foi realizada com o objetivo de identificar de que forma os professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico desenvolvem o seu trabalho em sala de aula de modo a promover uma transição benéfica das crianças da Educação Pré-Escolar para o 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Mais uma vez, obrigada pela sua disponibilidade em participar nesta entrevista.

De forma a iniciarmos a entrevista, gostaria que me falasse um pouco da sua formação e do seu percurso profissional.

Coordenadora: A minha formação é em Educação Básica, 1.º Ciclo. Em relação ao meu percurso profissional, portanto, eu iniciei a faculdade, aos dezassete anos, terminei aos vinte um. No ano seguinte, comecei logo a exercer. Primeiro, comecei como explicadora, porque ainda não tinham saído os concursos nacionais. Portanto, no ano a seguir é que fiquei e a partir daí fiquei sempre como professora titular, como professora de apoio, maioritariamente professora titular com um grupo e portanto, na totalidade nestes vinte e um anos de serviço, tive em catorze escolas e num colégio privado. E, portanto, sempre tive ligada à educação e sempre tive a exercer esta atividade profissional.

Investigadora: Há quanto tempo é que está nesta instituição?

Coordenadora: Ah, desde 2017, 2018. Portanto, seis, sete anos.

Investigadora: Há quanto tempo é que exerce o cargo de coordenadora de estabelecimento nesta escola?

Coordenadora: Fiz o ano letivo passado e este é o segundo ano. Portanto, há 1 ano e poucos meses.

Investigadora: E nesta instituição tem a vertente tanto de Pré-Escolar como do 1.º Ciclo.

Coordenadora: Exatamente.

Investigadora: Então, neste sentido, gostaria que me falasse um bocadinho de qual é a importância que atribui ao processo da transição entre a Educação Pré-Escolar e o 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Coordenadora: Esta transição é essencial, é vital mesmo, porque lá está, se não estiver aqui uma, transição feita adequada e se não houver uma articulação, obviamente que depois tem repercussões no 1.º ciclo, e isso é de evitar, não é porque lá está tem que haver uma preparação, tem que haver aqui um cuidado nesta passagem, porque, embora seja uma passagem que não é de grande adaptação, porque dos 5 aos 6 anos, basicamente essas idades que têm e deveria ser no 1.º ano, uma continuidade do Pré-Escolar. A verdade é que se não houver essa articulação, acaba por ser um bocadinho, ter um grande impacto nas crianças, eles podem ficar muito mais inseguros e depois têm repercussões ao nível das aprendizagens. Portanto, esta transição deverá ser feita, esta articulação deverá ser efetiva para que as crianças não sofram tanto, porque, mesmo sendo uma idade parecida, tão próxima em que deveria ser mais ou menos as mesmas, a mesma continuidade do Pré-Escolar para o 1.º ano. A verdade é que se não houver esta atenção, poderá ter aqui consequências um bocadinho drásticas no bem-estar da criança e no seu desenvolvimento.

Investigadora: Considera que tendo em conta essa importância e que tem as duas valências aqui nesta escola. Considera que nesta escola os professores e os educadores estabelecem uma comunicação entre si de forma a contribuir, então, este processo positivo na vida das crianças.

Coordenadora: Isto é muito engraçado, porque eu já estou aqui há alguns anos e a verdade é que tem havido uma grande evolução. Isto respondendo à sua pergunta, a resposta é sim, claramente que sim, mas tem sido um trabalho que tem sido feito ao longo dos anos e normalmente os professores que vão iniciar o 1.º ano que sejam da casa, porque isto também é importante que se diga, porque podem não ser professores da casa e podem ser professores em situação precária. A verdade é que estes professores se forem da casa, têm um máximo de cuidado e atenção em começar logo, desde cedo a articular com os/as educadoras, mas lá está, neste momento, na casa temos maioritariamente efetivos e colegas que pertencem aos quadros, mas já tivemos situações que os professores são contratados, portanto, não existe aqui uma continuidade nem uma preocupação e as coisas são feitas um bocadinho mais de forma mais leviana, mas há sempre esse cuidado, sim, mesmo que os professores sejam contratados e não vão assumir, as turmas vão fazendo esse acolhimento, ainda que não sejam eles os professores no ano seguinte.

Investigadora: Mas mais para as crianças, para se sentirem acolhidas.

Coordenadora: Exatamente, para as crianças os conhecerem, para eles sentirem que aquela pessoa não é estranha e que podem confiar, porque é muito importante eles confiarem logo no professor e na professora que vai estar no grupo. É já meio caminho andado para eles sentirem

ali algum suporte e alguma base.

Investigadora: A próxima questão que tenho aqui é sobre que estratégias é que são utilizadas aqui nesta escola, falou-me dos professores comunicarem com os educadores ao longo do ano e os educadores e os professores também falaram numa reunião que há sempre no início do ano ou no fim do ano que acabou. Que estratégias é que são mais utilizadas?

Coordenadora: Bem, nós temos reuniões semanais, são as nossas reuniões de equipa em que a equipa é formada pelas professoras e pelas educadoras e, portanto, ao longo do ano, vão logo espelhando as suas turmas as suas preocupações ou vão dando o feedback dos alunos e logo aí os professores do 1.º Ciclo já vão familiarizados com os nomes daquelas crianças. Portanto, para além dessas reuniões que nós temos semanais, tem também as reuniões no final do ano que fazem para conhecer as crianças e no início do ano letivo, quando já são os titulares da turma e recebem as crianças das educadoras do ano transato. Portanto, fazem essas reuniões, passam os processos falam um bocadinho das crianças. Mas para além disso, vamos tendo algumas atividades conjuntas em que, por exemplo, as crianças do Pré-Escolar sobem às salas do 1.º Ciclo, sentam-se, veem como é que é a dinâmica. Temos horas do conto em que são as crianças do 1.º Ciclo, que descem e estão a dinamizar uma atividade com os colegas e acabam por estarem ali a conviver e a educadora e a professora também. Temos as atividades comuns do PAA (Plano Anual de Atividades), portanto são atividades em que se junta o Pré-Escolar com o 1.º Ciclo, depois há o apadrinhamento também dos meninos do 1.º Ciclo, aos que chegam do Pré-Escolar, que ingressam no 1.º ano. Portanto, há aqui uma série de atividades conjuntas que vamos fazendo, há a visita do Pré-Escolar ao 1.º Ciclo neste último ano os meninos do Pré-Escolar adotaram também uma noite de finalistas, tal e qual, como os do 4.º ano têm em que dormiram cá na escola e andaram a passear e a fazer uma caça ao Tesouro na escola inteira em que acabaram, por perceber as dimensões da escola em si e do 1.º Ciclo, porque estão em espaços diferentes. E pronto, e ao longo do ano vamos tendo assim algumas dinâmicas em conjunto que que acaba por ajudar muito as crianças que ingressam no 1.º ano.

Investigadora: As crianças que já estão aqui na escola, porque têm a vertente Pré-Escolar como é que é realizado esse trabalho de transição das crianças que não vêm desta escola que vêm de outras escolas, de outras instituições.

Coordenadora: Pronto em relação a isso. Este ano tive o cuidado porque lá está é, eu fui professora nesta escola antes de ser coordenadora, portanto a minha realidade aqui também é muito de ainda enquanto professora de tentar modificar algumas coisas que eu achava que não estavam corretas e, portanto, esta era uma delas, em que me fazia aqui alguma confusão não

conhecer as crianças que vinham de escolas aqui da nossa freguesia e que nós até temos alguma ligação e temos alguma relação e comunicamos. Portanto, para colmatar esta falha este ano que passou, no final do ano letivo 2022/2023 pedi uma reunião com os coordenadores pedagógicos dessa escola para tentar também perceber como é que eram as crianças, quem é que vinha, para que pudéssemos fazer as turmas de uma forma equilibrada, podendo responder assim, às necessidades de cada um. E pronto, e fazemos também as visitas aos pais. Portanto, os pais que queiram vir visitar a escola, nós pedimos sempre que tragam também as crianças que não venham só eles, mas que tragam as crianças andam. Andam livremente pelo espaço, questionam. Também queremos muito que se sintam aqui à vontade e que sintam que podem confiar. Portanto, se os pais tiverem essa confiança é meio caminho andado também para as crianças serem confiantes.

Em relação às outras escolas, são reuniões, sim, são devidamente marcadas. Depois, as professoras de escola e as educadoras das outras escolas reúnem-se e trocam as informações, estando na minha presença e na presença também do coordenador das instituições ou coordenadora.

Investigadora: Portanto, neste sentido, considera crucial um trabalho colaborativo entre os educadores e os professores, porquê?

Coordenadora: Sem dúvida, sem dúvida, porque só assim é que faz sentido. Nós não podemos pensar em nós, temos que pensar é nas crianças, porque o nosso trabalho é o sucesso delas. Portanto, só faz sentido se houver esta articulação, porque nós não vivemos em ilhas, portanto, acho que tem que haver aqui uma comunicação efetiva para o bem de todos, para o bem das famílias, mas sobretudo, para o bem destas crianças. Para que a transição seja uma transição tranquila para que seja uma transição calma, em que todos estejam bem, porque se a criança não estiver bem, a família claramente não está, a professora ou o professor não está e a educadora que deixa aquela criança também não está. Portanto, vamos tentar minimizar aqui o mal-estar e as inseguranças fazendo uma articulação para que todos estejam bem.

Investigadora: Referiu que há uma reunião semanal em que os educadores e os professores se encontram para falar sobre tudo. Mas há alguma reunião em que os professores e educadores se encontrem com o objetivo de apoiar esta transição das crianças do pré-escolar para o 1.º Ciclo?

Coordenadora: No final do ano, há essa reunião de final do ano e há a do princípio do ano. Normalmente são as educadoras que sobem ao 1.º Ciclo para entregar os processos e acabam por falar com os professores individualmente, sobre os diversos casos. Mas é sempre no final e

no início do ano, se bem que no final nunca temos muitas certezas se a criança vai conseguir vaga ou não ou ter a transferência que deseja ou não. Portanto é assim uma reunião mais geral, mas a de início do ano, com as turmas já formadas e com os processos fechados, sim, há essa reunião e há esse cuidado.

Investigadora: E acha que, se calhar, deveria haver esse tipo de reuniões no decorrer do ano, de forma mais regular, por exemplo, uma vez por mês haver uma atividade que apoia transição?

Coordenadora: Nem sempre é fácil, porque lá estão valências diferentes, com exigências diferentes e, portanto, o 1.º Ciclo já obedece aqui a um programa que tem que cumprir aos conteúdos que tem que cumprir, logo aí é mais difícil estarmos a criar atividades em que se façam essas dinâmicas. Fazem as dinâmicas de escola, fazem as horas de contos, fazem algumas, mas uma de estar marcada efetivamente é mais complicado, sim, mas não é nada que não possamos estar abertos a isso. Será uma ideia, por exemplo, para colocar à equipa.

Investigadora: Já me falou de diversas estratégias que são utilizadas aqui na escola. Acha que poderia haver mais alguma?

Coordenadora: Há sempre atividades que nós podemos obviamente adotar, só que lá está o tempo, andamos sempre a correr contra o tempo, seja Pré-Escolar, seja 1.º Ciclo, mais o 1.º Ciclo obviamente, como eu já disse, tem um programa a cumprir, mas obviamente que sim. Isto se, o dia não tivesse 24 horas e tivesse 30 horas, se calhar seria mais fácil até para se planificar e programar atividades aqui entre eles. Mas sim, obviamente que há muitas atividades que se poderiam fazer, mas que, infelizmente, ainda não foi possível.

Investigadora: Falou-me da importância da articulação tendo em conta este processo de transição. Qual é que deve ser o olhar dos educadores e dos professores a esta transição?

Coordenadora: Como eu já disse, isto é para o bem das crianças e eu digo isto muitas vezes em reuniões de equipa, isto não é o meu querer enquanto coordenadora, não é o teu querer enquanto professor, enquanto educadora, porque tudo bem, todos nós temos o nosso querer, mas estamos aqui todos pelas nossas crianças. Estamos aqui todos pelas nossas turmas, portanto, temos que pensar nelas. Imagine, eu posso não gostar do Carnaval, mas as crianças adoram o Carnaval, então eu não vou fazer Carnaval e vou privar as crianças do Carnaval, isto é um exemplo, vou privar as crianças do Carnaval? Claro que não. Não posso fazer uma coisa dessas. Eu não posso pensar em mim, tenho que pensar, é na felicidade delas criar memórias felizes nelas, trabalhá-las e acho que só assim é que é que faz sentido.

Esta articulação, sim, deveria ser feita, deveria ser efetiva. Claro que como em tudo na vida, há pessoas que têm personalidades diferentes e mais vincadas e espíritos mais abertos do que

outras e umas levam isto de forma muito séria e outras levam de forma mais leviana. Como estávamos a falar, mas a verdade é que existe esse cuidado. Sim, existe esse cuidado, até porque, às vezes, quando há uma criança está a ter algum comportamento mais desviante é a própria professora que pergunta logo à educadora ou que vem aqui? Diz Teresa. Ou liga para a outra escola para saber como é que era? E já tivemos aqui reuniões em que em que vieram diretoras das outras escolas, falar de determinadas crianças, portanto, sim, é muito importante, é essencial até.

Investigadora: Neste sentido, que competências é que considera cruciais que as crianças adquiram e tenham, na entrada para o 1.º ano?

Coordenadora: Eu acho que é fundamental trabalhar-se aqui algumas competências, porque depois são logo notórias no 1.º ano se têm ou não têm, nomeadamente, a aquisição de regras, se tem a lateralidade definida ou não, a motricidade, o saber estar em sala percebe-se logo quando a criança já vem com essas regras aprendidas ou não e depois trabalhar muito também a maturidade, porque há crianças que chegam ao 1.º ano e que não têm a maturidade suficiente para estar no 1.º Ciclo. Crianças que são condicionais e que estão no 1.º Ciclo que não têm essa maturidade para estar ainda, e obviamente que isso a nós assusta-nos bastante, porque uma criança imatura que não está preparada para estar num 1.º ano, logo aqui é desafiante, não é? Mas é que como em tudo, temos que ver como seres individuais, portanto, também há aquelas crianças condicionais que são de sucesso, mas sim a maturidade faz aqui um papel importante e acho que cabe à educadora passar essa informação e dar o máximo de informação possível, neste caso dos condicionais e não, só para que lá está transição para o 1.º ano seja tranquila, sem grandes inseguranças.

Investigadora: Será que seria essencial nesta transição os professores saberem mais sobre as OCEPE e os educadores saberem mais sobre as Aprendizagens Essenciais. Será que facilitaria?

Coordenadora: Eu acho que facilitaria muito, e a verdade é que há muitos professores que já estão a trabalhar há muitos anos e eu falo pelos da nossa casa em que não têm a mínima noção do que isso é porque não tiveram na sua formação base, não tiveram na sua formação específica e a verdade é que não conhecem, não sabem mesmo que existe e eu acho que era importante. Sim, acho que era que era muito importante saberem, mas lá está, a verdade é que quando os meninos chegam ao 1.º ano, um professor de 1.º Ciclo que já tenha aqui alguma experiência consegue logo perceber se aquela criança vem preparada, não vem preparada. Quais são as lacunas que traz consigo.

Investigadora: De forma também a ajudar, não é? Posteriormente. **Coordenadora:** Obviamente.

Investigadora: Já conversámos aqui sobre este tema tão importante, gostaria de deixar algum comentário, alguma sugestão?

Coordenadora: Não, está tudo.

Investigadora: Muito obrigada.

Anexo X – Respostas das crianças e dos alunos no jogo “Sinto-me assim...”

Pré-Escolar:

Jogo: “Sinto-me assim...”

Registo das respostas das crianças

Perguntas	Emoções / sentimentos									
Como te sentes quando ouves que para o ano vais para a escola dos crescidos?	7		5	1	2	3		3	3	2
Como te sentes quando pensas que vais aprender a ler?	12	1	3	3	2	2		3		
Como te sentes quando pensas que vais ter amigos novos?	11		2	1		2	1	4	4	1
Como te sentes quando pensas que alguns amigos podem ir para outra escola?	1	2	2	9		1	5	2	2	2
Como te sentes quando pensas que alguns amigos podem ir para outra escola?	8	2	4	3	3	1	1	2	1	1
Como te sentes quando pensas que para o ano terás outro/a professor/a?	1	3	8	3	3	1	2	3		2
Como te sentes quando pensas que para o ano poderás ir para outra escola?	2	8	3	2	2	3	2	3	2	

3

1.º Ciclo:

Jogo: “Sinto-me assim...”

Registo das respostas dos alunos

Perguntas	Emoções / sentimentos									
Como te sentes no 1.º ano de escolaridade?	7	1+1	1		2+1	3		5	1+1	
Como te sentes na nova escola? (quem estava na mesma escola não se mexe)		1	1		2	1		1	3	
Como te sentes agora que estás na escola dos crescidos e tens outros horários e outras tarefas?	10	1	2	2	2		1	1	1	
Como te sentes quando estás a aprender coisas novas?	6	1	1		3		2	3	3	1
Como te sentes por teres uma nova professora?	11			3	1		1	2	2	
Como te sentes por teres feito novos amigos?	9	1	1	1	4			3	1	
O que mais gostas nesta escola?										
O que dirias aos meninos do Pré-escolar que para o ano vêm para o 1.º ano de escolaridade?										

Investigadora: Ora bem, vão fazer silêncio, por favor. Vou fazer uma pergunta e todos têm que dizer uma coisa que sentem.

O que é que mais gostam nesta escola? Comecem a pensar todos.

Brincar;

Ler;

aprender a ler;

aprender a ler as vogais;

Estudar;

Eu gosto muito de estudar e ler muito e aprender as vogais. Gosto de todas as coisas que fazemos cá na escola (veio ter com a investigadora depois e disse: A comida não gosto menos da comida, é menos a comida, OK? Gosto de tudo que fazemos, ficar na escola, mas menos a comida. Eu também gosto do meu esquecimento. Eu gosto de tudo, gosto da comida, gosto menos da comida);

Eu gosto de brincar às escondidas.

Eu gosto de todas as coisas e também gosto de comer;

Eu gosto de tudo;

Eu gosto de brincar aos dinossauros, tudo gosto, eu gosto de tudo;

De escrever;

Ler;

Eu gosto de ler;

Brincar com os amigos;

Jogar à bola;

Gosto de ler livros e de aprender a ler;

Brincar no parque;

Ler;

Gosto de tudo;

Gosto do Natal na escola;

Vocês sabem que há meninos aqui na escola que têm 5 anos e que para o ano vêm para o 1.º ano, correto?

Se vocês pudessem dizer alguma coisa a esses meninos que vêm para o primeiro ano, se pudessem dizer alguma coisa para os deixar mais felizes. O que é que vocês diziam?

Vamos amar todos;

Vou brincar com eles;

Que vão gostar da professora;

Que vão se vão brincar e divertir-se.

Gosto muito de estar nesta escola, a aprender no primeiro ano;

Eu vou dizer que não é preciso ter medo. Vão ter uma professora maravilhosa. Divirtam-se muito e sejam felizes nesta escola. Não é preciso nunca ter medo.

Eu vou dizer, brinquem muito e, portem-se bem e se virem um animal, salvem.

Que eles são fofinhos;

para gostarem da professora

Dizia que não era necessário ter medo, porque é muito giro aprender;

Para lembrarem-se sempre de mim;

Eu digo assim: queres ser minha amiga?

Eu gosto muito de brincar com os meus amigos.

I like the teacher;

Vou dizer tudo o que eu sei;

Vou brincar com eles.

Muito obrigada, meninos.

Anexo XI – Análise de conteúdo

Questões	Segmentos da Entrevista
Qual é a sua formação académica?	Educadora A: Eu fiz bacharelato, no ISCE, depois fiz licenciatura na João de Deus, depois fiz pós-graduação na ESE de Benfica, pronto e agora chega. Há e comecei a trabalhar em 1992.
	Educadora T: Eu tenho a licenciatura e o mestrado feitos na ESE de Setúbal, no Politécnico. Comecei em 2016, há cerca de 7 anos. O mestrado é de pré e pri. Ah, e eu tive 6 anos no primeiro ciclo. Agora este ano é que estou no pré-escolar.
	Educadora S: A licenciatura na ESE de Setúbal. E eu estou desde 97 na pré. E depois tirei uma outra formação, mas não tem nada a ver com isto. Articula, que é que é a terapia da fala em Alcoitão, na escola superior de saúde de Alcoitão.

Objetivos específicos	Sub-questões	Segmentos da Entrevista
Compreender os conhecimentos e as concepções dos educadores e professores sobre o processo de transição da PE para o 1.º CEB;	Qual é o impacto que a transição do Pré-Escolar para o 1.º Ciclo do Ensino Básico tem na aprendizagem dos alunos no 1.º Ciclo do Ensino Básico? Quais são as percepções que os professores e educadores têm sobre o seu papel no processo de transição?	Educadora T.: “Mas eu, por exemplo, este ano já fiz o que se pode considerar articulação. Eu vim com os meus meninos cá acima, fazer uma apresentação, ou seja, de uma temática que o 1.º ano dá, que é as figuras geométricas, e eles vieram fazer uma apresentação de uma música. “Respondendo à questão, eu acho que são linhas orientadoras e devem sê-lo. Eu acho que não devemos levar tudo à risca, mas a transição é extremamente complexa porque no 1.º Ciclo e pronto com um bocadinho de conhecimento de causa, não é?”

		“Porque muitas das vezes, e eu falo por mim que não tirei o curso assim há tantos anos, o que me que me foi transmitido a mim era os manuais, o currículo, o currículo e os manuais, e muito pouca diversificação de materiais muito, muito pouco que sair ali, daquela base do currículo e ver o currículo e olhar para o currículo e estar no currículo.” Educadora A.: • “Eu acho que é diferente vir visitar a sala, porque isso eu às vezes também venho com os meus, fazemos lá qualquer coisa e vimos visitar a sala, mas não é bem. Não é bem essa, não é essa bem essa a articulação, acho eu, é mesmo eles perceberem o que é que se passa lá e ficarem e perceberem como é que, como é que é a dinâmica de uma sala de 1.º
--	--	---

		Ciclo, de certeza que é diferente da nossa.” “Sim, eu também concordo, as OCEPE são para ler e reler e tornar a ler, porque a pessoa cada vez que lê, tira sempre de lá qualquer coisa diferente. Mas depois também acho que nos dá flexibilidade. O que falta no 1.º Ciclo. É que às vezes os miúdos também estão focados nos livros, os livros, é a página, é a página e a página e pronto, o saber pensar, o saber, ser autónomo, o saber discutir uma opinião é tão importante que às vezes é muito descurado, por causa tem o currículo(...).” “O ensino devia levar aqui uma grande volta, porque senão nós fazemos um trabalho e depois chega ao 1.º Ciclo e é ali um corte e depois chegam ao 2.º Ciclo e levam outro. Chegam ao assunto ciclo e levam o outro.”
--	--	--

Educadora S.:

“Por isso eu acho que deveríamos ir por aí. Eu acho que o **projeto crescer em cadeia** é muito interessante. Se for bem implementado. E muitas vezes nós vimos aqui ao 1.º Ciclo, vimos cantar uma música, ou as janeiras, ou o Natal, ou o Carnaval, ou vimos ler um poema pronto. Eu acho que isso pode ser mantido, mas para mim, como a A. diz, seria uma atividade pontual.”

“Bom, eu acho que as **OCEPE deixam muita coisa em aberto**. Não são muito limitativas, mas também nos cortam aí um bocadinho da flexibilidade, mas ao mesmo tempo, dependendo a forma como nós as percebemos e as implementamos no dia a dia, podem ser uma ferramenta útil. **Eu uso-as como uma ferramenta útil e depois a minha própria metodologia, consoante o grupo que eu tenho, ela própria altera.**”

		“Se eu vir as OCEPE apenas como linhas orientadoras facilita-me, porque dá-me algumas bases para ir vendo. Se as vir como aquilo que eu tenho que seguir à risca, acabam por ter pouca flexibilidade no currículo. Portanto, eu acho que depende muito da interpretação de cada um. Também quanto à transição, eles falam, mas também não dão linhas orientadoras muito diretivas, portanto nós podemos fazê-las e adequá-las ao contexto também onde estamos.” “Aquilo que eu acho relativamente ao 1.º Ciclo, é que se trabalhassem por projetos também acabariam por conseguir dar todas as áreas do currículo, nem que seja a partir de uma notícia do dia a dia, nem que seja a partir de um interesse qualquer um de um deles, só que seguindo o manual.”
--	--	--

		“As OCEPE também podem ser linhas orientadoras, e no caso do 1.º Ciclo o Currículo também pode ser uma linha orientadora e há escolas que nem manuais têm. No 1.º Ciclo também. Portanto, isso depende novamente dos adultos que estão à frente.” “Eu conheço imensas crianças que tiveram uma dificuldade enorme em estar em escolas da ponte e depois passar para o sistema tradicional, foi uma adaptação horrível, porque depois são nós trabalhamos com elas o questionamento e depois levam com uma professora como aconteceu com a minha filha este ano que é assim, estás doente, estás-te a sentir mal não estás? Pois não? Então cala-te, vou continuar.
--	--	--

		Então as pessoas que vêm habitadas aexpor a sua opinião, não podem. Que vêm habitadas a fazer perguntas também não podem perguntar, o que é que o que é que acontece internamente? Internamente, há um conflito enorme. E há algumas que rejeitam a escola.”
Identificar estratégias que os educadores e professores utilizam para uma melhor transiçãopara o 1.º CEB;	Quais são as estratégias/mecanismos utilizados no processo de transição? Quais as principais competências que devem/são trabalhadas no processo de transição?	Educadora S.: “Eu vou lançar uma ideia das minhas crianças, que não, é minha que é haver uma espécie de padrinho que fosse brincar com eles no recreio pelo menos uma vez por semana. Portanto, eles poderiam ir ao recreio do 1.ºCiclo ou os do 1.º Ciclo podiam ir ao recreio do Pré-Escolar, uma turma e cada um tinha um padrinho.”

		“Outra era nas festas que fazemos em conjunto aqui na escola haver mais realmente o intercâmbio entre eles, porque nós estamos em conjunto, mas estamos cada um na sua caixinha e na sua bolinha. Não é, portanto, eles não se misturam efetivamente a não ser quem tem irmãos que às vezes foge-nos para ir ver os irmãos. Mas, de facto, são atividades conjuntas que são no mesmo espaço, mas acabam por ser muito individuais.” “Marcarem um dia ou dois para virem aqui à escola, mostrar-lhes o espaço, serem os outros do 1.º ano a serem os guias da escola, por exemplo.” Educadora A.: “E, por exemplo, no dia do pijama, fazíamos ateliers e todas as turmas passavam para os nossos ateliers. Nós conhecíamos os miúdos do 1.º Ciclo e os que não conhecíamos,
--	--	--

passávamos a conhecer e assim acontecia com as colegas do 1.º Ciclo.”

“Agora o que me também, o que me também faz sentido nesta parte da articulação entre Pré-Escolar e 1.º Ciclo, talvez seja também **amostra de projetos quando algum faz algum projeto vir mostrar**. Ainda no outro dia eu fiz com a professora S., os meus fizeram uns fantoches, depois eu convidei-os, pronto e eu também tenho uma também venho comesse bichinho lá da outra escola que nós partilhávamos muito e acho que isso o partilhar os projetos que se fazem e nós vimos cá e **quantas vezes é que nós recebemos o 1.º Ciclo lá em baixo?**”

“Ou mesmo os do Pré-Escolar. Quando vêm para o pré-escolar, até os do Pré-Escolar podem fazer de guia dos que vêm.

Eu por acaso tinha isso em Alvalade. Porque a escola ficava mesmo por trás do centro paroquial e os miúdos do centro paroquial iam para lá e eles iam lá no final do ano, iam sempre visitar a sala

para onde é que iam e pronto e falava.”

“Eu acho que isso também é feito pelos pais. Os pais devem levar as crianças lá, porque também nós não conseguimos dar resposta a todas que saem e pronto.”

Compreender como é que os alunos se sentem equal é o seu papel no processo de transição;	Quais são as percepções sobre dos alunos sobre o processo de transição?	Educadora S.: “Sim, sim, e até o ano passado com os pais. Fizemos uma reunião com os pais para quebrar ali um bocadinho a ansiedade. Para dizer que é natural eles terem algum receio nesta transição, porque acaba por ser uma transição e acaba por ser às vezes um bocadinho mais brusca do que o desejado, mas eles têm que transmitir segurança para as crianças.” Educadora A.: “E também os miúdos vêm à sala, depois ver as salas e sentam-se lá um bocadinho para ver. Então como é que sentes? Pronto assim, aí já é o jeito de brincadeira. Pronto, não é a articulação. É eles verem onde é que vão ficar.”
---	--	---

Verificar as concepções dos educadores e professores sobre o trabalho colaborativo entre si.	Qual é a importância do trabalho colaborativo entre educadores e professores na transição?	Educadora T.: “Habitualmente, ao longo do ano, não, mas acho que faria sentido haver aqui uma articulação mais frequente, no entanto, é mais no final do ano letivo que que essas reuniões são feitas. Não sei se acho que com frequência, duas sensivelmente ou coisa parecida.” “Aí, vais à articulação com os pais, escola família, que é a relação mais importante no meio disto tudo e que muitas das vezes não existe, mas pronto.” Educadora S.: “Nós reunimos no início do ano. Com os professores que ficaram com aquelas crianças, entregamos os processos e reunimos com eles para dar um bocadinho a nossa opinião sobre como é que está o desenvolvimento deles e alguns traços de personalidade que os
--	--	---

		podem ajudar depois, não só a estar mais atento, como também a poder enquadrá-los melhor na sala, não é?” “Sempre no início, mas acho que deveria haver mais frequente.” “Muitas vezes não sabemos quem é o professor que vai ficar com eles, por isso é que deixamos para o início do ano.” “Mas nós também temos isso aqui com o projeto, nós temos um projeto que é o crescer em cadeia. Que nós ainda não implementamos, em que nós, com uma das professoras do 1.º Ciclo, fazemos trabalho de articulação e quer eles vão ao Pré- Escolar, quer nós vamos ao 1.º Ciclo.”
--	--	---

		“Eu, por exemplo, percebi agora nesta prenda de Natal que eu até estava a fazer, houve um miúdo, que eles é que escolhi onde é que iam pôr as coisas, que me decidiu começar a fazer uma sequência de cor à volta da vela, e eu trabalhei com eles a sequência.” Educadora A.: “Como a S. diz também concordo que deveria haver mais, principalmente, se calhar mesmo ao longo do ano ir fazendo um trabalho de transição, porque depois quando os miúdos chegam ao 1.º Ciclo, eles em junho são uma criança e em setembro são a mesma criança e às vezes espera-se muito que eles em setembro já sejam outra. Um aluno, passam de criança a aluno.”
--	--	---

		“Isso também é um ponto fraco, não saberestas mudanças de professores, porque em escolas onde há continuidade, isso dá para fazer e até os miúdos irem um bocadinho à sala, tentar perceber como é que aquela professora também funciona. Acho que é muito importante.” “Eu acho que para falarmos em articulaçãoentre Pré-Escolar e o 1.º Ciclo, primeiro temos que falar em articulação entre adultos.” “Eu, sinceramente não vejo muitotrabalho de colaboração e cooperação. Não, não sinto. Eu venho de uma escola onde realmente trabalhávamos, todos em articulação e como estava a dizer a S., as festas eram pensadas, mas eram pensadas a nível global e todos partilhavam.” “Eu sinto também sinto que não há pronto e depois, se calhar os adultos é que tinham que
--	--	---

fazer este trabalho de se articular mais uns com os outros. Pronto é difícil temos horários de almoço diferentes, mas eu acho que com boa vontade se consegue fazer porque é difícil. É, mas pronto.”

“Por isso é que eu acho que devíamos conhecer o trabalho uns dos outros. Eu acho que ainda há desconhecimento do que é que se faz em cada ciclo.”

“Eu acho que não é nas reuniões. Eu acho que era neste trabalho de visitar a tua sala, tu vens à minha senha.”

Promover o lúdico como papel fundamental na transição.	De que modo o lúdico poderá ser uma estratégia de ensino-aprendizagem no processo de transição de alunos do Pré-Escolar para o 1.º ano de escolaridade?	Educadora S.: “Em contexto lúdico, eles não, eles não especificaram. Poderia ser em contexto lúdico e que eles comecem a criar esta relação e também penso que eles também conheciam o espaço, apesar de nós às vezes irmos lá de vez em quando usar esse espaço.”
--	---	---

Análise de conteúdo da entrevista das professoras

Questões	Segmentos da Entrevista
Qual é a sua formação académica?	Professora S.L.: A minha formação académica é professora do 1.º Ciclo e tenho a Pós-Graduação no Ensino Especial, que tirei na altura, porque cada vez temos turmas com mais inclusão e também para me abrir portas a nível de colocação e dou aulas há mais ou menos 12 anos letivos mesmo, porque já sou professora há 20 anos, mas entretanto, houve anos que não tive colocação.
	Professora S.: Eu tenho Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo. Já fiz um bocadinho de tudo na Educação, mas a dar aulas só estou há 1 ano.
	Professora V.T.: Licenciatura é de Ensino Básico e tenho sete anos de tempo de serviço.
	Professora I.: Terminei o curso há 8 anos, estou a trabalhar há 7 anos, tirei Mestrado de educadora e de professora de 1.º Ciclo e também fiz uma Pós-Graduação em Educação Especial.

	Professora M.: O meu Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo e tenho 4 anos de serviço.
	Professora P.: Eu tenho a Licenciatura em 1.º Ciclo e dou aulas há 21 anos.
	Professora V.: A minha Licenciatura é em Ensino Básico variante Educação Visual e Tecnológica e dou aulas há 19 anos.
	Professora A: A minha formação é Ensino Básico, variante de Português, Francês e dou aulas há 26 anos.

Objetivos específicos	Sub-questões	Segmentos da Entrevista
Compreender os conhecimentos e as concepções dos educadores e professores sobre o processo de transição da PE para o 1.º CEB;	Qual é o impacto que a transição do Pré-Escolar para o 1.º Ciclo do Ensino Básico tem na aprendizagem dos alunos no 1.º Ciclo do Ensino Básico? Quais são as percepções que os professores e educadores têm sobre o seu papel no processo de transição?	Professora I: (as OCEPE) “Sim, sim, utilizei bastante. Eu tive cinco anos, quase cinco anos em creches, portanto as OCEPE até utilizei bastante durante o curso, portanto, foi sempre uma base no início, não é fresquinha, quando acabei o curso era assim a minha base de informação e também de trabalho. Portanto, é uma boa ferramenta.” Investigadora: E será benéfico também ao contrário, as educadoras terem noção das aprendizagens essenciais? “Eu acho que também é. Não é trabalhar para o que é suposto acontecer no 1.º Ciclo, porque estamos cá para elas. Mas é terem uma noção, talvez, da importância de certas competências que têm que ser

		trabalhadas no pré-escolar, que são fulcrais num 1.º Ciclo, podem achar que num Pré-Escolar não são assim tão importantes desenvolver, mas depois, quando chegam ao 1.º Ciclo afinal, se calhar aquilo até era importante.” “Se já vier autónomo, irá ter a vontade de se querer desenvolver certas coisas. A autonomia para tudo. Autonomia em querer aprender, autonomia em saber estar e na relação, acho que vai tudo, tendo a vontade e a autonomia, depois vai tudo. Está tudo interligado, para mim.” Professora V.: “Eu acho que devemos ter essa responsabilidade sempre quando recebemos uma turma de 1.º ano, porque será a primeira experiência daquelas crianças num 1.º Ciclo e eu acho que o 1.º
--	--	---

		Ciclo é o tempo mais feliz de do percurso escolar. Eu tenho essa ideia, é a mesma convicção que todos os miúdos passamaqui, têm que ser o mais feliz possível. Portanto, faço tudo para que eles saíam daqui com os conteúdos e tudo mais, mas em primeiro de tudo está a felicidade, quero que eles se sintam bem no sítio onde estão, quero que se sintam bem comigo. Posso estar no momento a dar um ralhete no outro momento, um diz um disparado, estamos a rir.”
--	--	---

Professora S.L.:

Eu lembro-me na primeira reunião que foi lá fora porque era no tempo de COVID com os pais e como está a dizer a V., a primeira frase que eu disse para os pais foi, eu quero que as crianças aqui se sintam felizes e claro que ao longo do ano e no 1.º ano e nos outros anos, vão tendo arrelias uns com os outros e problemas isso tudo, mas tentamos resolver diretamente com o aluno, **vê-lo como um indivíduo**. Para mim e como as colegas estão a dizer, é o mais importante é serem felizes e depois **oritmo de cada um**, cada um tem o seu e há conteúdos que vão ficar e outros não. Têm tempo depois de os consolidar. Porque eles estando felizes, e já reparei muito nisso, até eles próprios têm mais brilho em depois fazer bem para agradar e para ter um elogio. **Eles se, não estão felizes, não conseguem fazer nada, nem aprender.**”

Professora M.:

“Também acho isso, temos que os ouvir. Estamos tão stressadas com os conteúdos que nos esquecemos de ouvir. **Temos que parar e ouvir.**”

Identificar estratégias que os educadores e professores utilizam para uma melhor transição para o 1.º CEB;	Quais as principais competências que devem/são trabalhadas no processo de transição? Quais são as estratégias/mecanismos utilizados no processo de transição?	Professora M.J.: “Ora, competências essenciais. Considero desenvolvimento da motricidade fina, o saber estar em sala de aula, a aquisição do saber cumprir regras, o respeito, tolerâncias. Essencialmente, são estas que eu considero importantes. Em termos de conteúdo, é o 1.º Ciclo. Tem a parte dos conteúdos que eu acho que não devem ser adquiridos antes do 1.º Ciclo.” “Acabo por ficar bastante atrasada no Estudo do Meio por causa disso, porque é da parte da tarde. Eles adoram desenhar e ler livros. Fazem uma atividade direcionada por dia, mas livre.”
---	---	---

Professora P.:

“A maturidade, no fundo, é eles terem um bocadinho a **maturidade mais desenvolvida.**”

“Eu acho que a própria **distribuição da carga letiva** é um bocadinho ridículo haver a mesma carga letiva, e nós agora até temos um horário e tudo que temos de fazer ali com as horas, é um bocadinho ridículo o do 1.º ano ser igual, praticamente, tirando o inglês a um horário do 3.º ano, porque é impossível, é assim, é impossível, não se pode crer que miúdos no 1.º ano estejam a fazer matemática, português e estudo do meio **durante 7 horas**. Por mais que uma pessoa dê ali e faça brincadeiras, não é para esquecer tanto que eu, muitas vezes ainda agora, eu há partes da tarde em que eles fazem **atividades livres**, porque não dá, **não vai acontecer nada ali em termos de aprendizagem.**”

“Há uma atividade preparada para aquele dia e depois eles estão livres entre aspas e quer dizer,

		e de repente, está-se à espera que estes miúdos cheguem a um 1.º ano e que a aprendam a ler e que aprendam a escrever e que aprendam a pegar numa caneta e que estejam calados. É muito, é muito, é muito. Acho que também é muito importante aquilo que aqui se faz e alguns pais fazem. Eu tive a sorte sabendo que ia ficar com o 1.º ano de no ano passado, ter conhecido alguns miúdos, ter conhecido inclusivamente pais que vieram cá conhecer a escola, que os miúdos me conheceram logo eu conheci-os a eles. Acho que isto também para eles foi uma coisa boa, miúdos que vinham de fora da escola. Acho que isto para eles foi ótimo.”
--	--	---

		“Formalmente, eu não reuni ao longo do ano com as educadoras, mas fomos reunindo e elas foram falando sobre os miúdos que iam passar para o 1.º ano de forma informal. Fomos falando durante o ano todo e há sempre aquelas coisas de olha, estás a ver, vai ser teu ou pode ser teu para o ano. Portanto, formalmente tivemos uma reunião mais no final do ano, ao longo do ano? Não, não há reuniões, não temos reuniões assim, mas lá está normalmente as educadoras acabam por passar a mensagem às colegas que têm 4.º ano, vão passando algumas informações, mas sempre de forma muito informal. Pelo menos é a minha experiência.” Professora M.: “Eu acho que a lateralidade também é importante.”
--	--	--

		“Não, e eles perceberem também que em conjunto ou em conversa em conselho, nós podemos mudar a sala, consoante assugestões também que eles dão. Acho queisso também é importante, imaginem os lugares, nós podemos mudar os lugares todas as semanas e a disposição da sala também, depende do que funciona. Eu achava a minha turma que ia funcionar por grupos, não funciona. A nível comportamental no 1.º ano, na minha turma em grupo, só em grupos não funciona. Já alterei a sala imensas vezes.”
--	--	--

		Professora S.: “Não, não é tão importante eles saberem identificar OAEIOU e os números todos e depois não sabem e reagir a uma birra. Não, não sabem gerir as suas emoções e quando estão frustrados ou à mínima contrariedade choram que nem uns bebés, isso deve, na minha opinião, isso deve ser trabalhado no Pré-Escolar.”
		Professora A.: “Se calhar alargar a idade do Pré- Escolar, para o 1.º Ciclo é que era crucial e entrassem aos seis anos.” Professora S.L.: “Sim, dos seis para os sete. Eu sou a favorsim.”

		Professora V.: (a maturidade) “Está relacionado com as tarefas que fazem em casa e aresponsabilidade que cada pai dá a cada filho. Eu também acho que passa um cadinho por aí, porque se os pais em casa lhes fazem tudo, eles depois chegam à escola, também esperam o mesmo.” “O que eu acho muito violento, principalmente nas primeiras semanas do 1.º ano, é a carga horária. Acho que todas as escolas deveriam ou ter o período só da manhã, porque ao fim, ao cabo, os miúdos estão habituados à maioria do tempo, estarem a brincar ou estarem a fazer tarefas que não requerem assim muita atenção e depois é-lhes logo imposto um horário, das 09:00h às 17:00h, praticamente em que têm que estar sentados o dia todo de lápis na mão. Para mim, isso é de uma violência extrema. É o maior impacto que eu vejo, assim, logo nas primeiras semanas, acho que se devia adaptar o horário para isso, para eles se irem
--	--	---

		habitando gradualmente. Claro que depois, isso também tem a ver com a sensibilidade de cada um e cada colega, não é? Tentar perceber que temos ali crianças de seis anos e não estão a fazer um doutoramento e temos que respeitar principalmente o ritmo de cada um, não é o nosso ritmo, sempre com esse mote na cabeça. Professora I: “É assim, eu da pouca experiência que tivee logo no início deste ano letivo, até a S. ser colocada na turma, neste momento de transição, eu achei que era adequado, mesmo a nível de rotinas e o estar em sala, não haver logo uma mudança muito brusca.”
--	--	--

		“Haver momentos e mesmo a organização da sala estar à mesma, como se tivessem áreas como eles estão habituados na sala de Pré-Escolar e também tentar perceber como é que eram as rotinas no Pré-Escolar para incluir esses momentos também na sala. Eu acho que isso é importante no início, depois, gradualmente, veio-se introduzindo mais as rotinas a nível de 1.º Ciclo e depois, consoante o professor, organizar a sala como acha que é mais adequado à turma. Isso depois vai depender muito de conhecer primeiro a turma e depois adequar o espaço e as rotinas à turma. Não é logo assim, uma coisa fixa, logo no primeiro dia, acho que acho que não.”
--	--	--

Verificar as concepções dos educadores e professores sobre o trabalho colaborativo entresi.	Qual é a importância do trabalho colaborativo entre educadores e professores na transição?	Professora V.T.: “Eu acho que sim. Quando comecei com esta turma, com o 1.º ano, falei muito com as educadoras. Eu acho que elas já os conhecem e que acaba sempre por ser uma mais-valia. Não, não falei só de casos específicos. Falei de todos os que tinham passado aquida nossa pré e acho que é muito importante porque os ficamos a conhecer um bocadinho melhor. Ou seja, não é só aquele caso de necessidades educativas especiais, ou seja, todos os alunos são diferentes e quanto mais informação tivermos deles melhor.” “Quando peguei naquela turma no 1.º ano, sempre que eu tive uma questão com uma criança, por exemplo, cartas ao tribunal, sempre que eu recorri às colegas, tive uma porta aberta.”
--	---	---

		Professora P.: “Eu recebi (feedback) de todos (osalunos), eu fui a única professora do 4.º ano que fiquei cá o ano passado e que agarrei este ano em 1.º ano e eu recebi detodos.” Portanto, eu tive reunião no centro de ondeveio também uma grande parte dos miúdos.Foi dada informação em relação a todosos miúdos.” (...) há informações que chegam e que depois nós vamos a ver e não, não identificamos aquele tipo de comportamento que nos foi que nos foi relatado, mas isto depois, acho que tem a ver com as próprias dinâmicas. Em cada sala, os próprios miúdos. No verão tambémhá miúdos que crescem ou que regridem, mas aquilo que é de facto, importante nós termos esta informação até para a constituição de turmas. Infelizmente, o queacontece é que depois, a nível superior toda esta preocupação que nós temos deum ano para o outro, de fazer esta esta
--	--	---

		transição do Pré-Escolar para 1.º Ciclo, toda esta preocupação que nós temos depois a nível administrativo, esta preocupação cai por terra e as turmas que nós fazemos tendo em conta as informações que nos foram dadas, são completamente desfeitas administrativamente, porque administrativamente os miúdos são apenas números e as turmas podem encher até x alunos e portanto esta informação, esta passagem de informação acontece aqui tem acontecido, mas infelizmente, depois nem sempre se revela proveitosa. Quer para os alunos, quer para nós porque, principalmente, porque a nível administrativo as características das crianças não são tidas em conta para fazer as turmas. O mesmo depois se passa quando eles saem daqui, vão para o 5.º ano. Acho que isso é uma falha brutal do nosso sistema.” Professora A.: “Mas isto aconteceu este ano, porque no nosso
--	--	--

		caso não tivemos esta reunião, portanto, há dois anos, o que te aconteceu quando eu e a M.J. pegamos no 1.º ano foi que houve uma passagem de informação do nosso Pré-Escolar para nós. Os outros, eram todos uma incógnita e é isto que a P. estava a dizer também, de qualquer das formas, aquilo que nos é transmitido das educadoras muitas vezes nós não reconhecemos o que nos está a ser transmitido, não observamos esses comportamentos nos miúdos. No verão que faz eles crescerem, como é óbvio e depois o sair ali do nicho, sair da zona de conforto também faz com que eles tenham que ter outro tipo de comportamento, mas eu acho que faz sentido esta passagem se depois alguém ouvir, alguém a disser: “ah , ok, esta turma tem quatro crianças com necessidades educativas especiais, vai fechar com vinte alunos.”, Mas isso não acontece cá.” “Planificamos as festas e pouco mais. Que era
--	--	---

		benéfico para ambas as partes o 1.ºCiclo e Pré-Escolar termos uma maior atenção e maior cuidado nessa planificação e atividades que não estejam só focadas ali nas festas era muitíssimo bom. “Depende do ponto de vista. Eu acho que sim. No meu ponto de vista, há um trabalho, pelo menos eu sempre senti isso, há um trabalho colaborativo, mas nós somos seres humanos, nunca esquecendo e por muito que tenhamos a vaidade de pensar que somos perfeitinhas e maravilhosas, e conseguimos, muitas vezes há aqui a questão da empatia e a empatia é tramada e nem sempre, se calhar chocamos de frente com aquela colega e às vezes depois é um bocadinho difícil o trabalhar em articulação. O facto, do meu ponto de vista, sinto essa facilidade. É-me fácil trabalhar em articulação com qualquer uma das pessoas que está sentada nesta mesa.” “Uma questão, é a resolução de problemas
--	--	---

		burocráticos, outra coisa é tu teres, porexemplo, como eu tive o ano passado, que é, tenho esta ideia, falo com uma das colegas educadoras e fazíamos ali qualquer atividade em conjunto. Ainda hoje, a J. está aqui a trabalhar na biblioteca e estou a trabalhar em articulação com a J. O que está na biblioteca tem sido trabalhosfeitos pela minha turma, em articulação e oano passado fazia isso, não era com muita frequência, mas acontecia agora perguntarem, mas fazes isso com todos? Não.” Professora V: “Fizemos uma primeira atividade, maspara o Pré-Escolar não, foi 4.º ano com 1.º ano. (padrinhos).” “Eu acho que depende da disposição decada pessoa. Chegar ao pé da outra pessoa e dizer que está a pensar num projeto e que era engraçado fazer e tu tens de ter esse esse ponto.”
--	--	--

		Professora S.L.: “Há essa abertura, mas o que eu percebi da pergunta foi se, nesta escola, havia um momento de articulação entre a pré e o 1.º Ciclo, eu acho que também não há.” “Sim, o ir à procura. Não estou a dizer quenão há abertura, mas haver uma articulação real entre o Pré-Escolar e o Primeiro Ciclo não há, do meu ponto de vista, não há. Não temos um timing, não temos umas reuniões em que setransmite. Eu, por exemplo, se eu sou só do 1.º Ciclo, não tirei como algumas colegas agora novas do mestrado de pré e 1.º Ciclo. Eu há muitas coisas que se eu quisesse saber, eu vou procurar por mim, porque eu não faço ideia do que é que é dado no pré. Para mim, acho que não há essa articulação agora depois querer fazer um trabalho ao outro pontualmente temos colegas 5 estrelas do Pré-Escolar que poderemos fazer, mas a articulação não é isso para mim. Acho que a articulação é haver mesmo um trabalho
--	--	--

		colaborativo.”
--	--	-----------------------

Questões	Segmentos da Entrevista
Qual é a sua formação académica?	A minha formação é em Educação Básica, 1.º Ciclo. Em relação ao meu percurso profissional, portanto, eu iniciei a faculdade, aos dezassete anos, terminei aos vinte um. No ano seguinte, comecei logo a exercer. Primeiro, comecei como explicadora, porque ainda não tinham saído os concursos nacionais. Portanto, no ano a seguir é que fiquei e a partir daí fiquei sempre como professora titular, como professora de apoio, maioritariamente professora titular com um grupo e portanto, na totalidade destes vinte e um anos de serviço, tive em catorze escolas e num colégio privado. E, portanto, sempre tive ligada à educação e sempre tive a exercer esta atividade profissional.
Há quanto tempo é que está nesta instituição?	Ah, desde 2017, 2018. Portanto, seis, sete anos.

Objetivos específicos	Sub-questões	Segmentos da Entrevista
Compreender os conhecimentos e as concepções dos educadores e professores sobre o processo de transição da PE para o 1.º CEB;	Qual é o impacto que a transição do Pré-Escolar para o 1.º Ciclo do Ensino Básico tem na aprendizagem dos alunos no 1.º Ciclo do Ensino Básico? Quais são as percepções que os professores e educadores têm sobre o	“Esta transição é essencial, é vital mesmo , porque lá está, se não estivesse aqui uma, transição feita adequada e se não houver uma articulação, obviamente que depois tem repercussões no 1.º Ciclo, e isso é de evitar , não é porque lá está tem
Identificar estratégias que os educadores e professores utilizam para uma melhor transição para o 1.º CEB;	Quais são as estratégias/mecanismos utilizados no processo de transição? Quais as principais competências que devem/são trabalhadas no processo de transição?	que haver uma preparação, tem que haver aqui → “Nós temos reuniões semanais , são as um cuidado nestapassagem. ” nossas reuniões de equipa em que a “A verdade é que se não houver essa articulação, equipa é formada pelas professoras e tem um grande impacto nas crianças, eles pelas educadoras e, portanto, ao longo do podem ficar muito mais inseguros e depois ano, vão logo espelhando as suas turmas as têm repercussões a nível das aprendizagens. suas preocupações ou vão dando o Portanto, esta transição deverá ser feita, esta feedback dos alunos e logo aí articulação deverá ser efetiva para que as os crianças não sofram tanto, porque, mesmo sendo professores do 1.º Ciclo já vão uma idade parecida, tão próxima em que familiarizados com os nomes daquelas deveria ser mais ou menos as mesmas, a crianças. Portanto, para além mesma continuidade do Pré-Escolar para o 1.º dessas ano. A verdade é que se não houver esta atenção, reuniões que nós temos semanais, tem poderá ter aqui consequências um bocadinho também as reuniões no final do ano que drásticas no bem-estar da criança e no seu fazem para conhecer as crianças e no início desenvolvimento. ”

do ano letivo, quando já são os titulares da turma e recebem as crianças das educadoras do ano transato. Portanto, fazem essas reuniões, passam os processos e falam um bocadinho das crianças. Mas para além disso, vamos tendo algumas **atividades conjuntas** em que, por exemplo, as **crianças do Pré-Escolar sobem às salas do 1.º Ciclo, sentam-se, veem como é que é a dinâmica.** Temos **horas do conto em que são as crianças do 1.º Ciclo**, que descem e estão a dinamizar uma atividade com os colegas e acabam por estarem ali a conviver e a educadora e a professora também. Temos as **atividades comuns do PAA** (Plano Anual de Atividades), portanto são atividades em que se junta o Pré-Escolar com o 1.º Ciclo, depois há o **apadrinhamento** também dos meninos do 1.º Ciclo, aos que chegam do Pré-Escolar, que ingressam no 1.º ano.”

		“Este ano tive o cuidado porque lá está é, eu fui professora nesta escola antes de ser coordenadora, portanto a minha realidade aqui também é muito de ainda enquanto professora de tentar modificar algumas coisas que eu achava que não estavam corretas e, portanto, esta era uma delas, em que me fazia aqui alguma confusão não conhecer as crianças que vinham de escolas aqui da nossa freguesia e que nós até temos alguma ligação e temos alguma relação e comunicamos. Portanto, para colmatar esta falha este ano que passou, no final do ano letivo 2022/2023 pedi uma reunião com os coordenadores pedagógicos dessa escola para tentar também perceber como é que eram as crianças, quem é que vinha, para que pudéssemos fazer as turmas de uma forma equilibrada, podendo responder assim, às necessidades de cada um. E pronto, e fazemos também as visitas aos pais. Andam livremente pelo espaço,
--	--	--

		questionam. Também queremos muito que se sintam aqui à vontade e que sintam que podem confiar. Portanto, se os pais tiverem essa confiança é meio caminho andado também para as crianças serem confiantes.” “No final do ano, há essa reunião de final do ano e há a do princípio do ano. Normalmente são as educadoras que sobem ao 1.º Ciclo para entregar os processos e acabam por falar com os professores individualmente, sobre os diversos casos. Mas é sempre no final e no início do ano, se bem que no final nunca temos muitas certezas se a criança vai para que pudéssemos fazer as turmas de uma forma equilibrada, podendo responder assim, às necessidades de cada um. E pronto, e fazemos também as visitas aos pais. Andam livremente pelo espaço, questionam. Também queremos muito que se sintam aqui à vontade e que sintam que podem confiar. Portanto, se os pais tiverem essa confiança é meio caminho andado também para
--	--	---

		as crianças serem confiantes.” “No final do ano, há essa reunião de final do ano e há a do princípio do ano. Normalmente são as educadoras que sobem ao 1.º Ciclo para entregar os processos e acabam por falar com os professores individualmente, sobre os diversos casos. Mas é sempre no final e no início do ano, se bem que no final nunca temos muitas certezas se a criança vai conseguir vaga ou não ou ter a transferência que deseja ou não. Portanto é assim uma reunião mais geral, mas a de início do ano, com as turmas já formadas e com os processos fechados, sim, há essa reunião e há esse cuidado.” Nem sempre é fácil, porque lá estão várias valências diferentes, com exigências diferentes e, portanto, o 1.º Ciclo já obedece aqui a um programa que tem que cumprir aos conteúdos que tem que cumprir, logo aí é mais difícil estarmos a criar atividades em que se façam essas dinâmicas. Fazem as dinâmicas de escola, fazem as horas de
--	--	---

		contos, fazem algumas, mas uma de estar marcada efetivamente é mais complicado, sim, mas não é nada que não possamos estar abertos a isso. Será uma ideia, por exemplo, para colocar à equipa.” “Eu acho que é fundamental trabalhar-se aqui algumas competências, porque depois são logo notórias no 1.º ano se têm ou não têm, nomeadamente, a aquisição de regras, se tem a lateralidade definida ou não, a motricidade, o saber estar em sala percebe-se logo quando a criança já vem com essas regras aprendidas ou não e depois trabalhar muito também a maturidade, porque há crianças que chegam ao 1.º ano e que não têm a maturidade suficiente para estar no 1º. Ciclo.”
--	--	--

Verificar as concepções dos educadores e professores sobre o trabalho colaborativo entre si.	Qual é a importância do trabalho colaborativo entre educadores e professores na transição?	“Isto é muito engraçado, porque eu já estou aqui há alguns anos e a verdade é que tem havido uma grande evolução. Isto respondendo à sua pergunta, a resposta é sim, claramente que sim, mas tem sido um trabalho que tem sido feito ao longo dos anos e normalmente os professores que vão iniciar o 1.º ano que sejam da casa, porque isto também é importante que se diga, porque podem não ser professores da casa e podem ser professores em situação precária. A verdade é que estes professores se forem da casa, têm um máximo de cuidado e atenção em começar logo, desde cedo a articular com os as educadoras.” “Sem dúvida, sem dúvida, porque só assim é que faz sentido. Nós não podemos pensar em nós, temos que pensar é nas crianças, porque o nosso trabalho é o sucesso delas.
---	---	--

		Portanto, só faz sentido se houver esta articulação, porque nós não vivemos em ilhas, portanto, acho que tem que haver aqui uma comunicação efetiva para o bem de todos, para o bem das famílias, mas sobretudo, para o bem destas crianças. Para que a transição seja uma transição tranquila para que seja uma transição calma, em que todos estejam bem, porque se a criança não estiver bem, a família claramente não está, a professora ou o professor não está e a educadora que deixa aquela criança também não está. Portanto, vamos tentar minimizar aqui o mal-estar e as inseguranças fazendo uma articulação para que todos estejam bem.”
--	--	--

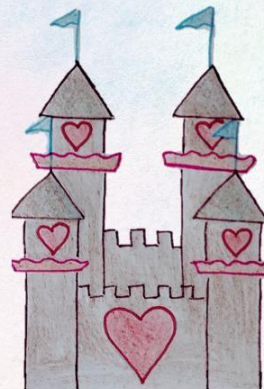
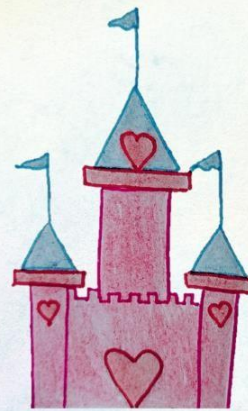
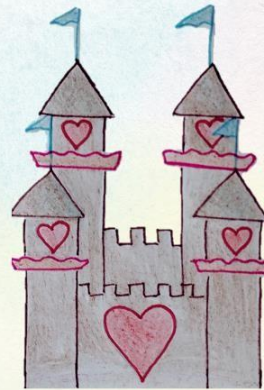
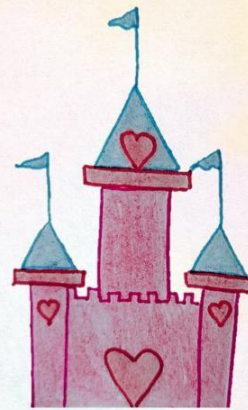
Anexo XII– Livro infantil: “Era uma vez, uma aventura até à escola dos crescidos”

ERA UMA VEZ

Uma aventura até à escola dos crescidos!



Carolina Belo Gomes
2024





Para as minhas estrelinhas que
estarão sempre comigo.
Serão para sempre luz no meu
caminho.



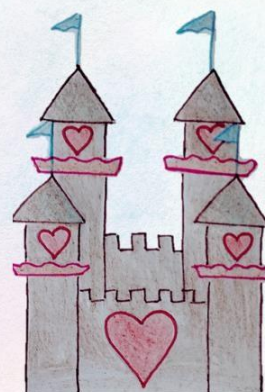
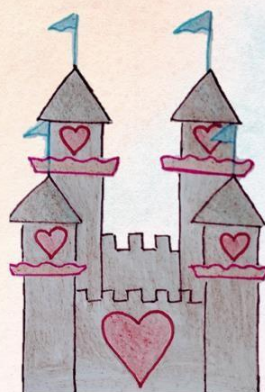
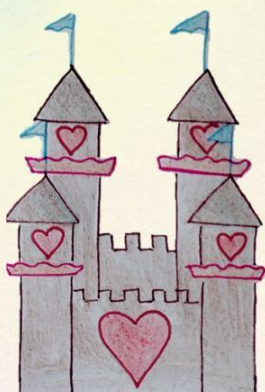
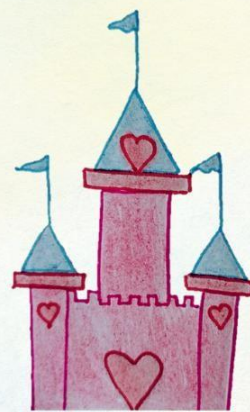
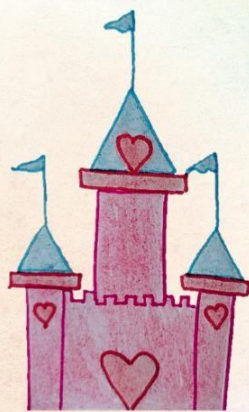
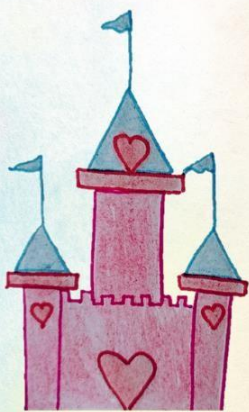
Título: Era uma vez, uma aventura até à escola
dos crescidos.

Autora: Carolina Belo Gomes

Ilustrações: Carlos Gomes e Carolina Belo Gomes
(algumas imagens foram retiradas do Canva)

Esta história tem direitos de autor e imagem.

Era uma vez
Uma aventura até à escola dos
crescidos



Chegou a época do ano que eu mais gosto! O Verão!

Nesta altura, na sala dos aventureiros, fazemos imensas atividades giras, brincamos com água, fazemos piqueniques no jardim, comemos gelados e muitas outras coisas muito divertidas! Contudo, a minha atividade preferida é a hora do conto, adoro conhecer novas histórias.



Ah! Desculpem, esqueci-me de me apresentar, o meu nome é Carolina, tenho cinco anos e sou uma aventureira.



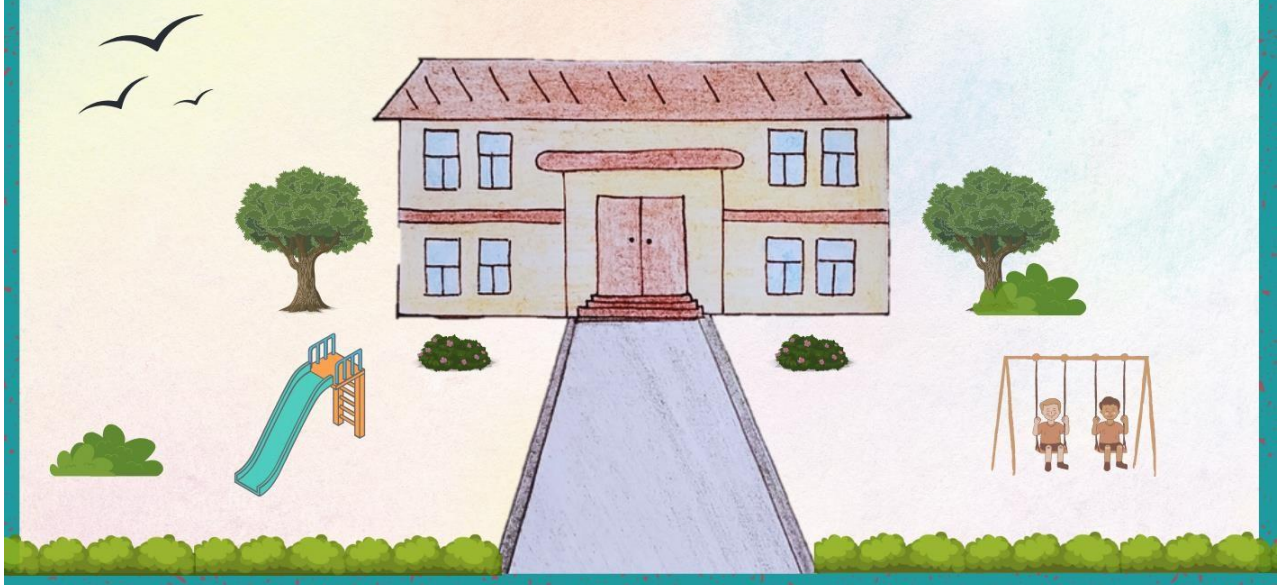
Por falar em estar crescida, a Cristiana e os meus pais têm estado a falar de uma coisa, constantemente, mas eu não consigo perceber muito bem, estou um pouco confusa.



A Cristiana, na hora do conto, tem falado muitas vezes sobre estarmos mais crescidos e que por esse motivo, vamos conhecer novos amigos, um professor ou uma professora nova e uma escola nova, a escola dos crescidos.

Os meus pais já foram ver comigo três escolas (todas elas incríveis e enormes, têm tantos meninos!).

Ouvi a minha mãe a dizer ao meu pai que está muito preocupada, mas porque será?



Ao ver tanta agitação estava a ficar muito ansiosa e com algum medo.

Tinha tantas perguntas:

- Porque é que tinha que mudar de escola?
- Será que a escola vai ser igual a esta?
- Será que vou ser capaz de aprender a ler e a contar?
- Será que os meus amigos vão comigo?

Tantas outras perguntas que me passavam pela cabeça.



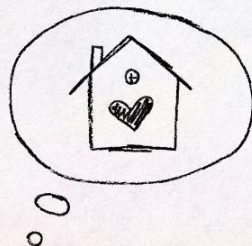
Para ajudar a responder às minhas perguntas, decidi falar com a minha prima no fim de semana, na casa dos avós, pois ela já é muito crescida, tem 7 anos e anda no 2.º ano de escolaridade.

Estava muito nervosa, será que eu ia gostar do que ela me ia contar?



Chegou o grande dia! O dia de ir para casa dos avós! O dia em que ia esclarecer todas as minhas dúvidas.

Quando eu e os meus pais chegámos, os meus tios e a minha prima já tinham chegado.



- Olá Camila! Como estás? Tenho tantas perguntas para te fazer!

- Olá Carolina! Estou bem e tu? Que perguntas é que queres fazer? Depois vamos brincar?



- Estou um pouco nervosa. Tenho ouvido a Cristiana e os meus pais a dizerem que para o ano vou para a escola dos crescidos, mas eu tenho algum medo, porque eu não sei o que é....

Rapidamente a Camila responde feliz:

- Carolina, tu vais ADORAR a escola dos crescidos.

A escola dos crescidos tem espaço para correremos, aprendemos a ler (no início é um pouco complicado, mas depois conseguimos ler tudo sem precisarmos de ajuda), tem imensos amigos novos, poderás ter um padrinho ou uma madrinha do 4.º ano para te ajudar no que precisares. Eles são os mais crescidos!

Vais ter um professor ou professora, que irá ajudar-te em tudo o que precisares e que vai ensinar-te coisas muito divertidas e importantes.

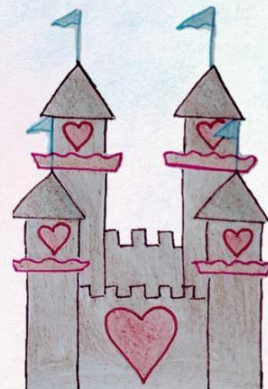
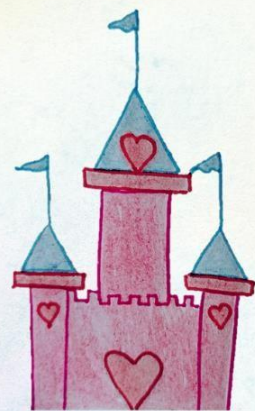
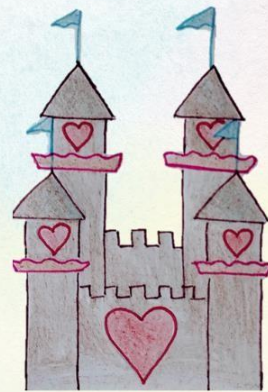
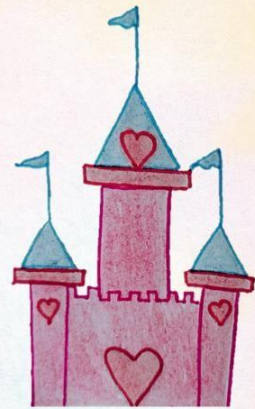
E eu estarei cá, para tudo o que precisares, nunca estarás sozinha.

Ao ouvir tudo o que a Camila contou, a Carolina ficou muito mais calma e feliz. Todas as suas preocupações tinham desaparecido.

A Carolina, a partir daquele momento, já só pensava no seu primeiro dia de aulas e em como queria que chegasse rapidamente.







Mensagem para todos os profissionais de educação

A transição é encarada, sentida e experienciada de forma única por cada criança. As suas características, as experiências que vivenciou, o seu contexto familiar, as aprendizagens que adquiriu e a forma como adquire novos conhecimentos são fatores que transformam este processo único para cada criança e respetiva família.

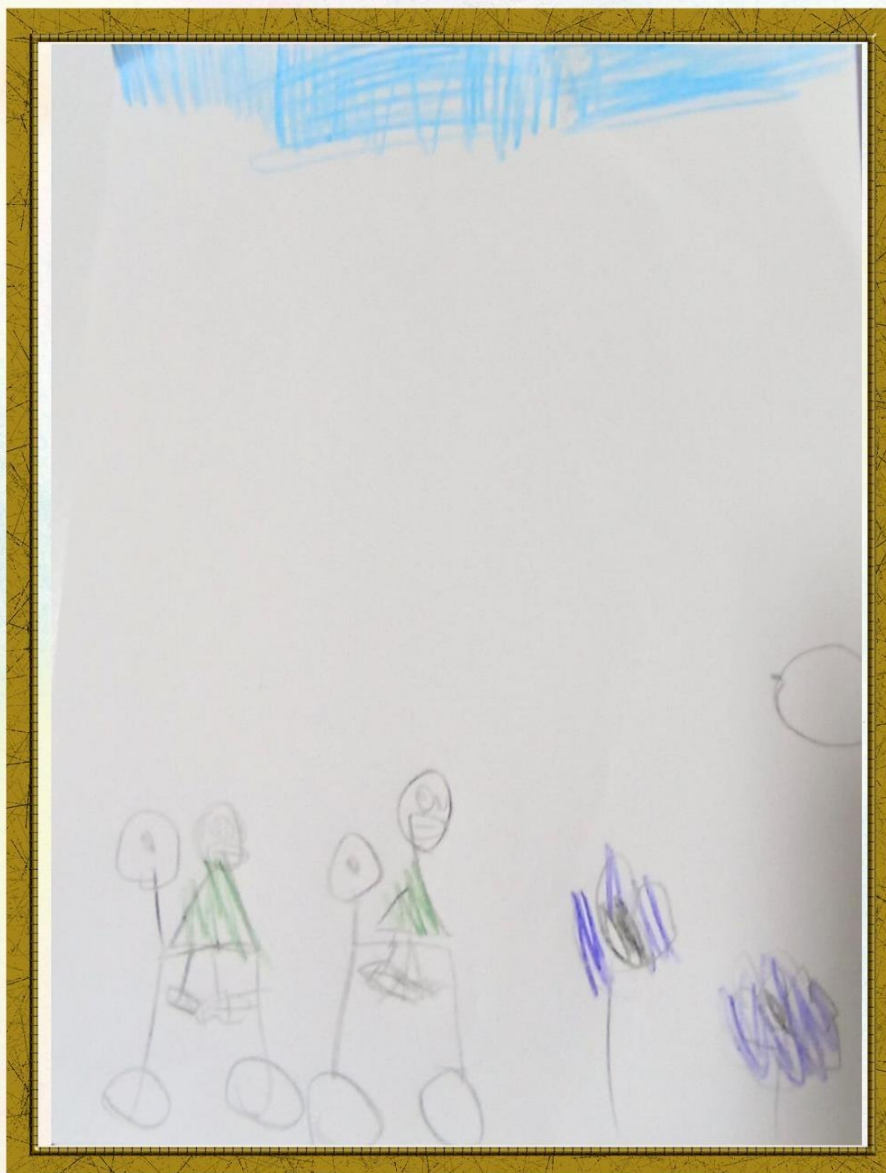
A forma como a transição é planeada e executada tem influência na vida das crianças e no seu percurso escolar, influenciando a sua capacidade de aprender, os seus comportamentos, as suas emoções, no fundo, a sua personalidade. Uma transição realizada de forma equilibrada e positiva, proporcionará inúmeros momentos de aprendizagem significativos para as crianças, para as suas famílias e para todos os intervenientes educativos. A literatura defende que se tivermos consciência da forma como devemos atuar, a transição será sentida como algo muito positivo, sendo um estímulo para o desenvolvimento integral da criança.

As crianças que vão para o 1.º Ciclo do Ensino Básico, encaram esta transição como um novo estatuto, um salto do mundo dos pequeninos para o mundo dos crescidos, trazendo a oportunidade de aprender coisas dos crescidos, como escrever e ler. Na maioria das vezes, as crianças demonstram alguns receios, pois vão vivenciar uma experiência nova que traz consigo uma grande expectativa.

Todas as crianças são diferentes, tal qual como o seu processo de transição, exigindo assim uma maior atenção e sensibilidade por parte de todos os intervenientes, educadores, professores e famílias.

Um trabalho colaborativo entre todos, é a chave para um transição significativa.

O 1.º dia de aulas da Carolina



Resumo

A Carolina é uma aventureira que está com receio da transição para o 1.º ano de escolaridade, pois é algo que não conhece.

Após conversar com a sua prima Camila, descobre que o 1.º CEB é um verdadeiro mundo de descobertas, daquelas que nos fazem felizes.



Era uma vez... uma aventura até ao 1.º Ciclo.

Um livro digital, para todos os que fazem parte da grande aventura que é a transição do Pré-Escolar para, o mundo dos crescidos, o 1.º Ciclo do Ensino Básico.



Uma aventura até ao 1.º Ciclo!

Um livro digital, para todos os que fazem parte da grande aventura que é a transição da Educação Pré-Escolar para, o mundo dos crescidos, o 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Carolina Belo Gomes
2024





Era uma vez, uma aventura até ao 1.º Ciclo

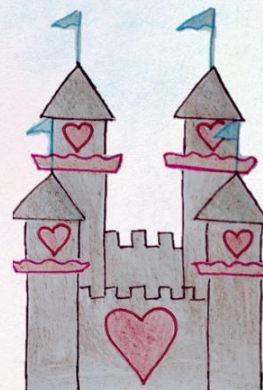
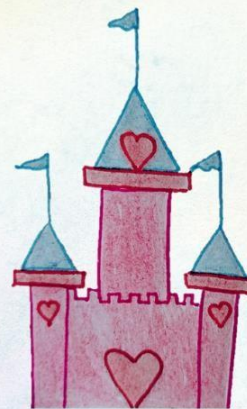
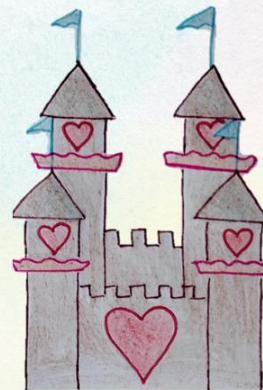
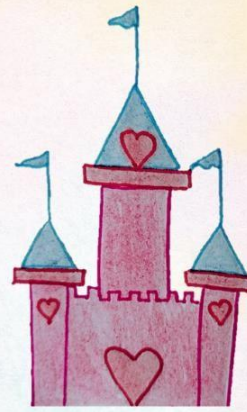
Um livro digital, para todos os que fazem parte da grande aventura que é a transição da Educação Pré-Escolar para, o mundo dos crescidos, o 1.º Ciclo do Ensino Básico.

EMAIL

cbg.edu@gmail.com

Caderno de atividades: "Era uma vez, uma aventura até ao 1.º Ciclo" está licenciado sob CC BY-NC 4.0. Para ver uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>

2024



Apresentação

Aquilo que somos hoje, é o reflexo da nossa infância, de quem passou por nós, das palavras carinhosas que ouvimos, das festas na cara que nos deram, das vezes que ouviram com atenção aquilo que dissemos, entre tantas outras coisas. Todas as nossas vivências moldam aquilo que pensamos de nós, aquilo que pensamos dos outros, a forma como lidamos com as nossas emoções, com as dificuldades da vida e a forma como olhamos para o mundo.

A transição da Educação Pré-Escolar para o 1.º Ciclo do Ensino Básico, é encarada como um novo ciclo na vida das crianças, uma promoção para o mundo dos crescidos. Esta transição representa inúmeras mudanças, seja na rotina, no estabelecimento de ensino, na mudança do professor e dos colegas de sala.

Tendo em conta a literatura existente sobre o processo de transição da Educação Pré-Escolar para o 1.º ano de escolaridade, compreende-se que é determinante que todos os intervenientes estejam bem informados sobre este processo, pois o trabalho colaborativo é fundamental. Os educadores de infância são cruciais no decorrer deste processo, pois podem diversificar e adequar as suas práticas a cada criança, de modo a facilitar todo este processo.

De forma a apoiar este processo de transição da Educação Pré-Escolar para o 1.º ano de escolaridade, a investigadora Carolina Belo Gomes escreveu um livro para crianças, intitulado por: “Era uma vez, uma aventura até à escola dos crescidos”, que está relacionado com o presente livro digital. Este contempla um conjunto de propostas, com sugestões de dinâmicas, em que o principal objetivo é orientar o Educador/a na realização de atividades de forma a apoiar esta transição, envolvendo todos os intervenientes, a comunidade escolar, as famílias, os professores e os alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Estas propostas podem ser adaptadas a qualquer contexto educativo.

Deseja-se a todos, uma ótima leitura.

LEMBRE-SE QUE:

Independentemente de tudo, as crianças precisam sempre de toda a nossa dedicação, compreensão, disponibilidade, respeito e sobretudo o nosso amor.

As crianças merecem o melhor de nós.

Janeiro

1.ª proposta



Leitura da história: “Era uma vez, uma viagem até à escola dos crescidos”



Objetivos

- Abordar a temática do processo de transição para o 1.º ano de escolaridade com as crianças;
- Promover o diálogo e a reflexão sobre a transição.



Metodologia

No decorrer da dinâmica, as crianças devem permanecer no local onde costumam ouvir as histórias.

O/a Educador/a deve ler a história: “Era uma vez, uma viagem até à escola dos crescidos.

Após a leitura da história, devem ser realizadas algumas questões às crianças, de modo a perceber como se sentem e o que perceberam da história, tais como: Porque é que a Carolina tinha tantas perguntas? Como é que ela se sentia? Porque é que ela decidiu falar com a prima? Como é que a Carolina ficou a sentir-se depois de falar com a prima?



- Identificar os sentimentos/emoções dos personagens.
- Refletir sobre o que foi novidade ou o que já conheciam e sabiam sobre a escola dos crescidos.

➔ Articulação com as famílias

- Propor às famílias que abordem com as crianças como foi o seu primeiro dia de aulas, como era a sua escola e as coisas que gostavam mais e alguma situação de que se recordam e que considerem importante partilhar.

As crianças em conjunto com as suas famílias podem fazer um desenho do que lhes foi contado, para posteriormente trazerem esses testemunhos para a sala e partilhar com o grupo.

No caso da escola ter a valência da Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico



Pedir a um aluno de cada ano de escolaridade (1.º ano, 2.º ano, 3.º ano e 4.º ano), que fale sobre a sua experiência na escola com as crianças que vão para o 1.º ano de escolaridade.



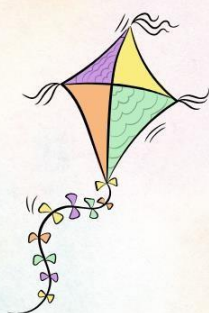
Sabias que um dos potenciais da leitura é o de alargar experiências?

Janeiro

2ª proposta



Moral: Vamos para o 1.º ano, a escola dos crescidos!



Objetivos

- Conhecer a visão do grupo sobre a sua transição para o 1º ano de escolaridade;
- Compreender o que as crianças estão a sentir;
- Identificar eventuais dúvidas que as crianças sintam.

Metodologia

No decorrer da dinâmica, as crianças devem iniciar a atividade no local onde costumam ser lançadas as atividades e depois devem passar para o local onde realizam os trabalhos manuais.

Esta dinâmica deve iniciar com uma conversa com o grupo, em que deve ser explicado porque é que existe esta transição, as semelhanças e as diferenças entre as valências e todas as questões que surgirem.

Após esta conversa, cada criança escolhe o desenho que quer fazer para depois construírem o moral.

Sugestões

- Identificar como as crianças se sentem em relação à transição;
- Esclarecer as dúvidas existentes;
- Identificar as mudanças;
- Construção do moral.

Articulação com as famílias

- Convidar as famílias para irem à escola verem o moral com as crianças.

No caso da escola ter a valência da Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico



Mostrar o moral em cada sala do 1.º ciclo.



Sabias que...

Atualmente, a literatura refere que é crucial dar uma voz ativa às crianças, devendo ser incluídas em todo o seu processo de aprendizagem, nomeadamente no processo de transição da Educação Pré-Escolar para o 1.º Ciclo do Ensino Básico.



Vamos para o 1.º ano, a escola dos crescidos!

Porque é que vamos transitar para o 1.º Ciclo?

Desenho

Desenho

Desenho

Desenho

Desenho

Quais são as principais diferenças entre as duas valências?

Desenho

Desenho

Desenho

Desenho

Desenho

Quais são as principais semelhanças entre as duas valências?

Desenho

Desenho

Desenho

Desenho

Desenho

O que gostávamos de aprender?

Desenho

Desenho

Desenho

Desenho

Desenho

Como é que é a escola dos crescidos?

Desenho

Desenho

Desenho

Desenho

Desenho

Nota: Por baixo de cada desenho, deve constar uma descrição do que a criança desenhou.

Fevereiro

3.ª proposta



Realização do jogo: "Sinto-me assim..."



Objetivos

- Compreender o que as crianças estão a sentir;
- Identificar em que aspetos as crianças precisam de apoio.



Metodologia

A dinâmica deve decorrer num sítio amplo, como por exemplo num ginásio. Primeiramente, deverá ser explicado às crianças as regras do jogo e os seus objetivos. Quando o/a educador/a fizer uma pergunta dos cartões do jogo, as crianças terão que se colocar em frente à emoção ou sentimento que representa o que estão a sentir relativamente à afirmação ou pergunta. As imagens com as emoções e sentimentos deverão ser impressas em A3. No decorrer da dinâmica deverão estar palhadas no chão.

De forma a que o/a educador/a consiga fazer o registo das emoções e sentimentos selecionados pelas crianças, deverá preencher uma folha de registo com a quantidade de alunos que optaram por cada emoção ou sentimento em determinada pergunta.



O processo de transição da Educação Pré-Escolar
para o 1.º Ciclo do Ensino Básico

Jogo: “Sinto-me assim...”



Pré-Escolar



Como te sentes
quando pensas que
vais aprender a ler?





Como te sentes
quando ouves que
para o ano vais para
a escola dos
crescidos?



Como te sentes
quando pensas que
vais ter amigos
novos?





Como te sentes
quando pensas que
alguns amigos podem
ir para outra escola?



Como te sentes
quando pensas que
para o ano vais para
a sala dos
crescidos?





Como te sentes
quando pensas que
para o ano terás
outro/a professor/a?



Lembra-te, na escola
dos crescidos vais
aprender coisas
novas, conhecer
amigos novos e ser
muito feliz!





Alegre



Assustado



Orgulhoso



Triste



Calmo



Envergonhado



Surpreso



Empolgado



Confuso



Zangado

Jogo: "Sinto-me assim..."

Registo das respostas das crianças

Perguntas	Emoções / sentimentos							
								
	Número de alunos que escolheram a emoção ou sentimento							
Como te sentes quando ouves que para o ano vais para a escola dos crescidos?								
Como te sentes quando pensas que vais aprender a ler?								
Como te sentes quando pensas que vais ter amigos novos?								
Como te sentes quando pensas que alguns amigos podem ir para outra escola?								
Como te sentes quando pensas que para o ano vais para a sala dos crescidos?								
Como te sentes quando pensas que para o ano terás outro/a professor/a?								
Como te sentes quando pensas que para o ano poderás ir para outra escola?								



Fevereiro

4.ª proposta



As perguntas que eu tenho: construção de um material para assentar as respostas dos alunos do 1.º ano de escolaridade.



Objetivos

- Compreender que perguntas é que as crianças têm sobre o processo de transição;
- Construir um material para as crianças desenharem a resposta às suas dúvidas.

Metodologia

Esta dinâmica deverá ser realizada no local onde as crianças costumam realizar os trabalhos manuais.

O/a educador/a deve ajudar a criança a construir um material, seja com jornal ou com outro material que possibilite uma maior envolvência na proposta seguinte.

A criança poderá criar um livro, em que com ajuda, coloca as suas dúvidas e ideias para posteriormente preencher com o colega do 1.º ciclo.

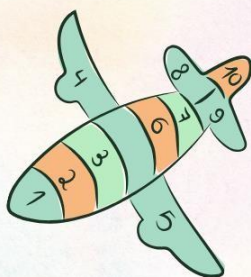
A família poderá apoiar a criança na construção deste material.

Março

5.ª proposta



Uma visita à escola dos crescidos



Objetivos

- Proporcionar um maior conhecimento sobre o contexto do 1.º CEB;
- Apoiar as crianças na sua transição, tornando-a positiva;
- Promover um sentimento de pertença.



Metodologia

Esta dinâmica consiste na visita das crianças que vão para o 1.º ano a uma escola do 1.º ciclo. Se na sua escola houver as duas valências, as crianças que vão para o 1.º ano poderão ir às salas do 1.º CEB.

Inicialmente as crianças deverão apresentar-se para que todos se conheçam.

Posteriormente, formar-se-á pares, em que os alunos mais crescidos irão ajudar os alunos mais pequenos a preencher o seu caderno, tirando as suas dúvidas e dizendo algumas curiosidades.

Sugestões

- É crucial que os educadores e os professores tenham em conta os seguintes aspetos:
 - A atividade deve ser supervisionada de forma ativa;
 - As instruções devem ser claras;
 - As crianças mais velhas devem perceber de forma clara a importância do seu papel;
 - Ter em conta as características de cada criança quando elaborarem os pares.

Posteriormente

- Falar com as crianças sobre o que observaram, como se sentiram, o que mais gostaram, o que que suscitou algum receio.
- Refletir sobre as diferenças, o que é idêntico, o que foi novidade ou o que já tinham conhecimento sobre a escola.



Abril

6.ª proposta



O 1.º Ciclo vem à nossa escola: Caça ao tesouro

Sugestão: realizar a atividade dia 6 de abril, pois é o dia Mundial da Atividade Física.



Objetivos

- Proporcionar um maior conhecimento sobre o contexto do 1.º CEB;
- Apoiar as crianças na sua transição, tornando-a positiva;
- Promover um sentimento de pertença.

Metodologia

Esta dinâmica deverá ser elaborada pelas crianças que vão para o 1.º ano, para realizar a mesma com uma turma de 1.º ano.

O objetivo será que o grupo, em conjunto, selecione diversos jogos tradicionais para realizar com a outra turma. Deverão também fazer um desenho em grande escala para transformarem o mesmo num puzzle.

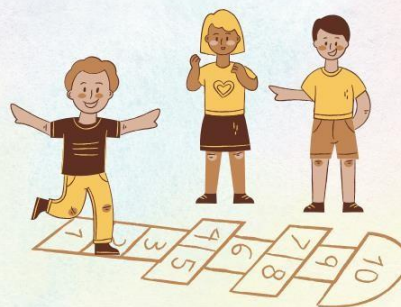
No dia da realização da dinâmica, as turmas devem estar divididas em grupos e cada grupo realizará diferentes jogos tradicionais. Em cada jogo, estarão escondidas uma ou mais peças do puzzle.

No fim, os grupos devem juntar-se e formar o puzzle, descobrindo o tesouro.

Sugestões

Exemplos de jogos tradicionais:

- Jogo da cabra cega;
- Corrida de sacos;
- Jogo da macaca;
- Jogo do lenço;
- Dança das cadeiras;
- Corda humana;
- Corrida do ovo na colher.



- ➔ O desenho para o puzzle poderá ser realizado em papel de cenário e depois deverá ser plastificado, para que não se estrague. Este deve identificar o tesouro que será escolhido pelo grupo.

O jogo contribui para o desenvolvimento global da criança, favorecendo desta forma a autonomia e a autoconfiança.

Abril e Maio

7.ª proposta



Construção de um portfólio: Informações sobre mim.



Objetivos

- Criar um documento com informações das crianças;
- Facilitar a transição;
- Apoiar os profissionais de educação e as famílias.

Metodologia

Por norma, os processos das crianças são enviados para o professor do 1.º ano, para que este tenha alguma informação sobre o aluno.

E se o fizéssemos de uma forma divertida? E se a família e a criança fizessem parte da construção deste portfólio?

O portfólio deve ter diversas informações que a criança considere pertinente, tal como, o nome, idade, data de nascimento, a sua fotografia, o que mais gosta de fazer, entre outros.

Sugestões

- A linguagem usada deve ser clara e concisa;
- Deve ter como base uma abordagem positiva e centrar-se nos aspetos mais positivos;
- Podem ser identificadas as áreas que as crianças necessitam de mais acompanhamento, mas sem enfatizar muito as suas dificuldades.

➔ Articulação com as famílias

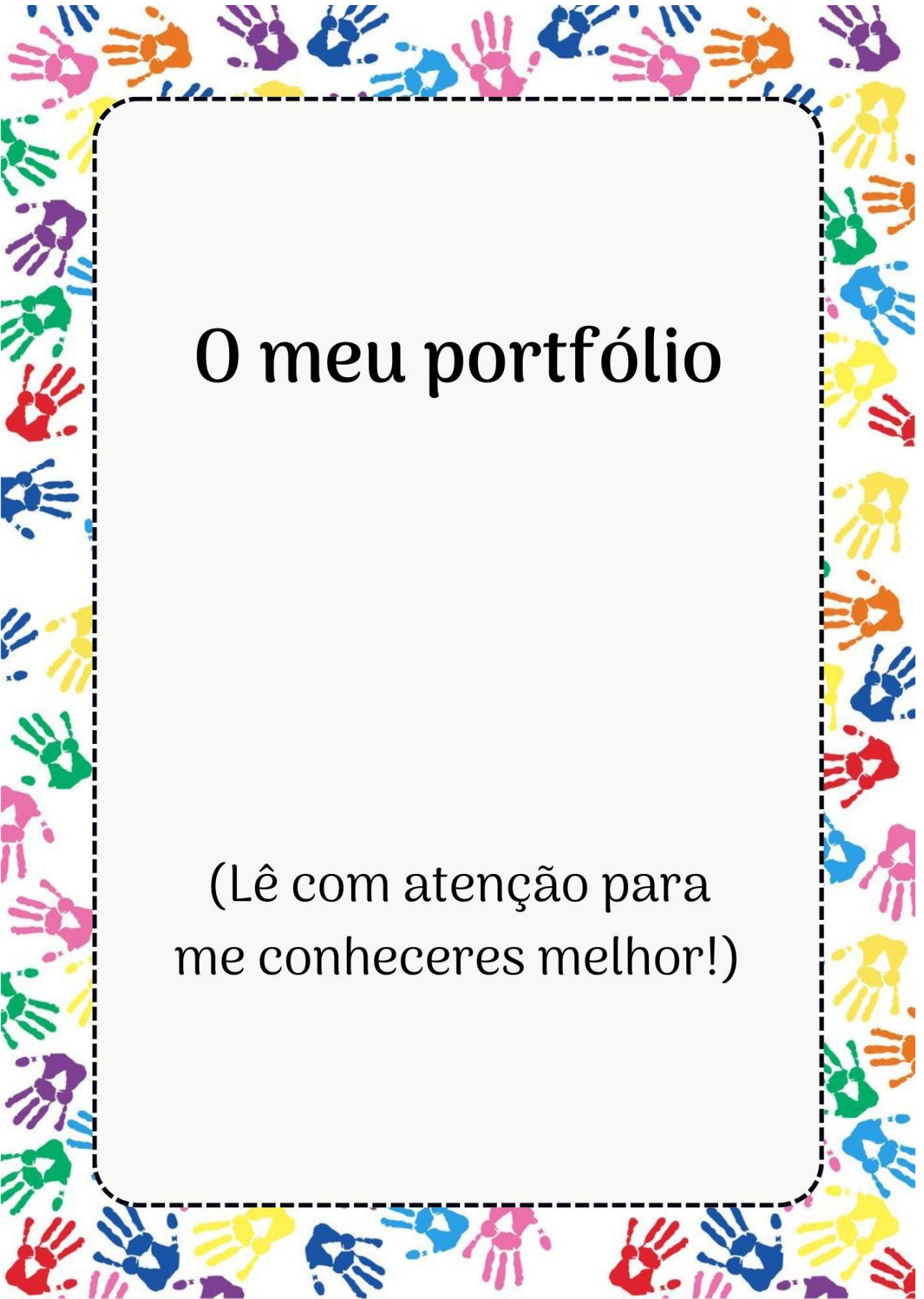
- Convidar as famílias para ajudarem as crianças a preencherem o portefólio.



É imprescindível que as aprendizagens que foram sendo adquiridas ao longo do Pré-Escolar façam parte de um processo contínuo e que sejam consolidadas no 1.º ano de escolaridade, isto só é possível se os Educadores e os Professores realizem um trabalho colaborativo, com base no diálogo, planeamento de estratégias e entreajuda.

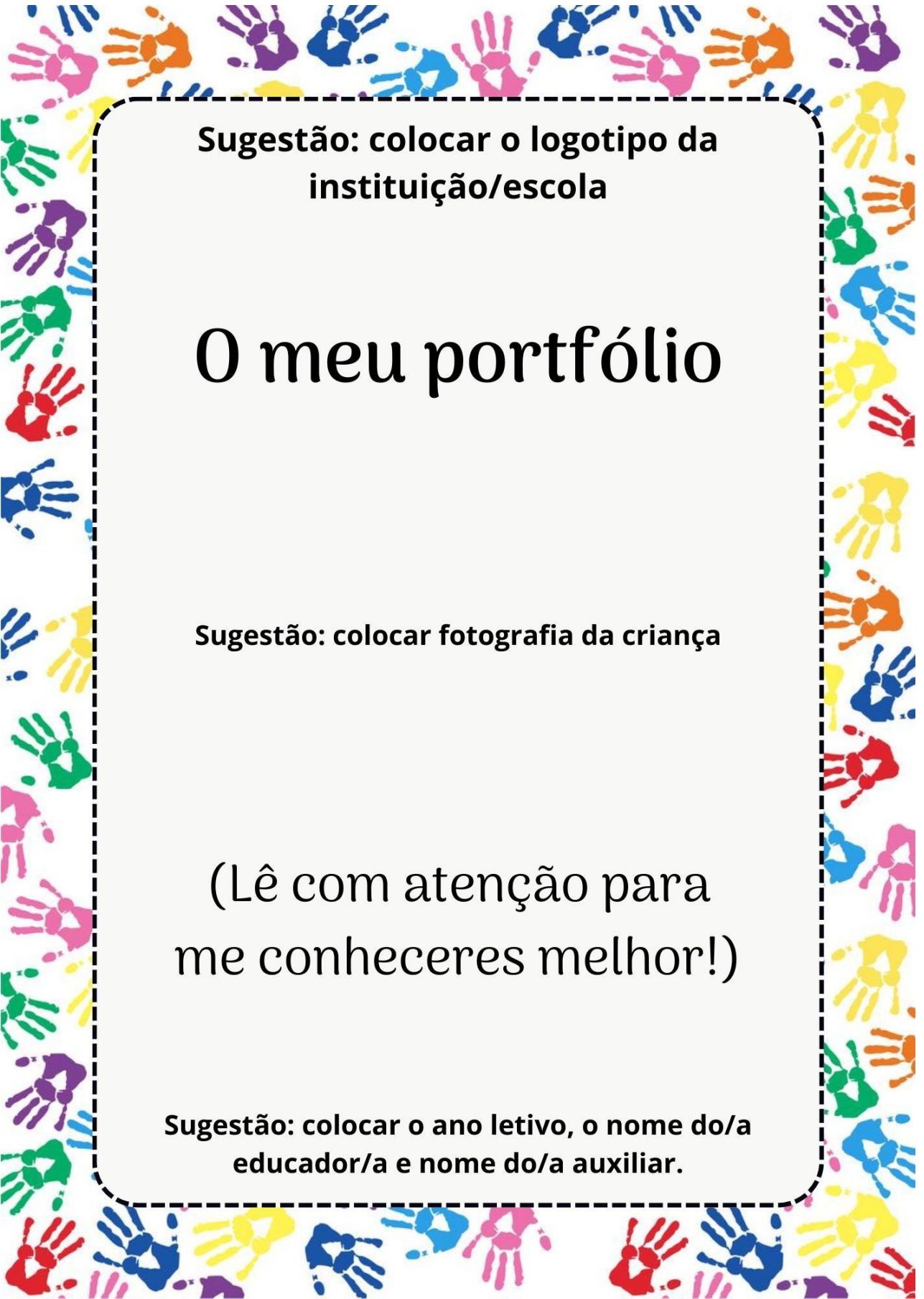
Sugestão:
"O meu portfólio"



A decorative border composed of numerous colorful handprints in various colors (red, blue, green, yellow, orange, purple, pink) arranged in a circular pattern around the central text area.

O meu portfólio

(Lê com atenção para
me conheceres melhor!)

A decorative border composed of numerous colorful handprints in shades of blue, green, yellow, orange, red, and purple, arranged in a circular pattern around the central text area.

**Sugestão: colocar o logotipo da
instituição/escola**

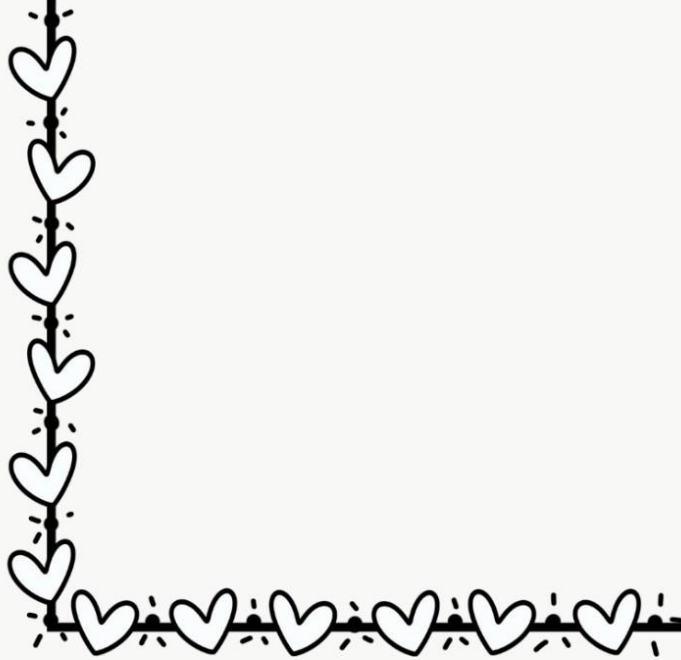
0 meu portfólio

Sugestão: colocar fotografia da criança

**(Lê com atenção para
me conheceres melhor!)**

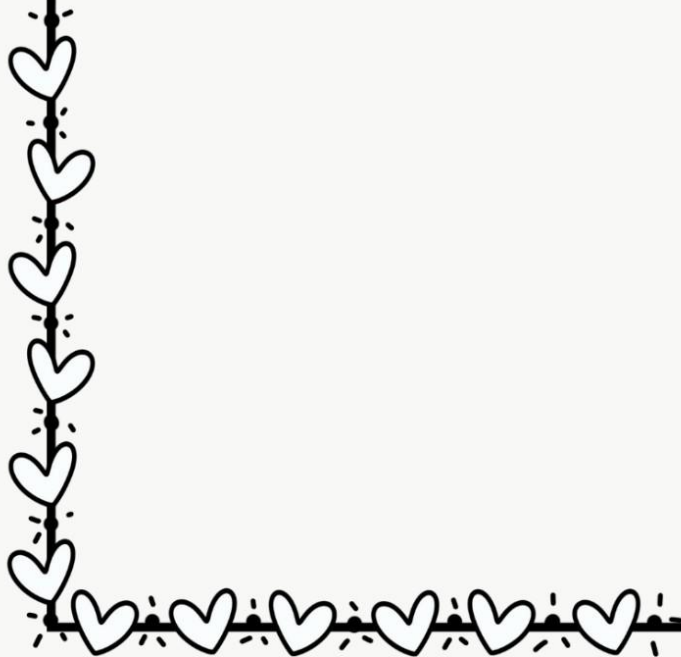
**Sugestão: colocar o ano letivo, o nome do/a
educador/a e nome do/a auxiliar.**

Este sou eu



Este sou eu

**Sugestão: pedir uma fotografia
aos pais. As crianças poderão
desenhar a sua metade e a outra
metade ser a fotografia.**



Mais sobre mim

O meu
nome

Forma de escrita para o nome, com uma linha sólida superior e uma linha tracejada inferior.



A minha data de nascimento

Linha tracejada para a data de nascimento.

Forma de escrita para a data de nascimento, com uma linha sólida superior e uma linha tracejada inferior.

A minha
cor favorita



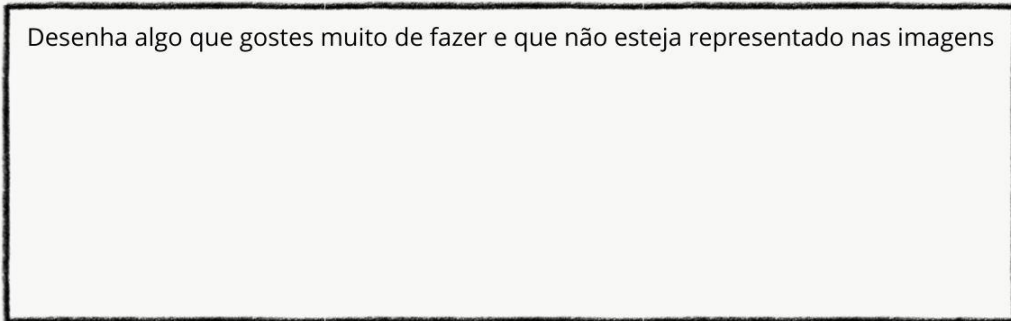
A minha comida favorita

Eu gosto muito de:

Rodeia as imagens que representam o que mais gostas de fazer.



Desenha algo que gastes muito de fazer e que não esteja representado nas imagens



Sinto-me assim quando...



A minha família



Escrito pela minha família

Escrito pelo meu educador

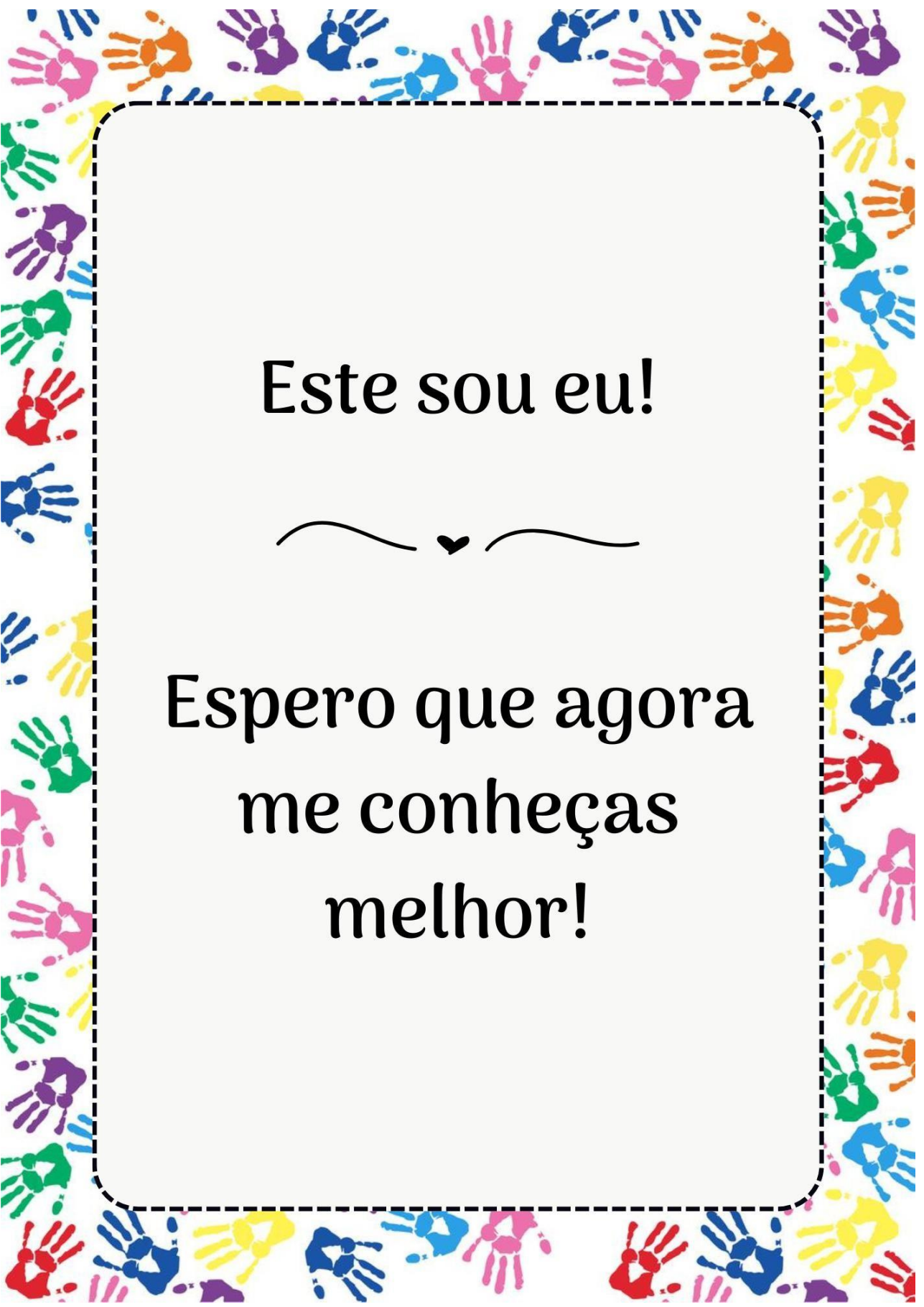
Este ano foi repleto de momentos
muito especiais

Na escola



Em casa





Este sou eu!



Espero que agora
me conheças
melhor!

Junho

8.^a proposta



Elaboração de uma canção: "A escola dos crescidos"



Objetivos

- Desenvolver a criatividade;
- Promover momentos de partilha;
- Consolidar, através de uma música, tudo o que foi abordado sobre o processo de transição.

Metodologia

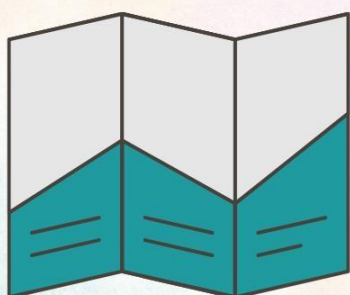
A música deve ser construída por todas as crianças, para que cada uma dê o seu parecer e a sua opinião.

Junho

9.ª proposta



Elaboração de panfleto: Panfleto para as famílias



Objetivos

- Disponibilizar informações às famílias sobre o processo de transição.



Metodologia

O principal objetivo da elaboração do panfleto, é apoiar as famílias neste processo de transição.

É determinante que as famílias não se sintam sozinhas. Os panfletos têm como objetivo facultar informações cruciais sobre o processo de transição da Educação Pré-Escolar para o 1.º Ciclo do Ensino Básico.

A transição para o 1.º ano

A transição para o 1º ano de escolaridade é um processo desafiante, tanto para a criança como para toda a família. Desta forma, é crucial existir uma adaptação por parte de todos.

Sendo algo novo, é natural que surjam dúvidas, curiosidades e expectativas.



No primeiro anos surgem inúmeras mudanças:

- ➡ A escola pode ser muito maior e ter outras regras;
- ➡ Existem várias disciplinas que requerem uma maior organização e estudo;
- ➡ Passa a haver uma maior carga horária;
- ➡ Existe uma maior carga de trabalho;
- ➡ Existirão mais colegas com várias idades;
- ➡ A criança passará a ter outro professor, com uma metodologia diferente.

É um período repleto de desafios. Contudo, se houver um trabalho colaborativo por parte de todos os intervenientes, a adaptação das crianças no 1.º ano será um verdadeiro sucesso!



- ♡ Partilhe as suas experiências;
- ♡ Converse com o seu filho sobre os medos e preocupações.
- ♡ Encoraje o seu filho a ser autónomo e responsável.
- ♡ Participe nas atividades desenvolvidas pelo/a educador/a.
- ♡ Converse com as famílias das outras crianças.
- ♡ Converse com o/a educador/a. Desta forma poderá esclarecer as suas dúvidas e conversar sobre coisas que considere pertinentes no decorrer deste processo de transição.

*A família deverá ser (para)
sempre um porto seguro!*



Junho

10.ª proposta



Reunião de pais: a importância de partilhar experiências



Objetivos

- Promover uma relação positiva e enriquecedora entre escola e família;
- Esclarecer as dúvidas que as famílias possam ter em relação ao processo de transição.



Metodologia

As reuniões de pais devem ser realizadas com alguma frequência, para que haja uma sólida relação escola-família. Contudo, considera-se crucial que numa das reuniões, perto do fim do ano, seja abordado o tema da transição. Nesta reunião podem estar também as crianças que explicarão todas as dinâmicas que executaram, porque nesta altura não haverá ninguém melhor que eles para explicarem.

Neste dia, podem ser apresentados os portfólios, tudo que foi descoberto, a entrega dos panfletos e claro, poderá haver uma apresentação da canção composta pelo grupo.

IMPORTANTE

Dar a conhecer as mudanças existentes entre as valências, o espaço e os profissionais de educação que estarão com os educandos. Este momento é crucial para que os pais esclareçam as suas dúvidas.

↪ Não se esqueça que o contributo e o envolvimento da família são cruciais para o sucesso académico das crianças.



As famílias devem sentir-se à vontade para fazerem perguntas e expressarem as suas preocupações, expectativas e ansiedades desta nova etapa.

Sugestões

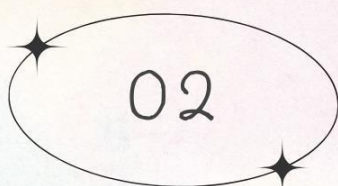
- ➔ Antes das reuniões procure compreender quais são as principais dúvidas das famílias, seja através de um questionário ou de outro método;
- ➔ Poderá fazer uma reunião em janeiro, quando iniciar as dinâmicas e outra no final do ano letivo;
- ➔ Procure iniciar cada reunião com uma atividade quebra-gelo que esteja relacionada com as crianças, como por exemplo descobrir, através de fotografias, o sorriso de cada criança;
- ➔ Tenha a certeza que todos participam ativamente, de forma a que todas as dúvidas sejam esclarecidas;
- ➔ Demonstre diariamente uma atitude de disponibilidade para ouvir/escutar o que dizem, valorizando o contributo de todos.

Sugestões caso a escola tenha as duas valências



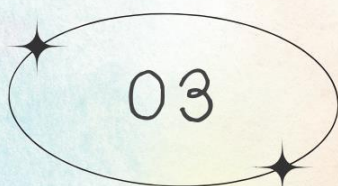
Apadrinhamento

Faça o apadrinhamento de uma criança que irá para o 1.º ano de escolaridade, com um aluno que já frequenta o 1.º Ciclo.



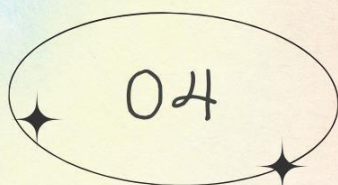
Dias festivos

Realize atividades nos dias festivos, como o dia da reciclagem, que promovam a interação das duas valências.



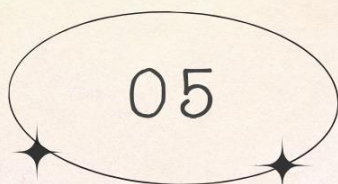
O dia ao contrário

Promova dinâmicas em que os alunos do 1.º Ciclo possam regressar às salas do pré-escolar e vice-versa.



Os ateliers

Num ou mais dias, realizar ateliers em que todas as crianças e alunos da escola realizem as atividades.



Eu partilho os meus projetos

Realizam-se com cada vez mais frequência projetos em sala de aula, seja na Educação Pré-Escolar ou no 1.º CEB. Pode promover a partilha do que foi realizado e as aprendizagens que foram adquiridas.

Pode também construir-se exposições em que os pais tenham um papel ativo.

Mudanças no currículo

Na Educação Pré-Escolar, existe um documento orientador denominado por Orientações para a Educação Pré-Escolar (OCEPE). Este foi pensado para orientar a prática do educador em todos os aspetos do ambiente educativo, respeitando sempre o grupo e a criança, individualmente.

As OCEPE estão organizadas por áreas de conteúdo e domínios, como observamos no seguinte esquema:



(OCEPE, p. 7)

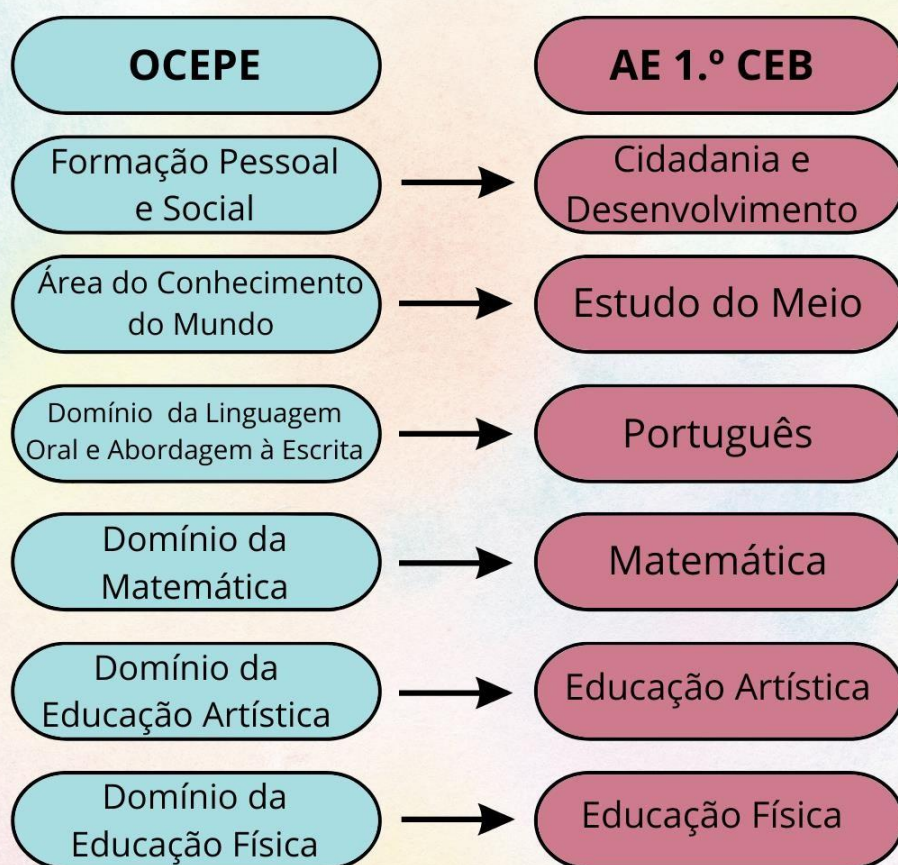
Nas áreas e domínios das OCEPE estão inúmeros saberes e conteúdos que depois terão uma continuidade no 1.º CEB.



Afinal, há ou não uma articulação entre as OPEPE e as Aprendizagens Essenciais (AE) do 1.º CEB?

O ensino e a aprendizagem na Educação Pré-Escolar são desenvolvidos de forma mais global, estando integrados nas vivências e nas realidades de cada grupo e de cada criança de forma particular. Contudo, é crucial que haja sempre uma intencionalidade educativa por parte dos educadores. No caso do processo de transição, é determinante que existam dinâmicas que promovam aprendizagens que terão continuidade no 1.º ano de escolaridade.

O esquema que se encontra de seguida, tem como objetivo ilustrar de que forma as aprendizagens, nas duas vertentes, estão interligadas.





Importante

O processo de transição, não deve implicar que as crianças realizem atividades que são características do 1.º CEB.

- ☆ A criança deve estar no centro de todo este processo de transição, experienciando oportunidades de aprendizagem que permitam fortalecer as suas potencialidade, aprimorar o que tem mais dificuldade e desenvolver a sua autoestima, resiliência, autonomia e autocontrole.

Desta forma, a criança terá adquirido ferramentas crucias para ter sucesso no 1.º ano e em todo o seu percurso escolar.

“É atendendo a cada criança e à sua individualidade que poderão ser encontradas as melhores formas de transição e continuidade.”

(OCEPE, p. 101)



Para refletir

- Converso com as famílias sobre os pontos fortes das crianças e as áreas em que ainda se está a desenvolver.
- Explico às famílias como podem apoiar as crianças durante a transição.
- Partilho com o professor de 1.º CEB informações sobre a criança.
- Agendo reuniões com as famílias para esclarecer as suas dúvidas e apoiar no decorrer deste processo.
- Converso com as crianças sobre o processo de transição, desmistificando os seus receios.
- Proporciono momentos em que as crianças conhecem o novo contexto.
- Realizo um trabalho com base na colaboração de todos os intervenientes.
- Leio histórias relacionadas com a experiência do 1.º CEB.
- Reflito diariamente sobre a minha prática pedagógica.



ERA UMA VEZ...



Uma aventura até ao 1.º Ciclo!

Um livro digital para
todos os que olham para
a Educação com o
coração!



